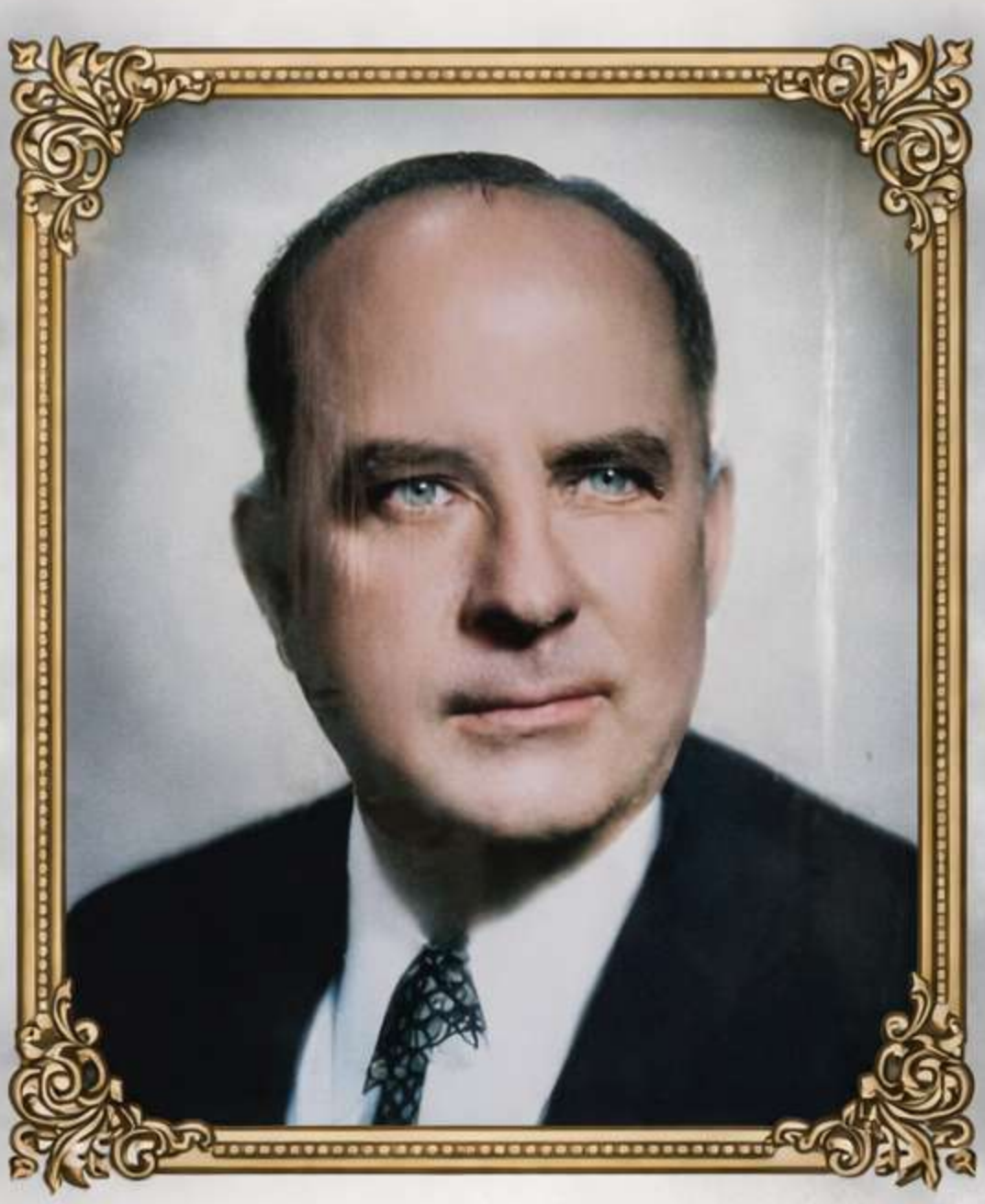
DESCONHECIDO MAS FAMILIAR

As Mínhas Aventuras na Dimensão Meditativa



ARTHUR FORD

Tradução: *Amadeu António*

DESCONHECIDO, MAS FAMILIAR

A MINHA AVENTURA NA DIMENSÃO MEDITATIVA

de Arthur Ford, 1968

Sumário

. Na Praia
. O Bem e o Mal
. Alguns Profetas Seculares
. Cientistas de Ambos os Lados
. Os Dois Corpos do Homem
. O Que Acontece Realmente numa Sessão Espírita?
. O Fim do Medo da Morte
. Aquelas Curiosidades Incríveis
. Coisas Não Tão Triviais
. As Sessões Sun Myung Moon
. Desenvolvendo Competências Psíquicas Latentes
. Cientistas, Atenção!
Notas

À BEIRA-MAR

Este livro foi escrito para convidar a humanidade a descobrir o seu próprio potencial psíquico; para sugerir a exploração de dimensões tão vastas que qualquer sondagem do espaço físico encolhe por comparação; para esboçar, em linhas gerais, essas zonas de fronteira dessa dimensão que já foram tentativamente cartografadas.

Há quarenta anos descobri, para meu completo espanto, que possuía faculdades mediúnicas. Estas afirmaram-se de tal modo que não houve alternativa senão aquilo a que Otto Rank chamou «a afirmação voluntária do obrigatório» — se estamos presos a algo, tentemos tirar o melhor partido possível. Embora isso tenha virado do avesso as minhas formas habituais de pensar e feito em cacos os planos cuidadosamente traçados para a minha vida, fui arrastado, contra vontade, para uma carreira de mediunidade.

Ao longo dos anos, a vocação que me foi imposta trouxe-me muitas recompensas, não sendo a menor delas o contacto quotidiano com coisas que a maioria das pessoas do nosso tempo consideraria extraordinárias. Ainda há poucos dias, três veteranos do Vietname, vindos de Fort Bragg,

vieram ver-me. Tinham acabado de sair de um hospital militar. Todos tinham sobrevivido a ferimentos gravíssimos. Contaram-me as suas experiências.

Seis soldados americanos encontravam-se num abrigo escavado no Vietname quando um projétil de artilharia inimiga atingiu o local. Três dos soldados morreram instantaneamente; os seus corpos ficaram tão horrivelmente destroçados que bastava um relance para perceber que a sobrevivência de qualquer deles era absolutamente impossível. Os outros três ficaram fisicamente tão gravemente feridos que só uma assistência médica imediata poderia salvá-los.

Ficaram atordoados pela concussão da explosão. Nesse estado, os três viram o corpo de um dos camaradas mortos recompor-se e erguer-se. Ouviram distintamente a sua voz dizer: «Eu morrerei, mas vocês serão salvos.» O corpo pareceu então regressar ao seu estado desintegrado. Até mais tarde, quando puderam comparar as experiências, cada um dos três supôs que tinha ficado atordoado pela explosão e que estava a alucinar.

Minutos depois, uma equipa de resgate de helicóptero chegou e levou os três sobreviventes para um hospital de campanha, salvando-lhes a vida. O piloto do helicóptero explicou como tinha chegado tão prontamente: «Voava a cerca de três mil pés quando ouvi uma voz forte junto ao ouvido: "Há três homens feridos num abrigo mesmo por baixo de si. Vá buscá-los." Estou habituado a obedecer a ordens. Desci a pique. Quando me aproximei do solo vi os homens, aterrei e recolhi-os.»

Consideremos o que este episódio — apenas um entre muitos semelhantes — implica: primeiro, a existência de algum tipo de corpo funcional para além do corpo físico; segundo, a comunicação entre pessoas consideradas mortas e pessoas vivas; terceiro, um impulso para o serviço amoroso de tal força que consegue transcender circunstâncias físicas geralmente tidas como imutáveis.

Como pode algo assim acontecer? Que aconteceu, apesar da ausência de condições laboratoriais de observação, não pode ser razoavelmente posto em causa. Sabemos que aconteceu, não apenas pela veracidade inatacável dos que o relataram, mas porque se insere firmemente numa categoria de acontecimentos que ocorrem regularmente, por vezes em condições em que

a verificação objetiva é possível. Pertence a uma classe de eventos que vêm ocorrendo desde a primeira chegada do homem à Terra e que se repetirão inúmeras vezes. Alguns, entre os quais me incluo, consideram-nos parte da lei natural que governa a natureza psicofísica do ser humano. Os parapsicólogos chamam a estes casos «fenómenos de stress no momento da morte», uma categoria delineada por um vasto corpo de provas, tanto subjetivas como objetivas.

Porque é que, se coisas tão dramáticas acontecem com tanta frequência, tão poucas pessoas do nosso tempo acreditam realmente que aconteçam? É precisamente a esta questão — e às outras que se lhe associam tão de perto — que este livro se propõe responder. Qual é a fonte da nossa obstinada e quase universal incredulidade? A quem aproveita negar rotineiramente o que é rotineiramente demonstrado? Que grande medo nos inibe de aceitar as verdades que libertariam o ser humano para um novo e mais elevado nível de consciência? O que nos impede de explorar o grande oceano à beira do qual nos encontramos? O que nos trava de avançar corajosa e francamente para a dimensão meditativa? Como as circunstâncias da minha vida me lançaram contra estas questões de um modo que as tornou incontornáveis, fui obrigado a refletir longamente sobre elas. A algumas tenho respostas.

Não estou de modo algum sozinho ao sentir que a visão materialista dominante do universo restringe e falseia a nossa compreensão da realidade. A certa altura da minha vida tive uma experiência profunda com drogas e concluí que a via das drogas termina num beco sem saída. Contudo, o impulso que põe tantos jovens no caminho da experiência numa nova dimensão é, embora no caso do uso de drogas mal orientado, autêntico e essencial para a realização última da nossa humanidade.

Trata-se de um anseio por um novo nível de ser, material e imaterial, físico e psíquico, através do qual as nossas vidas excessivamente materialistas possam ser reconduzidas ao equilíbrio. É um esforço intenso e, creio, evolutivo do ser humano para expandir a consciência para uma dimensão em comparação com a qual os alcances da exploração espacial encolhem até ao tamanho de uma bola de basebol. Esta mesma «vitamina espiritual» é também procurada, muitas vezes com êxito real, no novo interesse dos jovens pela meditação sem drogas. É certamente o tema da

Spiritual Frontiers Fellowship, a sociedade de exploração interior que absorveu grande parte do meu interesse e esforço nos últimos anos.

Embora, desde pequeno, sempre me tivesse parecido ter uma noção bastante clara do que as pessoas à minha volta estavam a pensar, presumi que todos tinham tais perceções e não me sentia de modo algum «diferente». Não tive experiências que tivesse de classificar claramente como «psíquicas» até aos vinte e dois anos. Nasci em Titusville, Florida — população trezentos habitantes — e passei a infância em Fort Pierce, no mesmo estado. A minha mãe, embora muito batista, permitiu que eu fosse batizado na igreja do meu pai, que era capitão de barco a vapor e um daqueles episcopalianos fervorosos que não frequentam a igreja.

Grande parte da minha infância girou em torno da igreja batista. Aos doze anos tocava piano nas reuniões de jovens e era mais ou menos dado como certo que seguiria o ministério. Contudo, aos dezasseis anos fui excluído da Igreja Batista por causa de certas noções unitárias que, na opinião dos mais velhos, haviam corrompido a minha fé batista. Em 1917 ingressei na Igreja Cristã e matriculei-me na Universidade de Transylvania, em Lexington, Kentucky. Quando a América entrou na Primeira Guerra Mundial, alistei-me no exército e fui enviado para Camp Grant. Foi aí que me sobreveio a minha primeira grande experiência psíquica.

Durante o auge da epidemia de gripe de 1918, vários soldados de Camp Grant morriam da doença todas as noites. Certa manhã acordei com os nomes dos que tinham morrido no campo durante a noite escritos nitidamente diante dos meus olhos. Quando unidades da minha divisão foram enviadas para combate em França (eu não fui enviado para o estrangeiro), sonhei — com infalível exatidão — as listas de baixas antes de serem publicadas.

Fiquei profundamente perturbado com este novo «dom» não solicitado. Quando regressei a Transylvania em 1919, procurei a ajuda de um professor de psicologia amigo e erudito. Nos anos seguintes, sob a sua orientação, aprendi a maior parte do que então se sabia sobre parapsicologia. Muito disso estava registado nas atas da Society for Psychical Research da Grã-Bretanha (estes arquivos continuam a ser uma fonte de informação inestimável). Entretanto, continuei a minha preparação para o ministério. Fui

ordenado aos vinte e cinco anos. Depois de servir uma paróquia no Kentucky, casei-me por breve e insatisfatório período e divorciei-me. A essa altura, a minha mediunidade ocupava cada vez mais a minha vida. Em 1924 fui para Nova Iorque, onde me vi muito requisitado para aparições públicas como palestrante e demonstrador de fenómenos psíquicos.

Quando tinha vinte e sete anos e começava a ganhar suficiente domínio dos meus recursos psíquicos para sentir alguma segurança em conduzir sessões e aparições públicas com alguma regularidade de êxito, adquiri um parceiro muito importante no meu trabalho. Aconteceu de forma silenciosa, abrupta, sem preliminares — na verdade, sem que eu o soubesse, pois encontrava-me em transe na altura e nunca me recordo de nada do estado de transe, que no meu caso se assemelha a um sono sem sonhos.

Numa das minhas sessões desse período, uma personalidade desencarnada que se identificou simplesmente como «Fletcher» anunciou que, dali em diante, funcionaria como meu parceiro permanente no plano invisível. Em todas as sessões desde então, Fletcher surge invariavelmente primeiro e abre os trabalhos apresentando-se. Depois atua como mestre-de-cerimónias, preparando o caminho para quaisquer convidados desencarnados que possam ter sido atraídos para a sessão em causa.

Durante várias sessões desse período, Fletcher deixou cair fragmentos de informação sobre si próprio. Estes foram-me transmitidos até que, por fim, passei a saber bastante sobre o meu parceiro invisível. Verificou-se que Fletcher tinha sido um dos jovens franco-canadianos (os assistentes dizem-me que ainda fala com sotaque francês) que viviam do outro lado do rio em frente à casa da minha infância na Florida. A sua família mudara-se depois para o Canadá. Fora recrutado na Primeira Guerra Mundial e morrera em combate. Para que tudo pudesse ser verificado, forneceu nomes e endereços da sua família «do lado da Terra», bem como pormenores das suas unidades e do seu registo militar. A existência de uma pessoa assim, correspondendo em todos os pormenores às informações dadas por Fletcher sobre si próprio, foi confirmada em registos existentes.

Pouco depois do início da minha associação com Fletcher, os acontecimentos projetaram-nos para manchetes mundiais. O mágico Harry Weiss, conhecido como Houdini, fora um artista célebre durante a década de

1920 e é considerado um dos maiores de todos os tempos na arte da magia. Após a morte da sua mãe, a quem era profundamente ligado, tentou comunicar com ela através de médiuns. Este campo estava (e está) por vezes manchado por fraude. Houdini, homem difícil de enganar, ficou furioso e lançou uma campanha de denúncia de médiuns falsos que fez manchetes repetidas vezes. Contudo, tinha visto o suficiente para admitir a possibilidade de que nem todos os médiuns fossem fraudulentos e de que a comunicação espiritual pudesse ser possível.

Antes de morrer (em 1926), combinou com a esposa, Beatrice, que quem morresse primeiro comunicaria com o sobrevivente — se a comunicação se revelasse possível — por meio de um código que haviam usado para transmitir informação durante um dos seus primeiros números de vaudeville. Tratava-se de um conjunto complicado de sinais que usava uma canção popular antiga como chave e que apenas eles conheciam. Num caso que desde então se tornou um dos clássicos da parapsicologia, Fletcher começou, numa série de sessões iniciadas em Fevereiro de 1928, a transmitir mensagens que afirmava serem de Houdini. A notícia foi uma sensação imediata na imprensa.

Todas as sessões após a primeira contaram com a presença de um editor da Scientific American — onde o caso foi posteriormente publicado na íntegra — e foram registadas por um estenógrafo. Beatrice Houdini testemunhou, quando a longa sequência se completou, que a mensagem era aquela que ela e o falecido marido haviam acordado e que fora transmitida no seu código privado. Fletcher e eu tornámo-nos mundialmente famosos de um dia para o outro. Fomos elogiados na imprensa de dois continentes — e denunciados por céticos de costa a costa. Só em 1967, quando Fletcher e eu estabelecemos comunicação entre o bispo James Pike e o seu filho desencarnado, é que uma demonstração de realidade psíquica voltou a atrair atenção pública tão universal.

O caso Pike será relatado em pormenor — juntamente com detalhes até agora inéditos — no lugar apropriado mais adiante neste livro. A nossa narrativa levou-nos, até aqui, ao limiar da década de 1930 — uma década que se abriu, para mim, com um desastre quase indizível.

Em 1931 regressava de umas férias na Carolina do Sul com a minha irmã mais nova, Edith, e uma amiga dela chamada Grace, quando um camião em excesso de velocidade se despistou e embateu contra nós. Edith morreu instantaneamente, Grace morreu poucas horas depois, e eu fui levado para o hospital com possibilidades de recuperação incertas. Durante uma longa convalescença, um jovem médico, tendo sabido que eu supostamente tinha capacidades psíquicas, iniciou experiências psíquicas enquanto eu estava inconsciente devido à morfina que me administrara para aliviar a dor. O médico interessou-se tanto por essas experiências que prolongou a dosagem de morfina para além do necessário. O resultado foi que saí do hospital como um toxicodependente involuntário.

Horrorizado com o que acontecera, suportei a excruciante separação «a frio». Fiquei livre da morfina, mas a abstinência deixou-me um destroço nervoso, trémulo. Passaram semanas e eu não conseguia acalmar-me. Por fim, outro médico, um homem bondoso, sugeriu o uso moderado de álcool. Para mim foi uma ideia nova — nunca tinha bebido. O álcool, descobri, curava os tremores — se tomado em quantidades suficientemente grandes. Isto conduziu a uma segunda dependência e a outra necessidade urgente de cura. Descrevi noutro lugar a experiência espiritual exaltante através da qual finalmente encontrei alívio da dependência alcoólica.[1] Tudo o que aqui importa dizer é que ela serviu para sublinhar a diferença, tantas vezes obscurecida na mente do público e dos seus conselheiros espirituais profissionais, entre o facto psíquico e o crescimento espiritual.

Todos, sejam bons ou maus, humildes ou exaltados, inteligentes ou estúpidos, continuarão, após a morte biológica, a viver como uma entidade pessoal capaz de pensamento e ação independentes e dotada de memória — isto é um facto psíquico. Por falta desta compreensão, muitos milhões, incluindo milhares de padres e pastores, ou percorrem mecanicamente e ateisticamente ritos religiosos que já não têm significado para eles, ou abandonam esses ritos por completo.

E todos, qualquer que seja o seu nível de compreensão psíquica, têm de, se quiserem realizar o seu verdadeiro potencial enquanto pessoas, trabalhar para ascender da inveja, da ganância, do medo, do orgulho, do ressentimento e das outras emoções destrutivas para o amor, a compreensão, a compaixão e as outras emoções harmoniosas — isto é crescimento espiritual.

O medo dificulta esse crescimento. A vida não pode ser vivida com liberdade e abundância quando se vive num medo diário, até horário, da extinção. O maior presente para a vida é a remoção do medo da morte: esta é a convicção das mais finas almas dotadas de faculdades psíquicas que encontrei em quarenta anos de mediunidade. É o pensamento dos caminhantes sobre o fogo da Índia hindu; vi-os caminhar incólumes por uma longa vala de brasas tão quentes, após dias de serem atiçadas, que pessoas comuns não conseguiam aproximar-se a menos de três metros sem se queimarem.

É o pensamento dos feiticeiros do vodu nas selvas haitianas; estive presente quando manifestaram uma força psíquica esmagadora. É o pensamento dos grandes investigadores psíquicos de orientação intelectual; trabalhei com Oliver Lodge e Conan Doyle quando ainda estavam «deste lado» e, através de Fletcher, depois de terem «passado». Fui ligado ao mesmo equipamento eletrónico usado em astronautas, para aprender algo sobre medicina espacial. Com os melhores destes cientistas, a mensagem foi sempre a mesma: a vida continua depois daquilo a que temos chamado morte.

Este é um conhecimento muito antigo, hoje obscurecido apenas por uma das vagas de materialismo que periodicamente inundam a humanidade, e por interpretações tragicamente erradas. Os teólogos, com poucas exceções, falharam as nascentes psíquicas das grandes religiões do mundo. Definiram como proibições estritas advertências originalmente destinadas a salvaguardar a pureza do fluxo psíquico.

Um exemplo é esta admoestação do Antigo Testamento, em Levítico: «Não vos volteis para médiuns.»

Será esta uma proibição que pessoas razoáveis devam observar no nosso tempo?

Vejamos.

O BEM E O MAL

A ideia de experiência psíquica provoca em algumas pessoas uma reação de medo, por vezes baseada apenas em superstição, por vezes bem fundamentada. Talvez não seja descabido, por isso, inserir aqui uma palavra sobre influências psíquicas benignas e malignas. Será uma palavra tranquilizadora. Em quase meio século de experiência com fenómenos psíquicos, nunca conheci ninguém que, tomando certas precauções, se tivesse metido em sarilhos.

«Cada ciência», escreveu St. Clair Stobart, «tem o seu instrumento especial de investigação. A faculdade psíquica é, para o estudo do espírito, o que o telescópio é para o estudo das estrelas.»[2] Faz tanto sentido negar a existência dos anéis de Saturno e recusar usar um telescópio (como fizeram os acusadores de Galileu) como negar a dimensão do espírito enquanto se recusa exercitar a função psíquica.

Se trocarmos o telescópio por um microscópio, a comparação torna-se ainda mais pertinente. Os bacteriologistas, ao lidarem com bactérias benignas e malignas, protegem-se por uma técnica chamada assepsia. Na exploração espiritual, a proteção é uma certa atitude de espírito — chamemos-lhe elevação de intenções. Pessoas de boa intenção atraem proteção psíquica adequada.

Não se evitam forças psíquicas hostis evitando o desenvolvimento psíquico. Durante vários anos, Leeuwenhoek foi o único ser humano que «acreditou» em micróbios, embora essas entidades exercessem regularmente a sua influência, por vezes em escala epidémica. A pobreza atual de compreensão psíquica, combinada com o historial de desastre espiritual e psicológico do nosso século, evidencia suficientemente o paralelismo.

Foi algum tempo depois de ter feito a desconcertante descoberta da minha própria aptidão psíquica que comecei a apreciar plenamente até que ponto este tipo de capacidade (omitindo por agora o factor da qualidade) influenciou o desenvolvimento do homem — explicando, de facto, a sua natureza essencial. Tudo o que é realmente valioso teve origem em fenómenos psíquicos — todas as artes, a maior parte das ciências, a maior parte das filosofias, todas as religiões.

Os praticantes dessas artes mais elevadas sempre tiveram de lidar com forças malignas. Na verdade, a evolução espiritual pode ser descrita, da forma mais simples, como o conflito entre o bem e o mal. «Conhece-te a ti mesmo» era o lema do Oráculo de Delfos. «Tira primeiro a trave do teu olho», aconselhava Jesus, «e então verás melhor para tirar o argueiro do olho do teu irmão.» Uma conhecida associação do século XX dedicada ao progresso espiritual sugere um «inventário moral destemido e minucioso» de si próprio.[3] Moisés, antes de poder alcançar o pleno uso dos seus muito grandes poderes psíquicos, suportou uma dolorosa confrontação solitária com o facto de ter tirado uma vida humana.

A razão era, em todos os casos, a mesma — proteção contra o mal. E, mesmo dentro das perceções limitadas da psicologia do século XX, isso é sensato. Um dos maiores perigos espirituais é a condição desprotegida resultante do que os psicólogos chamam projeção. O comunista fanático culpa todos os seus problemas no capitalista ganancioso; o capitalista, no comunista ímpio; o nazi, no judeu; o membro do Ku Klux Klan, no negro; o negro, no «branco», enquanto cada um comete crimes de que não tem consciência. Estes atraem retaliações para as quais não estão preparados. Como protege a consciência dos próprios traços mais baixos? Conhecer o mal em si mesmo capacita-nos para o reconhecer noutros e tomar as medidas adequadas. A minha experiência no trabalho psíquico sugere que quem se aproxima da aventura com honestidade, boa vontade, esperança e alguma compreensão das suas próprias limitações não sofrerá danos por causa dela.

O primeiro indício registado de uma capacidade psíquica clara, soube eu com fascínio, remonta a mais de oito mil anos, por volta de 6700 a.C. Foi reconfortante, no tempo da minha primeira confusão perante as coisas que me começaram a acontecer, aprender que os escritos religiosos do mundo, quando lidos com um mínimo de entendimento parapsicológico, se revelavam em grande parte simples registos das verdadeiramente grandes mediunidades da história.

Estas crónicas têm dois grandes objetivos — mostrar que a personalidade humana sobrevive à morte e registar que, em certas circunstâncias, materiais físicos são manipulados por forças psíquicas não físicas. O método é uma simples acumulação de prova bem atestada. A

linguagem, sobretudo no Antigo Testamento, é muitas vezes a de um povo recetivo mas pouco cultivado. Contudo, a natureza dos acontecimentos registados não pode ser mal interpretada por quem tenha sequer um contacto casual com acontecimentos psíquicos no nosso tempo.

Segundo o célebre erudito francês d'Olivet, a tradição religiosa ocidental começa com a lendária sacerdotisa bárbara Voluspa, cuja capacidade psíquica a levou a destacar-se entre as tribos nómadas das estepes do Leste europeu no sétimo milénio antes de Cristo. A sua primeira avassaladora «mensagem espiritual» — ou, na linguagem da parapsicologia de hoje, a aparição luminosa de um desencarnado — foi um apelo contra o suicídio racial. Enquanto dois chefes rivais percorriam os preliminares verbais do combate, Voluspa sentiu-se «prestes a desmaiar, mas ainda consciente» (uma boa descrição do estado mental que antecede alguns acontecimentos psíquicos).

Ouviu chamarem-lhe o nome, ergueu os olhos e viu um guerreiro resplandecente que lhe ordenou que se atirasse entre os dois comandantes em disputa (o seu marido e o seu irmão), que impedisse o massacre intertribal que se preparavam para desencadear e que voltassem a atenção para o poderoso inimigo que ameaçava ambas as tribos. Voluspa obedeceu. A sua mensagem veio tão carregada de espírito, o seu desfecho foi tão bem-sucedido e as suas mensagens subsequentes tão iluminadoras que ela se tornou alta sacerdotisa de uma religião tribal dominada por mulheres. Estas primeiras profetisas, diz d'Olivet, proferiam as suas mensagens em frases rítmicas que forneceram a base dos primeiros metros formais da poesia.[1]

O meu ego masculino não ficou descontente ao descobrir que os homens não demoraram a tomar a iniciativa psíquica. As mulheres (escreveu d'Olivet) descobriram que nem sempre podiam governar pela verdade e passaram a governar pelo terror. Sob o pretexto de que, de tempos a tempos, era necessário enviar mensageiros aos antepassados tribais para lhes levar notícias dos seus descendentes, Voluspa instituiu o sacrifício humano. Nove vítimas por dia eram assim despachadas em cerimónias de nove dias realizadas de nove em nove meses. Um jovem chamado Rama — estudioso, refletido, com inclinação para a religião — deixou o país para viajar por todo o mundo então conhecido e aprender o que pudesse. Ao regressar à Europa, ficou consternado com a extensão que o culto sangrento do

sacrifício humano tinha alcançado. Formou-se então um novo culto em torno dos grandes poderes psíquicos do próprio Rama — ele era curador.

Esta divisão entre os que favoreciam tais «abominações» como a prostituição sagrada e o sacrifício humano e os que não as favoreciam explica — vim eu a descobrir — muitas das indignadas invectivas dos profetas do Antigo Testamento. Na época dos grandes líderes hebreus éticos e humanitários (1800 a.C. e depois), horrores cometidos em nome da religião eram tão comuns na Ásia Menor que o povo de Israel tinha de ser continuamente advertido contra eles. As primeiras admoestações severas aparecem no livro bíblico de Levítico.

O Senhor, instruindo Moisés sobre o que devia ser ensinado aos filhos de Israel, diz que os seguintes tipos de pessoas devem ser condenados à morte: os que entregam os filhos a Moloque para serem queimados, os que praticam quaisquer dos muitos tipos de irregularidades sexuais, e «qualquer homem ou mulher que seja médium ou feiticeiro». Isto apesar de Moisés ter ele próprio faculdades mediúnicas (ouvia vozes — era, no termo moderno, clariaudiente — e produzia escrita automática) e de toda a cadeia dos grandes profetas hebreus ser composta por médiuns altamente dotados!

A variedade de talento psíquico no Antigo Testamento é esmagadora. Abraão ouvia vozes, entrava em transe e tinha visões significativas. Jacob manifestava desencarnados fisicamente e conversava com eles. José era fortemente precognitivo e conseguia interpretar sonhos. Balaão era clarividente e clariaudiente; Gedeão também. Eliseu era precognitivo. Elias tinha todos estes poderes e, além disso, podia produzir aportes — o transporte instantâneo de objetivos para pontos designados e por vezes distantes.

Ou é tudo o mais ultrajante disparate, ou é uma descrição simples e factual de fenómenos psíquicos. Quanto a mim, a minha experiência direta não me deixa escolha senão reconhecê-la como a segunda hipótese. A consulta de Saul à médium de Endor — uma transação típica do Antigo Testamento — é bastante moderna no tom. É o tipo de coisa que acontece diariamente com médiuns do nosso tempo e que aconteceu inúmeras vezes no meu próprio apartamento. Alguém deseja uma sessão para comunicar com um desencarnado específico por uma razão específica. O médium nunca

conheceu o consulente antes e, no início da sessão, nada sabe sobre ele. A sessão, como acontece frequentemente, é bem-sucedida: o desencarnado desejado manifesta-se, o diálogo pretendido tem lugar, a sessão termina.

À medida que a minha experiência em matérias psíquicas se alargou, fui compreendendo cada vez mais a repulsa do Antigo Testamento por «médiuns e feiticeiros». Deus sabe que não sou pudico — não poderia ser; o meu próprio percurso está demasiado manchado de erros. E, quando temos prostituição sagrada e sacrifício humano, pelo menos não é sob auspícios eclesiásticos, o que significa que estamos bastante melhor do que nos tempos do Antigo Testamento.

Ainda assim, há médiuns praticantes neste país, pessoas de capacidade psíquica autenticamente comprovada, a quem eu não recomendaria recorrer, por serem ignorantes, supersticiosas, moralmente medíocres e, em alguns casos, cruéis. O talento psíquico, sabiam-no perfeitamente os antigos, não é garantia de retidão moral. Distinguindo entre médiuns de ética fraca e os de nobreza transcendente, chamavam a estes últimos «profetas». Algumas das pessoas mais nobres que alguma vez conheci tinham dons psíquicos, e algumas das mais corruptas também. A certa altura, o melhor médium de Inglaterra estava na prisão por roubo (e culpado, ainda por cima)!

As minhas indagações sobre a história do dom psíquico tomaram então um novo rumo. Enquanto os grandes hebreus exploravam de forma tão dramática as dimensões meditativa e espiritual, esse desenvolvimento incrível — o intelecto grego — vivia aventuras comparáveis na península pedregosa que forma a fronteira ocidental do mar Egeu. O grande psíquico grego foi Pitágoras; a sua inspiração prolongou-se através de Sócrates, Platão e Plotino até Jesus e Paulo. Esta fusão da experiência psíquica hebraica e grega deu ao mundo o Cristianismo, uma religião fundada (e que se afastou) da mais espantosa mediunidade da história, a de Jesus.

O nome de Pitágoras é conhecido de qualquer aluno, pela sua associação ao teorema que descreve as relações entre os quadrados dos lados de triângulos. Pitágoras nasceu na ilha grega de Samos por volta de 582 a.C. Durante uma visão que lhe ocorreu quando era jovem, viu e pressentiu verdades cósmicas que lhe pareceram inexprimíveis por meios comuns. Tentou exprimi-las em matemática, e esse esforço conduziu às descobertas

fundamentais da geometria e da trigonometria. Ávido de perceções ainda maiores, foi para o Egipto e estudou durante vários anos com os principais psíquicos egípcios. Feito prisioneiro numa das guerras, foi enviado para a Babilónia, onde dominou os conhecimentos dos eruditos psíquicos persas, os Magos. Por fim, ao cabo de trinta e quatro anos, regressou à Grécia, com as suas grandes capacidades a aproximarem-se do auge. Reavivou o antigo oráculo de Delfos, abolindo os costumes decadentes do lugar e instalando médiuns que sabia, pelos seus estudos, serem da mais alta qualidade.

Depois viajou pelas povoações gregas e romanas em torno do Mediterrâneo, fundou instituições que, numa época posterior, teriam sido chamadas igrejas, continuando as suas investigações sobre a estrutura do universo (via claramente as relações entre os seus aspetos materiais e não materiais) e encorajando outros a fazerem o mesmo. As descobertas matemáticas prosseguiram e foram também formulados os princípios harmónicos que governam os sons musicais. E a mediunidade atingiu um elevado nível de eficácia. A religião de Pitágoras foi uma força poderosa e elevadora durante dois séculos e meio.

O ministério de Jesus foi a mais sublime mediunidade da história. Jesus foi, sem dúvida, um mestre e profeta divinamente inspirado, numa missão cósmica e evolutiva. Foi também — como outro grande psíquico, João Batista, logo percebeu — um médium de poderes muito grandes. Apesar da sua própria profecia de que «fareis obras ainda maiores», e apesar de fenómenos semelhantes aos que ele produziu estarem a ocorrer hoje, as obras psíquicas de Jesus ainda não foram igualadas por nenhum outro médium individual.

Se se aceitar, como eu aceito, a hipótese de que Jesus foi um médium, levanta-se uma questão interessante. A maioria dos médiuns tem entidades de controlo. Quem foi a entidade de controlo de Jesus? Teria sido Abraão (ele chegou a assegurar a uma audiência que conhecia esse patriarca)? Teria sido Moisés ou Elias (ambos se materializaram uma vez e conversaram com ele na presença de três discípulos)? Ou teria sido — como eu creio — o próprio Ser Cósmico: o Espírito Santo, Deus? Teólogos posteriores apresentaram-no como o «único» filho de Deus; o próprio Jesus assegurou-nos que todos podíamos ser filhos de Deus — não fez reivindicações de exclusividade. Aos que estivessem dispostos a seguir o regime que sugeriu, prometeu enviar o

Espírito da Verdade, que conduziria, através da experiência de crescimento, a «toda a verdade».

Jesus sublinhou repetidamente que os fenómenos psíquicos nunca deviam ser tomados como fins em si mesmos, mas apenas como ilustrações do facto de que o universo é essencialmente espírito e não essencialmente matéria. O seu conhecimento familiar de um mundo espiritual que vive pela eternidade é muitas vezes sugerido, de forma particularmente impressionante, pela sua descrição natural dos desencarnados Lázaro (um mendigo na sua vida terrena) e o antigo homem rico, terminando com a profecia — que certamente se cumpriu — acerca daqueles que não acreditariam mesmo que viessem mensagens «dos mortos».

Os «milagres» registados de Jesus — uma designação imprópria, já que estes acontecimentos se realizam segundo leis naturais ainda insuficientemente estudadas — enquadram-se, sem exceção, em categorias relatadas e autenticadas com regularidade na investigação psíquica moderna. Talvez os mais impressionantes sejam os «aportes» — aparições, como o vinho em Caná, os pães na convocatória, a moeda na boca do peixe para apaziguar o cobrador de impostos — de materiais que não estavam ali um instante antes. Numerosos exemplos, um deles a emergência de moedas do mar, muito à maneira do Novo Testamento,[1] são registados no nosso tempo. Eu próprio testemunhei acontecimentos desse tipo e, uma vez, encontrei na minha própria mão, ali colocado instantaneamente por uma agência não física, em público e em plena luz do dia, uma pedra semipreciosa.

O famoso episódio de andar sobre as águas é um caso de levitação, fenómeno conhecido, no que toca a objetivos físicos, por milhares de famílias contemporâneas que experimentaram a «inclinação de mesas»,[5] e, no que toca a corpos humanos, por qualquer investigador sério do campo psíquico.[4] A telecinesia — o movimento de objetivos físicos por meios não físicos — é uma das ocorrências psíquicas «físicas» mais comuns do presente. O rolar da pedra do túmulo de Jesus foi um exemplo do Novo Testamento. Materializações e desmaterializações completas (a Ressurreição e as aparições posteriores de Jesus) nunca foram comuns, mas foram testemunhadas de modo fiável no nosso tempo. O murchar da figueira foi reproduzido, na substância, sob os mais rigidamente supervisionados auspícios científicos, neste mesmo ano.[7] Que Jesus era clarividente é indicado

pela facilidade com que compreendeu a situação de vida da mulher da Samaria (a clarividência é, no nosso tempo, o mais amplamente demonstrado e mais cientificamente atestado dos dons psíquicos[6]). Que Jesus era precognitivo e um recetor telepático sensível (dons não invulgares entre a população atual da Terra[8]) é mostrado pelas suas previsões da própria execução e pelo seu conhecimento instantâneo do que os discípulos estavam a pensar. Quanto às suas «curas milagrosas», qualquer hospital moderno que disponha de um capelão orientado para o psíquico — e há muitos — pode apresentar registos clinicamente comprovados não menos espantosos.

Que os fenómenos psíquicos iniciados na pré-história — clarividência, clariaudiência, aportes, telecinesia, telepatia, materialização, visões significativas, comunicação com desencarnados através de mediunidade em transe — continuam, numa sequência ininterrupta, até aos nossos dias, é um facto registado. Disse pouco, nesta síntese sumária, sobre os grandes psíquicos do Oriente — o lendário Krishna, Lao Tsé, Buda — ou sobre o Islão, a Pérsia, o Egipto, o Peru, ou os povos ditos primitivos. O testemunho de todos é unânime e aponta no mesmo sentido: há mais no universo do que alguma vez poderá ser conhecido através dos cinco sentidos físicos, ou de qualquer extensão instrumental desses sentidos.

Na tradição cristã, como em todas as outras, a evidência prossegue a partir do ponto em que a deixámos: glossolalia (falar em línguas) e luzes astrais (línguas de fogo) — ambos fenómenos relatados no nosso tempo — surgiram quando os primeiros cristãos aguardavam um sinal no Pentecostes. Pedro e os outros discípulos desenvolveram o dom da cura e a precognição. Jesus apareceu a Paulo em forma espiritual e recrutou-o para o novo movimento religioso. Paulo, o grande organizador de igrejas, incorporou os fenómenos psíquicos nas próprias pedras basilares da Igreja Cristã com estas palavras na Primeira Epístola aos Coríntios (12:28): «primeiros apóstolos, segundo profetas, terceiro mestres; depois operadores de milagres, depois os que têm dons de curar, os que ajudam, os que administram, os que falam em várias línguas».

Contudo, quando a Igreja se tornou uma poderosa instituição mundana, ocorreu uma mudança catastrófica. O tipo de acontecimento psíquico que dera origem à Igreja passou agora a ser visto com extrema suspeita. Os fenómenos psíquicos que ocorreram após os primeiros séculos d.C. eram

extremamente suspeitos, quando não considerados obras do diabo. Exibir capacidade psíquica tornou-se perigoso; alguns psíquicos dotados tornaram-se santos, outros foram queimados como hereges, e era difícil prever para que lado a bola iria cair. As autoridades eclesiásticas consideravam-se intermediários divinamente nomeados entre o homem e Deus. Aproximar-se de Deus diretamente, ou sequer afirmar que isso era possível, era perverso. Ter perceções radicalmente diferentes das dos dignitários da Igreja podia ser punido com a morte.

Alguns grandes psíquicos sobreviveram a todos os perigos e são lembrados como santos luminosos. O século XIII trouxe Francisco de Assis, com as suas levitações, visões extáticas e, por fim, os seus estigmas. O século XV produziu Joana — mais tarde Santa Joana — d'Arc, que era clarividente, clariaudiente e precognitiva. Joana era recetiva telepaticamente e considerava estar em comunicação com espíritos. Como obtinha informação e controlava acontecimentos de formas que não podiam ser explicadas por meios físicos, os seus contemporâneos aceitaram a sua palavra.

Joana foi declarada bruxa, queimada na fogueira aos dezanove anos e, depois, cerca de cinco séculos mais tarde, declarada santa. Tanto psíquicos bons como maus pisaram solo francês no tempo de Joana. Um dos seus contemporâneos foi o notório Senhor de Retz, que conduzia missas negras, raptou e matou mais de uma centena de crianças em sacrifícios humanos e, certa vez, esteve quase a ser espancado até à morte por forças psíquicas «poltergeist» que projetavam objetivos pesados.

Santa Teresa de Ávila, freira, surgiu em Espanha no século XVI. As suas capacidades psíquicas incluíam escrita espiritual, escrita automática, clariaudiência, levitação, materialização — e uma inteligência excecionalmente aguda. Uma vez que um dos objetivos deste capítulo é indicar que coisas que aconteceram há muito também acontecem hoje, e uma vez que a levitação do corpo humano sempre foi rara, vale a pena referir que um psiquiatra americano, viajando em Itália em 1960, enviou notícia de um monge que levitava regularmente durante a missa, para grande contrariedade dos seus superiores eclesiásticos.

Para que esta passagem não pareça excessivamente católica, note-se que os protestantes também produziram abundância de psíquicos dotados.

Na Inglaterra do século XVII, George Fox ouvia vozes, entregava-se à orientação de uma luz interior, realizava reuniões tão carregadas de poder psíquico que o edifício estremecia, teve visões e passou um total de oito anos na prisão, sobretudo por interromper serviços da Igreja de Inglaterra e por se recusar a tirar o chapéu quando lhe era ordenado. Precognitivo, Fox previu a Revolução de 1688 e o Grande Incêndio de Londres. Era clarividente, entrava em transe e era curador. O século XVIII trouxe Emanuel Swedenborg, que passou cinquenta e seis anos a tornar-se um dos grandes cientistas naturais reconhecidos do mundo antes de se dedicar ao exercício dos seus poderes psíquicos.

Entre os grandes psíquicos de todos os tempos, Swedenborg deu uma das demonstrações mais claramente probatórias de clarividência de que há memória. Numa tarde de sábado, em 1759, Swedenborg, enquanto visitava Gotemburgo, «viu» que Estocolmo, a trezentos milhas de distância, estava a arder. O fogo espalhou-se rapidamente, queimou a casa de um amigo e ameaçava a sua própria residência em Estocolmo quando, por volta das 20h00, foi extinto. Na terça-feira de manhã, a notícia do incêndio chegou a Gotemburgo vinda de Estocolmo; tinha sido, naturalmente, exatamente como Swedenborg o descrevera.

Alexander Campbell (1788–1866), cofundador da Igreja dos Discípulos de Cristo, insurgiu-se contra dar demasiada atenção aos fenómenos psíquicos — e, no entanto, ele próprio possuía capacidade psíquica que se expressava em visões e premonições. Numa noite de 1807, Campbell sonhou que o navio em que ele e a família viajavam para a América naufragaria — e contou-o à mãe e às irmãs. O Hibernia naufragou, como previsto; os passageiros foram todos levados em segurança para terra.

Nos dias de faculdade, Campbell estava sozinho no quarto quando entrou uma pequena mulher de tez escura. Chamou-lhe a atenção para o que tinha escrito na lareira — os nomes dos membros da sua família. Depois fê-lo compreender que iria para um país estrangeiro, sofreria um naufrágio e seria resgatado, pregaria para grandes audiências e casaria duas vezes. Em seguida, desapareceu. Tudo isto se cumpriu.

John Wesley foi curador na Inglaterra do século XVIII e, mais de uma vez, viu audiências serem arrebatadas em êxtases, durante os quais emitiam sons ininteligíveis.

Casos de glossolalia estão a ocorrer nos Estados Unidos mesmo em 1968. Na cidade de Nova Iorque, um grupo de seminaristas foi a uma palestra ouvir um relato — note-se, um relato, não uma demonstração — desses acontecimentos. Antes de terminar, vários deles estavam próximos do estado de transe, esforçando-se por se impedir de falar em línguas, atirando água fria à cabeça para combater a influência.

A Assembleia Geral de 1968 da United Presbyterian Church, a pedido de 150 dos seus ministros, autorizou um estudo abrangente da glossolalia tal como é atualmente praticada por todo o país,[10] e pelo menos um novo livro sobre o assunto (possivelmente outros) apareceu ao longo da década.

Os exemplos deste capítulo foram todos de cariz religioso. Temos agora de considerar alguns acontecimentos psíquicos de natureza puramente secular.

ALGUNS PROFETAS SECULARES

Foi relatado em Inglaterra um caso que ilustra, numa única sequência, várias tendências novas e profundamente significativas na nossa relação com o mundo psíquico.[1]

Um pastor tinha passado pela experiência devastadora de perder um filho e a sua única filha num intervalo muito curto. Atordoado por este duplo luto, descobriu que toda a sua educação religiosa, toda a sua formação eclesiástica, eram totalmente inadequadas para lhe restituir a fé e o ânimo necessários para continuar a desempenhar o seu trabalho diário. No extremo do seu desespero, consultou um médium. Dos lábios do médium ouviu expressões tão singularmente características dos seus filhos que ficou convencido de que eles, de facto, ainda viviam.

Casos deste tipo têm sido comuns no meu próprio trabalho. Os frequentadores complacentes das igrejas ficariam chocados se soubessem quantos clérigos americanos, no íntimo, são agnósticos ou mesmo ateus,

repetindo mecanicamente uma fórmula aprendida na qual já não acreditam. Ter podido, com Fletcher, ajudar tantos dos que vieram ter comigo tem sido uma das grandes satisfações da minha vida como psíquico.

Algum tempo depois, o clérigo em questão confidenciou a sua experiência a uma das paroquianas, uma viúva. Ela contou-lhe a seguinte história: «Eu era jovem quando perdi o meu marido e, ao princípio, quase enlouqueci de dor. Era uma criatura tola, com pouca religião e quase nenhuma fé. Tinha os filhos para criar e não tinha ninguém que me ajudasse.» Quando o seu pastor a foi visitar, apanhou com toda a força da sua raiva frustrada. «Eu enfurecia-me com Deus por me ter tirado o meu James, enfurecia-me com o padre por chamar bom a um Deus desses.» Não queria saber de médiuns: «Não acreditava que devesse encontrar consolo assim.» Por isso continuou a ralhar com Deus por não satisfazer as suas necessidades, tratando-o com especial fúria sempre que queria mostrar ao marido «como os meninos eram bonitos e como eram espertos».

Ao princípio «sentia-me má», mas, passado algum tempo, começou a sentir que «Deus gostava daquela honestidade». Então, um dia, o marido estava ali, «mas mais corajoso e mais forte e mais feliz do que eu alguma vez o tinha conhecido». Viu alguma coisa? Não, «não era um fantasma ridículo». Ouviu alguma coisa? «Como poderiam os meus ouvidos ouvir o que os meus olhos não viam?» Mas, a partir daí, ele apareceu vezes suficientes para ser um parceiro pleno na criação dos filhos.

O que aconteceu é suficientemente óbvio para quem tenha experiência psíquica: a mulher ativou a sua capacidade latente de mediunidade. Alguma projeção aqui, poderá sugerir o psicólogo? Mas projeção e mediunidade, como esclareceremos num capítulo posterior, não são incompatíveis. O que torna este caso significativo é que muitas pessoas — pessoas comuns, em ocupações comuns — estão a começar a descobrir os seus dons psíquicos.

Encontro casos destes com tanta frequência que estou pessoalmente convencido de que estamos à beira de uma viragem tão radical dos valores materialistas que poderá inaugurar uma era inteiramente nova da experiência humana. Aproxima-se um tempo em que a capacidade psíquica será considerada tão comum — e tão variada em qualidade — como a capacidade de cantar, de tocar piano ou guitarra, ou de compor um poema ou uma

pintura. Esta consciência de uma dimensão última do ser poderá muito bem ser uma das grandes mudanças que o século XXI trará ao homem. A postura do materialista está a enfraquecer. É levado a «explicações» cada vez mais absurdas, a evasões cada vez mais óbvias, à medida que a evidência psíquica se acumula.

Na Antiguidade, os dons psíquicos eram exercidos quase exclusivamente sob auspícios religiosos. Desde data relativamente cedo, porém, estes fenómenos também surgiram em circunstâncias sem qualquer ligação à religião. O psíquico secular mais famoso da Antiguidade foi, naturalmente, aquele que avisou Júlio César para se acautelar com os Idos de Março. Era um profissional. Trabalho ainda mais impressionante tem sido realizado por amadores no nosso próprio século.

Toda a obra tardia do poeta irlandês W. B. Yeats assentou numa notável sequência de acontecimentos psíquicos que começou numa tarde de Outubro de 1917. Yeats e a sua noiva de quatro dias conversavam, matando o tempo, quando ela, mais ou menos por brincadeira, anunciou que ia tentar a escrita automática. A técnica, geralmente conhecida na época, consistia simplesmente em entrar num estado mental relaxado, recetivo e sonolento, com lápis e papel à mão. Pessoas dotadas deste tipo de mediunidade podem começar a escrever inconscientemente. O que escrevem assemelha-se, no conteúdo, às comunicações transmitidas oralmente por médiuns que trabalham em transe. Para sua surpresa, a Sra. Yeats revelou ter uma dotação psíquica invulgarmente poderosa.

«O que veio era tão excitante, por vezes tão profundo», escreveu Yeats, «que a persuadi a dedicar uma ou duas horas por dia ao escritor desconhecido.» A primeira semana foi tão fascinante que ele se dispôs a dedicar o resto da vida a reunir as mensagens dispersas. Não, disseram os comunicadores, tinham vindo dar-lhe uma nova imagética para a sua poesia. Depois, ao longo de anos, desenvolveram um vasto esquema que abrangia toda a estrutura e o sentido da História, interpretada como um tecido complicado de ciclos de dois mil anos.

Três anos mais tarde, Yeats tinha cinquenta cadernos cheios de transcrições. Retrabalhou-os e publicou o relato completo num livro de trezentas páginas chamado A Vision. A transmissão das mensagens era

pontuada, em intervalos inesperados, por uma grande variedade de manifestações psíquicas. A certa altura, a Sra. Yeats interrompeu subitamente a escrita automática e começou a comunicar oralmente, em transe. Ao longo dos anos ocorreram acontecimentos como pancadas fortes, clarões de luz, sons musicais, aromas intensos a rosas ou violetas, aparições de pessoas vestidas com trajes dos séculos XVI e XVII e — uma vez — uma única frase dita em voz alta.

Uma das célebres comunicações espirituais do século, a série Patience Worth, veio através de outra dona de casa e teve origem no mesmo espírito lúdico. A Sra. Pearl Curran, de St. Louis, recebera um tabuleiro Ouija e, de vez em quando, passava uma hora com uma amiga, a ver o que conseguiam obter. Durante algum tempo, nada surgiu senão um amálgama de fragmentos ocasionais que facilmente poderia ter vindo do subconsciente de uma das pessoas ao tabuleiro. Depois, numa noite de Julho de 1913, o ponteiro ganhou vida de repente. «Há muitas luas eu vivi», soletrou com vivacidade. «De novo venho. Patience Worth é o meu nome.» Assim começou uma relação que durou duas décadas, esteve continuamente sob estudo de especialistas qualificados e se tornou tema de dois livros amplamente lidos.[2]

Pelo impacto puro da personalidade, Patience Worth rivaliza com os comunicadores mais eficazes alguma vez registados. Tinha espírito, erudição e talento literário. Tinha sentido de humor, gosto pela provocação, prazer na conversa e uma disposição afetuosa. Quem era, de onde vinha e exatamente quando viveu permanecem mistérios — e ela divertia-se maliciosamente a mantê-los assim. Quando lhe perguntavam de onde vinha, dizia: «Do outro lado do mar.» Uma vez, quando insistiram, revelou que era solteirona e mencionou a data de 1649 como de algum modo significativa na sua vida terrena. Depois disso, evitou com pudor as perguntas sobre a sua origem. «Sou como o vento, e sim, como ele sopro sempre, desde o tempo. Se me quereis prender ao hoje, sopro então para o amanhã; e se me prendeis ao amanhã, sopro então para o hoje.»

No entanto, foram tiradas notas completas desde o início; estudiosos analisaram a sua linguagem e o seu vocabulário e encontraram indícios. A sua linguagem, as peças de vestuário e os utensílios domésticos a que se referia eram definitivamente ingleses e definitivamente do século XVII ou anteriores. O seu falar era puro anglo-saxónico-normando, contendo quase nenhuma

palavra de origem mais recente e nenhuma referência a veículos, máquinas, utensílios ou comodidades modernas. Possuía um conhecimento profundo da flora e fauna da Inglaterra renascentista e utilizava-o com grande efeito na sua poesia. A Sra. Curran, cujos interesses e educação eram musicais, não tinha conhecimento de nenhuma destas matérias.

Nada deleitava mais Patience do que enredar um pedante nas malhas do seu espírito — como nesta troca:

MÉDICO: Espero que Patience Worth venha. Gostava de descobrir qual é o jogo dela.

PATIENCE: Desejas, então, depenar mais um ganso?

MÉDICO: Por Júpiter, ela está mesmo ali com a gordura, não é?

PATIENCE: O bastante para regar o último no espeto…

MÉDICO: Evidentemente, acha-nos um grupo convencido. Bem, creio que ela há de concordar que não se vai longe sem uma opinião razoável de si próprio.

PATIENCE: Como o burro ama o seu zurro!

Mais tarde, à medida que Patience se instalou no seu ambiente, transmitiu numerosos poemas, alguns longos e complexos, todos competentes, alguns com verdadeiro mérito literário. Uns quantos parecem ter sido compostos no impulso do momento. Depois de transmitir este poema:

Ah, não me despertes!
Pois se o meu sonhar tecesse um encanto para acalmar
A minha alma atribulada, negar-me-ias sonhos?
…
Ah, deixa-me sonhar!
O dia pode trazer novas dores,
Mas a noite trará novos sonhos.

Patience, vendo que o seu pathos tinha comovido a Sra. Curran quase até às lágrimas, trouxe rapidamente um sorriso com esta pequena cantilena:

Plic, plic, gotas salgadas,
No meu lenço a secar;

Splash, splash, fio de sal
Pelas minhas faces a voar.
Salga bastante para um presunto afundar,
Salga bastante para uma represa levantar! …

As mediunidades classificam-se, em termos gerais, como «mentais» — casos como os discutidos até aqui neste capítulo, em que o acontecimento central é a comunicação de uma mensagem — e «físicas», em que acontecimentos no mundo dos objetivos físicos são produzidos por forças não reconhecidas pela ciência materialista moderna. Um dos mais invulgares médiuns físicos modernos, Daniel Dunglas Home, foi também o primeiro a ser estudado metodicamente por cientistas altamente qualificados. Home nasceu em Edimburgo em 1833, foi trazido para este país em criança e criado no Connecticut.

Quando tinha treze anos anunciou que podia trabalhar com espíritos. A partir daí exerceu uma poderosa mediunidade de tipo físico. O seu trabalho foi amplamente testemunhado e aclamado. Home produziu escrita espiritual do tipo que apareceu na parede, segundo o livro bíblico de Daniel, no banquete de Belsazar. Nas sessões de Home, móveis moviam-se (chegavam mesmo a sair do chão) «sozinhos», mãos ectoplásmicas escreviam mensagens, o próprio Home elevava-se no ar sem ajuda visível — tudo isto na presença de investigadores especializados, ali apenas para detetar e expor fraude. Ao longo da sua longa mediunidade, ninguém conseguiu lançar qualquer sombra sobre a autenticidade dos seus fenómenos.

Um dos observadores foi o célebre cientista britânico Sir William Crookes, mencionado mais adiante no capítulo sobre cientistas, a quem devem ser creditados, entre outras realizações, a descoberta do elemento tálio e a invenção do radiômetro e do tubo de vácuo fluorescente. Numa das sessões de Home, Crookes agarrou uma das mãos ectoplásmicas. «Aos poucos pareceu resolver-se em vapor», relatou Crookes, «e desvaneceu-se assim da minha mão.» Noutra ocasião, uma mão, «depois de pairar junto de mim, tirou-me o lápis da mão, escreveu rapidamente numa folha de papel, atirou o lápis ao chão e depois foi-se desvanecendo gradualmente».

«Em três ocasiões distintas», escreveu Crookes, «vi Home elevar-se completamente do chão. Em cada vez tive plena oportunidade de observar.»

Home era sempre zeloso daquilo a que chamava a sua «condição de amador». Embora pessoas gratas o cumulassem de presentes, nunca atuou mediante pagamento.

Outro amador inspirado no campo físico realizou o seu trabalho durante o período de quarenta anos entre 1910 e 1950 e foi repetidamente observado e amplamente relatado pelo viajante, autor e secretário para a Ásia da Y.M.C.A., Sherwood Eddy.[1] O seu nome era E. A. MacBeth, vivia em Rhinebeck, no estado de Nova Iorque, e mantinha um apartamento na cidade de Nova Iorque, onde se realizaram muitas das suas sessões. Homem de meios próprios, não aceitava pagamento pelo seu muito extenso trabalho mediúnico. Fora médico em exercício, reformara-se da medicina e dedicava o tempo aos seus negócios — e à sua mediunidade.

O Dr. MacBeth produziu algumas das mensagens «de voz direta» mais claras, mais sustentadas e melhor testemunhadas alguma vez relatadas. «Voz direta» é uma técnica em que, por meios a discutir num capítulo posterior, as vozes de visitantes desencarnados são ouvidas diretamente — isto é, como vindo do ar — sem recorrer ao aparelho vocal do médium. Era exímio em psicometria, ou «leitura de objetivos», em que o médium segura nas mãos um objeto pessoal e recebe — e relata — por vezes informação muito extensa sobre a pessoa a quem pertenceu. Era um dos raros médiuns capazes de demonstrar «escrita independente», distinguida da escrita automática pelo facto de nenhum humano «deste lado» tocar no lápis ou no papel.

MacBeth possuía poderes precognitivos e — talvez não surpreenda num médico — frequentemente conseguia efetuar curas espirituais. Muitas vezes, e na presença de numerosos observadores, produziu o raro «aporte» — a desmaterialização de um objeto distante e a sua rematerialização, vinda do ar, na sala de sessões. Objetivos como peças de porcelana ou ornamentos metálicos, cinzeiros, discos de metal, retirados das casas de visitantes que vinham de longe, eram assim transportados.

O controlo de MacBeth, "Father Tobe", era quase tão notável quanto o próprio MacBeth. Tobe era, segundo o seu próprio relato, doutor em Filosofia, irlandês, que veio para os Estados Unidos e morreu em Elizabethtown, Kentucky, em 1852. Profundamente religioso e imensamente erudito, detetou o talento psíquico de MacBeth, descobriu com ele uma forte

compatibilidade pessoal e fez do médico o seu instrumento durante a longa e produtiva mediunidade.

Se, como certamente acontece, as pessoas por vezes se queixam de que as mensagens dos espíritos dizem pouco sobre a vida noutras dimensões, Tobe foi uma exceção notável. Dissertava eruditamente sobre o assunto durante horas (as suas opiniões fascinantes são retomadas no devido lugar noutro capítulo). Eis o que tinha a dizer sobre a previsão do futuro:

Estamos na eternidade, não no tempo, nem estamos sujeitos ao tempo e às suas condições subjetivas como vocês estão — embora a nossa vida aqui dependa de algo e tenha as suas limitações. Esta transcendência do tempo deste lado pode ajudar-vos a compreender, em parte, como é que pessoas em sonhos, por clarividência ou por outros meios conseguem, por vezes, prever com exatidão o futuro por "precognição", um fenómeno psíquico muito frequente.

Nenhum relato de médiuns de relevo estaria completo sem mencionar Edgar Cayce, cuja carreira singular começou pouco depois da viragem do século e terminou com a sua morte, em 1945, e Eileen J. Garrett, que contribuiu com uma mediunidade notável e amplamente estudada.[8]

Edgar Cayce nasceu numa quinta no oeste do Kentucky em 1887 e teve experiências psíquicas vívidas, incluindo visões ocasionais, desde a primeira infância. Era intensamente religioso e cedo adquiriu um conhecimento profundo da Bíblia. Na escola, porém, era lento. Uma vez, quando tinha doze anos, o pai exasperado obrigou-o a estudar uma lição de ortografia desde o início da noite até quase às onze, sem que ele conseguisse dominá-la. Por fim, exausto, o rapaz pediu uma pausa de cinco minutos para dormir sobre o livro. Foi-lhe concedida.

Quando acordou, sabia todas as palavras de todas as páginas do livro de ortografia, com absoluta exatidão. Apesar desta capacidade espantosa de assimilar livros simplesmente dormindo sobre eles, Edgar nunca desenvolveu amor pelo estudo. Abandonou a escola aos quinze anos, conseguiu um catálogo de papelaria por grosso, dormiu sobre ele e obteve emprego na firma demonstrando que sabia o catálogo de cor. Mais tarde ganhou a vida

como fotógrafo, nunca teve grande interesse por dinheiro e por isso nunca teve muito.

Quando Cayce tinha vinte e um anos, foi atacado por uma doença misteriosa que lhe causava dores de cabeça excruciantes e perda de voz. Um médico de Nova Iorque tratou-o com hipnose e sugeriu, ao descobrir o talento psíquico do paciente, que Cayce poderia beneficiar de se hipnotizar a si próprio. Edgar fê-lo. As suas palavras, enquanto dormia hipnoticamente, foram registadas. Constituíram a primeira de mais de quinze mil "leituras" de diagnóstico que realizou ao longo de cerca de quarenta anos. Em parte, foram estas as suas palavras nessa primeira ocasião:

Sim, conseguimos ver o corpo. No estado físico normal, este corpo não consegue falar devido a uma paralisia parcial dos músculos inferiores da corda vocal, produzida por tensão nervosa. É uma condição psicológica que produz um efeito físico. Pode ser removida aumentando a circulação nas partes afetadas por sugestão, enquanto neste estado inconsciente.[9]

(Repare-se no modo médico de falar, nos lábios de um jovem que nunca abrira um livro de medicina.) Em poucos minutos disse: «Está tudo bem», acordou — e estava.

Pouco depois, o devoto Cayce rezou para que os seus dons psíquicos pudessem ser usados para curar, especialmente para curar crianças. Quase de imediato, um médico local levou-lhe uma menina que tinha vinte convulsões por dia e parecia em risco de perder a razão. Cayce hipnotizou-se e, enquanto dormia, ditou instruções que o médico seguiu. «Em três meses», lê-se numa declaração notarial e datada de 1910, «estava em perfeita saúde e assim se manteve até hoje.» A história dos milhares de diagnósticos bem-sucedidos de Cayce em transe foi contada muitas vezes, com destaque por Thomas Sugrue no seu livro famoso There Is a River. Investigadores psíquicos continuam a estudar os casos arquivados na Association for Research and Enlightenment (Fundação Cayce), em Virginia Beach, Virgínia.

Para além do seu trabalho médico, Cayce deixou uma profecia, chamada "Mudanças da Terra" (Earth Changes), sobre os restantes anos do século XX.[10] Conflitos entre trabalho e gestão, uma "divisão na nossa terra", surtos de violência de multidões, tudo isso foi previsto por Cayce antes de morrer

em 1945. Haverá conflitos, entre outros lugares, «nas áreas acima da Austrália» (Indonésia? Vietname?). Poderão esperar-se grandes mudanças na terra antes de 1998, com partes do litoral dos Estados Unidos a escorregarem para o mar, as águas dos Grandes Lagos a fluírem para o Golfo do México e porções da perdida Atlântida a erguerem-se de novo do oceano. Serão descobertos no Egipto vastos novos registos templários da Antiguidade (profecia cumprida em 1964). Surgirá nova terra em redor de Bimini. «Sim, porque haverá uma desagregação, até ao tempo em que haverá pessoas em todas as terras que dirão que isto ou aquilo mostra a mão da intervenção divina, ou que a natureza está a intervir… que cada um declare a quem quer servir: uma nação, um homem, um Estado, ou o teu Deus.»

CIENTISTAS DE AMBOS OS LADOS

Já passaram mais de três séculos desde que a fundação da Royal Society, em Inglaterra, marcou o início da investigação científica moderna. Neste período, o homem aumentou de forma incomensurável o seu poder de manipular o ambiente físico. Estes novos poderes trouxeram benefícios tais que nenhuma pessoa responsável sugere hoje que sejam abandonados. A ciência materialista consegue fazer tanto que o homem tende a saltar para a conclusão de que pode fazer tudo. Muitas figuras honradas da comunidade erudita vão tão longe ao ponto de sugerir que coisas não explicáveis em termos materialistas ortodoxos simplesmente não acontecem.

Esta pressuposição, quando combinada com uma dose de arrogância e uma predisposição mental negativa, resultou em comportamentos por parte de supostos cientistas responsáveis que, no pior dos casos, foram cruéis e, no melhor, meramente estúpidos. Dou um exemplo.

Certa vez dei uma sessão a cerca de trinta pessoas numa faculdade do Centro-Oeste, conhecida pela qualidade da sua erudição e pela integridade do seu corpo docente. Como é habitual, foram mantidos registos cuidadosos do que se passou enquanto eu estava em transe. Um dos que tomavam notas apresentou o seguinte relatório:

Através de Arthur Ford, Fletcher deu muitas mensagens que pareciam ter significado para as pessoas a quem se destinavam. A certa altura falou de "Brasil — Não, não Brasil, um país, mas um nome como Brasil e não um país.

Alguém sabe do que estou a falar?" Ninguém se ofereceu. Fletcher continuou. "Apanho um nome parecido com Brasil. Brazila. É o nome de uma pessoa." Dois visitantes de outra faculdade falaram; iam em breve para a América do Sul — Colômbia. Fletcher não achou que fosse para eles. Perguntou se iam com uma bolsa. Disseram que não, e ele disse que isto tinha que ver com uma bolsa e com o nome Brazila. Ninguém mais falou e, após mais algumas tentativas, Fletcher abandonou o assunto, com frustração evidente. Depois da sessão, um dos professores presentes disse a outro que também estivera lá: "Sabe quando o Arthur Ford estava a falar de 'Brazila'? Bem, eu não acredito em nada disto, por isso, claro, recusei-me a dizer alguma coisa. Mas sei exatamente do que ele estava a falar. A faculdade costumava ter um prémio chamado bolsa Brazila."[11]

Vejamos o que aqui aconteceu. Fletcher, com a sua persistência habitual, continuava o trabalho em torno do qual centra o seu ser: impressionar a humanidade, por meio de mensagens contendo informação claramente verificável, de que a personalidade humana — completa com poderes de escolha, reconhecimento e memória — sobrevive após a morte biológica. Perante dificuldades muito grandes (algumas das quais serão discutidas já a seguir), trouxe uma mensagem altamente probatória dirigida a uma pessoa específica, que só ela compreenderia. Entregue a mensagem e reconhecido o seu conteúdo, qual foi a resposta do erudito para quem se destinava? Frustração deliberada, pela recusa de responder. A razão? «Eu não acredito em nada disto.» É isto científico? É sequer intelectualmente honesto? E, no entanto, este homem ocupa um cargo bem pago numa instituição respeitada, como autoridade numa área em que a honestidade estrita e a resposta fiel a sinais são exigências rígidas.

Isto aconteceu tantas vezes na minha experiência que, por vezes, me apetece perguntar se não terá chegado a hora, ao fim de todos estes anos a investigar médiuns, de também se fazer uma breve investigação a académicos. Por vezes, investigadores céticos, embora suficientemente honestos, são grosseiros a um ponto tal que só quem está devotado a uma causa importante consegue tolerá-los. Nos primeiros dias da fama de Edgar Cayce, um especialista apareceu na terra, vindo apressadamente de uma das prestigiadas universidades da Nova Inglaterra, exigiu acesso total às instalações de Cayce, remexeu a escassa coleção de livros de Edgar, rotulou a família e os seus associados de simplórios ignorantes. Os habitantes da vila

abanaram a cabeça, depois da partida, e perguntaram-se quem ensinava boas maneiras a gente assim.[12]

Este homem, embora rude, não foi cruel. Entre os investigadores mais hostis de fenómenos psíquicos não tem faltado verdadeira maldade, impondo aos seus objetivos de estudo desconfortos e até perigos que em nada fizeram avançar a causa da compreensão. Sherwood Eddy passou bastante tempo a observar a mediunidade da Sra. L. R. G. Crandon, esposa de um distinto professor de cirurgia da Harvard Medical School e um dos grandes médiuns da década de 1930.

Encantadora, instruída, prestável, dando-se generosamente para ajudar a compreensão científica das suas capacidades notáveis, a Sra. Crandon foi mais de uma vez sujeita a maus-tratos e até a perigo, particularmente quando permitiu que investigadores manuseassem ectoplasma. Esta substância é produzida a partir dos corpos dos médiuns físicos enquanto em transe. Desaparece após uma sessão e, presumivelmente, é reabsorvida no corpo do médium, do qual era originalmente parte. Eddy comentou:

Ao recordar alguns dos truques baixos — confessadamente — feitos aos Crandon por alguns dos meus amigos, que certamente não se comportaram como cavalheiros em certas coisas que fizeram — como cobrir as mãos com goma pegajosa, cola ou tinta para aplicar no ectoplasma, podendo causar lesão corporal ao médium — vi-me obrigado a admitir que o Dr. e a Sra. Crandon se comportaram muito melhor do que alguns dos seus chamados investigadores científicos. Eu poderia nomear certos investigadores que me pareceram, por vezes, mostrar um zelo de caça às bruxas muito maior para expor médiuns que, estavam convencidos, eram falsos, do que para uma procura objetiva e de espírito aberto pela verdade.[13]

Todo o médium responsável reconhece a necessidade de investigação objetiva, até cética, dos fenómenos que produz, por mais cansativo que seja ver sucessivas vagas de principiantes trabalharem terreno já ganho e discutirem pontos já provados. Há questões — dezenas delas — sobre as quais nós próprios estamos às escuras e desejosos de respostas. A fraude consciente é a menor delas; o maior problema na categoria do engano é a fraude inconsciente. A grande médium Palladino, por exemplo, produzia fenómenos psíquicos impecáveis sob observação científica rígida e cética,

mas, quando essa vigilância era relaxada, enganava descaradamente.[4] Isto perturbava-a; era feito enquanto estava em transe, quer por forças exteriores a si, quer por elementos da sua psique não sob controlo consciente. Outra questão à espera de estudo mais aprofundado é o fenómeno, superficialmente semelhante à mediunidade, chamado personalidade múltipla. Foi sugerido que as entidades de controlo dos médiuns são na verdade as suas personalidades alternativas; a questão de como a personalidade alternativa obtém informação fica em suspenso. A teoria da hipnose tem sido muitas vezes invocada. Sabe-se que a mente subconsciente sob hipnose é altamente sugestionável e consegue fazer coisas invulgares se lhas propuserem. Poderá ela, se assim for ordenada, ir «dar um salto» e conversar com pessoas mortas há muito tempo?

A telepatia de um tipo estritamente terreno — entre pessoas biologicamente vivas — é a explicação mais frequentemente avançada pelos céticos intransigentes que trabalham com médiuns mentais. Se um dado fragmento de informação existir em qualquer mente, em qualquer lugar da Terra, presume esta teoria, o médium pode captá-lo instantaneamente, de entre o número infinito de outros fragmentos de informação igualmente disponíveis, e encaixá-lo com precisão exata na situação imediatamente exigida na sessão.

Isto exigiria façanhas de memória e de leitura de pensamento muito mais maravilhosas, e revisões das ideias convencionais sobre a estrutura do universo muito mais drásticas, do que a hipótese do ser desencarnado que pretendia substituir. Por fim, há evidência de auras e de corpos astrais que exige ainda outras teorias explicativas (ver cap. 5). No total, há tanto por fazer — o suficiente para ocupar frutuosamente as melhores mentes da espécie durante pelo menos uma geração — tantas questões decisivas a exigir respostas racionais e verificadas, que não admira que nós, que por necessidade estamos mergulhados nestes assuntos, façamos um esforço para acomodar o investigador sério e qualificado.

CIENTISTAS DE AMBOS OS LADOS

Eu próprio trabalhei com alguns investigadores de relevo ao longo de um amplo período de tempo. Conheci o grande inglês Sir Oliver Lodge durante a década de 1920 e fui ligado ao mesmo equipamento eletrónico para monitorizar processos mentais e corporais que é usado no estudo de astronautas norte-americanos em 1968. A minha vida é, num certo sentido, um ficheiro de laboratório aberto.

Talvez a «investigação» mais agradável que alguma vez experimentei tenha sido a conduzida por Sir Arthur Conan Doyle. Doyle era um homem grande, direto, robusto, com sessenta e cinco anos quando o conheci, a transbordar de energia e no auge da fama. Estudara medicina em Edimburgo e durante dez anos manteve, em Southsea, uma clínica difícil. Mesmo então se interessava por fenómenos psíquicos e fazia experiências de telepatia e «inclinação de mesas» com um amigo, um jovem arquiteto. Demorou vinte e cinco anos a convencer-se da realidade da sobrevivência pessoal à morte do corpo. Entretanto, a sua carreira encheu-se de aventura e realização.

As histórias de Sherlock Holmes, escritas inicialmente como uma tentativa arriscada de completar um rendimento escasso para acompanhar o aumento das despesas familiares, tornaram-no famoso em todo o mundo. A personagem Sherlock Holmes fora inspirada numa pessoa real, um dos seus professores de medicina. Os estudos psíquicos de Doyle acabaram por avançar ao ponto de ele se tornar uma das figuras de destaque da Society for Psychical Research. Serviu em unidades médicas na Guerra dos Boers e na Primeira Guerra Mundial e foi membro do comité dos Jogos Olímpicos. A tragédia tocara-lhe com a morte do filho Kingsley, pouco antes da Primeira Guerra Mundial.

Deram-me uma carta de apresentação para Doyle, para levar na minha primeira viagem a Inglaterra. A primeira oportunidade de a entregar surgiu numa das palestras públicas de Doyle. Após uma breve saudação, convidou-me a sentar-me no palco durante a sua conferência. Doyle era um excelente orador e eu um ouvinte arrebatado. No fim da palestra, para meu completo espanto, Doyle voltou-se para o público e, depois de agradecer os aplausos, disse: «Um conhecido médium americano, Arthur Ford, está connosco esta noite. Vou pedir-lhe que, agora, nos dê uma demonstração pública do seu

dom de clarividência.» Levantei-me, cambaleante. Nunca tinha afirmado ser um médium profissional. Até então, considerara as minhas aparições públicas apenas experiências tentativas. Depressa o nervosismo passou; senti-me aberto ao mundo espiritual.

As mensagens para pessoas na audiência começaram a surgir em torrente, por vezes arrancando soluços de reconhecimento ou exclamações perante a revelação de coisas que me teria sido impossível saber por meios comuns. No dia seguinte, o London Express publicou um relato do acontecimento com assinatura de Doyle: «Uma das coisas mais espantosas que vi em quarenta e um anos de experiência psíquica foi a demonstração de Arthur Ford.» Ele confirmara, com membros do público, a exatidão das mensagens de Fletcher e nós «passámos»! A partir daí, as minhas visitas ao bravo Sir Arthur, e as minhas sessões com a sua família e amigos, foram pontos altos das minhas viagens a Inglaterra enquanto ele viveu.

Entre os investigadores psíquicos que conheci, o mais distinto, pelo menos no que toca às honras científicas que lhe foram atribuídas, foi Sir Oliver Lodge. Um dos maiores físicos do mundo, Lodge fora presidente de quatro sociedades científicas eruditas, para além da Society for Psychical Research. Homem na casa vigorosa dos setenta quando o conheci (viveu até aos noventa), era cortês e atencioso e, ao mesmo tempo, capaz de uma sátira devastadora quando era preciso — uma vez sugeriu, indignado, que a SPR se tinha tornado uma sociedade para a imputação de fraude. A paixão de toda a sua vida foi reconciliar ciência e religião. Como cientista físico teve poucos pares.

Deu contributos pioneiros para a rádio, para a tecnologia dos raios X e para a teoria eletrónica; foi reitor de uma das grandes universidades inglesas (Birmingham) e, por tudo isso, foi armado cavaleiro. Tal como Conan Doyle, Lodge perdera um filho (Raymond, morto na Primeira Guerra Mundial), já estava convencido da sobrevivência antes dessa tragédia e comunicara com o filho morto através de médiuns. Esses diálogos foram publicados no livro Raymond, em 1916. Outros livros seus sobre assuntos psíquicos incluem The Survival of Man (1909) e Reason and Belief (1911). Um dos maiores investigadores, sabia ser minucioso sem ser rude nem desconsiderado. A técnica de Lodge durante a estadia, na sua casa, da famosa bostoniana Sra.

Piper — o grande médium que nunca foi acusado de fraude — é descrita, nas suas próprias palavras, assim:

A correspondência da Sra. Piper era pequena, algo como três cartas por semana, mesmo quando as crianças estavam fora. Os sobrescritos das suas cartas quase sempre passavam pelas minhas mãos e, muitas vezes, o conteúdo também, com a sua permissão. … Obtive permissão e, de imediato, inspecionei pessoalmente toda a sua bagagem. Diretórios, biografias… e coisas do género estavam completamente ausentes. De facto, quase não havia livros nenhuns. O filho mais velho em casa tinha nove anos, e a quantidade de informação ao seu alcance era-nos relativamente conhecida.

A minha esposa tinha uma inclinação cética e era reservada nas suas palavras… Frequentemente, pessoas desconhecidas chegavam às 11h00, e eu próprio as fazia entrar diretamente na sala onde íamos realizar a sessão; pouco depois, eram apresentadas à Sra. Piper sob um nome assumido. Toda a atitude da Sra. Piper era natural, pouco inquisitiva, própria de uma senhora e direta. Se havia algo de notável, era um traço de languidez e absorção em si mesma, muito natural sob a condição exigente de dois longos trances por dia.

Cada um dos nomes importantes da investigação psíquica científica inicial — F. W. H. Myers, Henry Sidgwick, Edmund Gurney, W. J. Crawford, William James, Sir William Crookes, Doyle, Lodge, J. B. Rhine — representa um contributo que perdurou. Em conjunto, cimentaram a investigação psíquica no corpo da ciência moderna de um modo que já nunca permitirá uma separação completa, por mais que os materialistas extremos o tentem.

O poeta e ensaísta Myers, o filósofo de Cambridge Sidgwick e o psicólogo Gurney, fundadores da Society for Psychical Research, deram ao movimento sanidade, organização e propósito claro. «O objetivo da Sociedade», dizia o seu primeiro comunicado (1882), «será abordar estes vários problemas sem preconceito nem ideia prévia de qualquer espécie e no mesmo espírito de investigação exata e desapaixonada que permitiu à Ciência resolver tantos problemas, outrora não menos obscuros nem menos acaloradamente debatidos.»

Myers levou isto adiante produzindo o seu estudo clássico de seiscentas páginas, ainda inacabado à data da sua morte em 1901, intitulado Human Personality and Its Survival of Bodily Death, um marco universalmente reconhecido. W. J. Crawford, professor de Física na Universidade de Belfast, fez avançar grandemente a nossa compreensão dos fenómenos físicos ao pesar e fotografar médiuns durante sessões, revelando as estruturas dos mecanismos, construídos de ectoplasma do corpo do médium, através dos quais os objetivos eram movidos.

William James, o filósofo, psicólogo e professor da Harvard Medical School, descrito pela Columbia Encyclopedia como «o pensador americano mais influente do seu tempo», contribuiu enormemente com a descoberta da mediunidade da Sra. Piper, os estudos cuidadosos que fez sobre ela e as conclusões a que chegou, bem como o seu incentivo a que outros académicos continuassem a partir do ponto onde ele parou.

O sábio de Oxford Sir William Crookes (descobridor do elemento tálio, inventor do tubo fluorescente e do radiómetro, pioneiro da eletrónica) contribuiu com os seus grandes estudos do incomparável médium físico D. D. Home e também com muito trabalho valioso para estabelecer o que podia e o que não podia ser falsificado nos efeitos mediúnicos. Doyle e Lodge ofereceram a sua afabilidade, o seu prestígio, a sua integridade e a sua energia excecional, de várias formas importantes. O professor J. B. Rhine, da Universidade Duke, desenvolveu técnicas úteis para testes laboratoriais de certos indícios limitados, mas importantes, de capacidade psíquica.

Alguns destes grandes pioneiros continuaram a contribuir após a morte biológica. No final de 1901, os três fundadores da SPR — Myers, Sidgwick e Gurney — estavam mortos. Pouco depois começaram as "Cross-Correspondences", o tecido mais elaborado alguma vez transmitido mediunicamente como uma unidade coerente e identificável. Toda a comunicação levou trinta anos a ser transmitida e encheu duas mil páginas de escrita automática transcrita. Estas mensagens e os comentários sobre elas ocupam três mil páginas dos SPR Proceedings entre 1906 e 1938. Foram enviadas pelos três fundadores da SPR e por quatro desencarnados associados e recebidas — em fragmentos separados, de modo que nenhuma mensagem fazia sentido até ser combinada com as outras na mesma sequência — por cinco médiuns diferentes, cada um trabalhando de forma

independente. As mensagens foram concebidas «do outro lado» para resolver, de uma vez por todas, a espinhosa questão de saber se as comunicações mediúnicas poderiam ser «extraídas» telepaticamente das mentes de pessoas biologicamente vivas. Para estas mensagens, essa possibilidade ficou excluída.

O método consistiu em construir mensagens em símbolos literários tão extremamente esotéricos que só eram conhecidos por muito poucas pessoas vivas — estudiosos de especialização literária e histórica de grande finura — mas desconhecidos de todos os médiuns escolhidos como recetores. Depois, mostraram-se ligações entre as mensagens e os seus remetentes (eram assinadas "Myers" ou "Gurney", ou por vezes apenas rubricadas), estabelecendo uma probabilidade esmagadora de que as mensagens não poderiam ter tido outra origem senão os signatários. Criaram-se circunstâncias tais que nenhum médium isolado poderia conceber o plano completo tal como acabou por ser revelado. Todo o esforço incorpora a revelação de um plano para a paz mundial definitiva — após várias guerras de ajustamento — assente numa ordem de coisas mais humana e promovido por uma grande assembleia de desencarnados de que os correspondentes cruzados são membros e profetas.

Conan Doyle, que morreu em Julho de 1930, contribuiu, através da minha mediunidade, com sugestões para a sua própria biografia autorizada. Voltou a fazer-se ouvir, em circunstâncias dramáticas, em Outubro do mesmo ano. Harry Price, do laboratório de investigação, tinha organizado uma sessão com Eileen Garrett. O principal objetivo era estabelecer comunicação com Doyle. Doyle manifestou-se — e com força — mas não antes de um acontecimento que Price mais tarde descreveu como «o mais notável que conheci em toda a minha experiência com assuntos psíquicos».

A sessão começou por volta das 15h00, em plena luz do dia. Os participantes tomaram lugar à volta de uma mesa em frente do médium, que se sentou numa poltrona. Ela fechou os olhos e bocejou; depois relaxou ao ponto de quase escorregar da cadeira. Em cerca de cinco minutos estava completamente em transe. Imediatamente, a sua entidade de controlo, chamada Uvani e falando um inglês fortemente acentuado, começou a dizer: «É Uvani. Saúdo-vos, amigos. A paz esteja convosco na vossa vida e na vossa casa. Vejo, por um momento, I-R-V-I-N-G ou I-R-W-I-N. Ele diz que tem de fazer

algo quanto a isso. Não está a vir ter convosco — não pertence a ninguém — pede desculpa por vir, por interferir. Parece ansioso por falar com uma senhora em corpo. Fala de Dora, Dorothy, Gladys. Diz: "Não se preocupem comigo, mas, pelo amor de Deus, transmitam isto a elas. O volume total do dirigível era inteiramente e absolutamente demasiado para a capacidade do motor."»

A voz do médium mudou então, e uma nova personalidade apresentou-se como o Tenente de Aviação H. Carmichael Irwin, comandante do dirigível R-101. Esta aeronave, um aparelho britânico mais leve do que o ar, tinha-se despenhado perto de Beauvais, em França, na madrugada de 5 de Outubro. Irwin, falando através do médium, parecia extremamente agitado. Num longo discurso — fala rápida interrompida por pausas — deu um relato específico e muito técnico dos problemas do R-101:

Motores demasiado pesados… leme de profundidade encravado. Explosão causada por fricção numa tempestade elétrica. A voar a altitude demasiado baixa e nunca conseguíamos subir. A sustentação disponível não podia ser utilizada. Carga demasiado grande para um voo longo. O mesmo com o SL-8 — digam ao Eckener. Velocidade de cruzeiro má e o navio a baloiçar muito. Tensão severa no tecido, que está a roçar. As faixas do estibordo começaram… Ensaios demasiado curtos… Hélices demasiado pequenas. Injeção de combustível má e a bomba de ar falhou…

O tecido está todo encharcado e o nariz do navio está em baixo. Impossível subir. Não dá para trimar. Compreenderão que eu tinha de vos dizer. Houve cinco ocasiões em que tive problemas nítidos — novo tipo de alimentação absolutamente e inteiramente errado. Duas horas a tentar subir mas o leme de profundidade encravado. Quase roçámos os telhados de Achy. Mantivemo-nos junto à linha férrea… Desde o começo do problema eu soube que não tínhamos hipótese, soube que era a alimentação, e que nunca conseguiríamos subir. Estou preocupado com a saúde de uma senhora e de uma criança — estou muito inquieto com tudo o que é privado.

As notas de Price prosseguem: «A voz do médium muda; Uvani fala agora: "Ele não vem até nós." Diz: "Diâmetro, capacidade, alimentação e gás. Nunca conseguiríamos subir." (O médium cai em silêncio e, após uma pausa, Uvani volta a falar e a entidade "Irwin" parece ter-se ido embora.)» Nenhum

dos presentes nessa sessão tinha conhecimentos técnicos sobre dirigíveis ou motores; o médium nunca tinha tido um automóvel nem qualquer tipo de motor e nada sabia de aeronáutica ou engenharia. Fez-se uma transcrição da sessão e foi enviada a várias autoridades, incluindo o Ministro do Ar britânico, Sir John Simon, nomeado para conduzir um inquérito público ao desastre (que ocorrera apenas cinquenta e cinco horas antes da sessão), e um oficial que participara na construção do R-101. Este último, um técnico de aeronaves altamente qualificado, certificou que a comunicação de Irwin era tecnicamente correta, numa análise linha a linha:

Dirigível demasiado para a capacidade do motor. Concorda com a opinião popular. Sustentação útil demasiado pequena. Óbvio pela descarga de lastro. Leme de profundidade encravado. Considerado provável por muitas opiniões informadas. O mesmo com o SL-8 — digam ao Eckener. SL-8 verificou-se ser o número de um dirigível alemão, SL significando Schütte Lanz. Isto só foi verificado depois de consultar registos completos de dirigíveis alemães (isto é, não era conhecido previamente pelo perito técnico), mas teria sido conhecido por Irwin.

O Dr. Eckener era construtor de dirigíveis… Motores errados. De acordo com os factos. Ensaios demasiado curtos. Admitido. Hélices demasiado pequenas. Considerado correto por opiniões informadas. Quase roçámos os telhados de Achy. Achy não aparece em mapas comuns, mas aparece em mapas de voo de grande escala, como os que Irwin tinha. É uma aldeia a norte de Beauvais, na rota do R-101. Mantivemo-nos junto à linha férrea. Correto… [6]

Nos últimos anos, a investigação psíquica tomou um novo rumo que traz uma promessa extremamente estimulante: o estudo da aura e do corpo astral. Uma das pioneiras deste novo campo é uma médica norte-americana, nascida na Turquia, Shafica Karagulla. A Dra. Karagulla tirou o curso de Medicina na American University em Beirute. Depois de completar as suas qualificações em psiquiatria em Edimburgo e de fazer algumas contribuições notáveis no campo da terapia por eletrochoque, tornou-se membro do Royal College of Physicians (Edimburgo), a mais alta qualificação médica da Grã-Bretanha. Em 1952 mudou-se para o Canadá para trabalhar como consultora de psiquiatria na equipa do neurocirurgião de renome mundial Dr. Wilder Penfield.

No Canadá, a Dra. Karagulla recebeu um livro sobre a obra de Edgar Cayce. O livro, escreve ela, «abalou todas as minhas teorias arduamente conquistadas sobre a natureza da mente humana».[7] Por esta altura, um lugar de docência na Downtown Medical Center, State University of New York, levou-a para os Estados Unidos, e ela tornou-se cidadã americana. Ainda a matutar nos fenómenos de Cayce, foi a Virginia Beach estudar em primeira mão os registos de Cayce. O resultado: a investigação psíquica tornou-se o seu «projeto de vida».

À medida que inquéritos persistentes lhe iam alargando a rede de contactos entre pessoas com dons psíquicos, a Dra. Karagulla fez uma descoberta espantosa: a maioria mantinha os seus talentos em segredo. Descobriu uma mulher com doutoramento e executiva empresarial, com um dom para diagnóstico psíquico quase rival ao de Cayce. Dois médicos eram notáveis diagnosticadores psíquicos, outro era curador psíquico; um professor de matemática conseguia memorizar livros inteiros com um relance; um cirurgião sabia por precognição quais as operações que seriam bem-sucedidas.

Todos, embora usassem constantemente os seus dons, escondiam-nos dos colegas, que, sabiam, os iriam compreender mal e interpretar pior. Ainda assim, um contabilista de seguros podia dizer, por psicometria — leitura de objetivos — quanto tempo se poderia esperar que o autor de uma assinatura colocada nas suas mãos vivesse. A capacidade psíquica de um oficial do exército para avaliar carácter conduziu à deteção de um espião estrangeiro num cargo governamental-chave.

«Talvez», escreveu a Dra. Karagulla em 1967, «a mente humana esteja a desenvolver uma faculdade percetiva que consegue abranger rapidamente o mundo dos factos e avançar diretamente para perceber significado e relações.»

A mais eficaz das diagnosticadoras psíquicas estudadas até agora pela Dra. Karagulla fazia o seu trabalho usando a capacidade de ver com clareza o corpo astral — o segundo corpo indestrutível, de energia radiante, que acompanha e interage com cada corpo de carne e osso — e de assinalar as suas anomalias. Dada a crescente consciencialização deste aspeto vital da

personalidade humana e porque a minha própria experiência me confrontou inúmeras vezes com provas irrefutáveis da sua existência, dedico o próximo capítulo a uma discussão do segundo corpo — este corpo «astral» — do homem.

OS DOIS CORPOS DO HOMEM

Uma das mais antigas afirmações do homem acerca da sua própria natureza básica, formulada na pré-história e verificada pelos que, no nosso tempo, têm conhecimento psíquico, é que ele possui dois corpos altamente energizados. Um é de tecido, osso e sangue; o outro é de pura energia psíquica. Por vezes, o segundo corpo, ou corpo espiritual, é visto objetivamente por observadores independentes. O caso dos veteranos do Vietname, mencionado no primeiro capítulo deste livro, é um exemplo. Ao longo dos anos, houve muitos outros casos.

Nos tempos dos navios à vela, a escuna Julia Hallock, comandada pelo capitão J. S. Clarke, navegava uma vez ao largo dos Grand Banks, rumo a oeste. O imediato, Robert Bruce, entrou na cabina do capitão para calcular a observação do Sol ao meio-dia. Quando terminou os seus cálculos, anunciou a posição estimada do navio. Entretanto, sem que Bruce desse por isso, o capitão saíra da cabina. Bruce, não obtendo resposta ao anúncio, olhou para a cadeira do capitão. Ali, fitando-o silenciosamente com um olhar fixo, estava um completo desconhecido. Bruce correu para o convés, encontrou o capitão e regressou à cabina.

O desconhecido tinha desaparecido, e uma busca completa no navio não o encontrou. No entanto, na ardósia do capitão estava escrito: «Governar para noroeste.» Clarke mandou pôr o navio nesse rumo. Por volta das três da tarde, encontraram um veleiro que há muitos dias estava preso no gelo. Os passageiros e a tripulação estavam em apuros desesperados. A bordo estava o homem que Bruce vira três horas antes na cabina do Julia Hallock. Interrogado, o homem disse que tinha adormecido por volta do meio-dia. Não se recordava de ter sonhado.

Quando o levaram a percorrer o Julia Hallock, disse que o navio lhe parecia familiar, embora não se lembrasse de alguma vez ter estado nele. Deram-lhe a ardósia do capitão e, sem lhe mostrarem o verso, pediram-lhe

que escrevesse «Governar para noroeste». A ardósia foi então virada para revelar a primeira mensagem; a caligrafia era a mesma em ambos os lados.

Esta projeção do corpo espiritual — ser visto em dois lugares ao mesmo tempo — foi observada em todas as épocas, desde o célebre místico grego Pitágoras, no século VI a.C., até ao Padre Pio, o grande psíquico italiano do nosso tempo. Médicos e enfermeiros com sensibilidade psíquica por vezes veem tais «duplos» em hospitais modernos, no momento da morte.

Mais frequentemente, o conhecimento do segundo corpo deriva de experiência subjetiva direta. Haverá família no país sem algum membro que, por lesão, coma ou doença grave, não tenha estado no limiar da morte — e regressado para relatar uma dimensão, para além do mundo dos cinco sentidos, onde se continua muito vivo? Conheço um homem, jovem na época (hoje membro do Congresso), gravemente doente e em coma, cuja mãe formou um grupo de oração e rezou pela sua recuperação. Ele curou-se — e fez a mãe prometer que nunca mais faria tal coisa. A terra que tinha visto em espírito, disse ele, era muito mais esplêndida do que aquela a que voltou!

Cada guerra produz experiências fora do corpo. C. K. Jenkins, então soldado britânico, foi atingido durante os combates em Ypres, em 1917. «O meu corpo», contou mais tarde, «foi arrancado de mim tão depressa que não me apercebi de o ver cair. Continuei sem ele, sentindo-me vitalmente vivo e livre. Depois percebi que teria de voltar.» Após recuperar, disse que a experiência o fez compreender que «o meu corpo não sou realmente eu, mas apenas uma capa ou pele que visto».

Sam Bourne, bombeiro londrino, encontrava-se no quartel quando este levou um impacto direto durante os raides aéreos da Segunda Guerra Mundial. «Ouvi um estrondo», disse, «e depois estava fora do meu corpo. Eu conseguia ver o corpo da Terra debaixo de uma viga. Eu estava a cerca de metro e meio acima dele, livre como o ar e sem dor. Tinha consciência de cada detalhe da sala e eu tinha uma forma. Uma amiga estava sentada junto à janela e eu pensei: "Tenho de ir ajudá-la." Então, com aquilo que só consigo descrever como um trovão, voltei ao meu corpo e estávamos a ser resgatados por soldados. Nunca esquecerei a sensação gloriosa de liberdade e leveza enquanto eu funcionava no meu corpo espiritual. Se isto é 'morte', para quê preocupar?»[3]

Uma espécie de cordão prateado luminoso, ligando o corpo físico ao corpo espiritual, é frequentemente referido em associação com estas experiências. O entendimento habitual é que, se esse cordão fosse cortado, seria impossível regressar ao estado de carne e osso. Uma australiana, a Sra. E. Herrick, encontrou-se fora do corpo e a atravessar uma porta fechada. Tentou, mas não conseguiu, mexer num interruptor de luz. Ao olhar para trás, viu, a arrastar-se atrás de si, «um longo cordão ou rasto de luz» que a ligava ao corpo físico. A experiência trouxe-lhe aquilo que considerou «prova absolutamente irrefutável» da sobrevivência.[4]

Uma das experiências mais vividamente reais da minha vida foi precisamente uma excursão fora do corpo. Para mim, levantou para sempre o problema da sobrevivência do domínio da fé e trouxe-o claramente para o plano do realismo. Toda a evidência objetiva de sobrevivência que eu tinha acumulado em trinta anos — eu viajara pelo mundo e participara em sessões com os grandes médiuns do nosso tempo — tornou-se, por comparação, pouco importante. Eu estava gravemente doente. Os médicos diziam que eu não podia viver, mas, como bons médicos, continuaram a lutar. Eu estava no hospital de Coral Gables, e não se esperava que durasse a noite. Ouvi um médico dizer a uma enfermeira: «Mais vale que esteja confortável: dê-lhe a injeção.» Perguntei-me quanto tempo demoraria a morrer. Então, eu flutuava no ar por cima da minha cama. Vi o meu corpo, mas não lhe prestei mais atenção do que a um casaco deixado de lado. Depois, inconsciência total, intemporal.

Acordei desse flutuar pelo espaço sem qualquer sentido de ter um corpo como conhecera o meu corpo. No entanto, era eu, eu próprio. Estava num vale verde, com montanhas em toda a volta, e por toda a parte havia um brilho indescritível de luz e cor. Vinham na minha direção, de todos os lados, pessoas que eu tinha conhecido e de quem pensara que estavam mortas. Os que tinham partido em velhice estavam jovens; os que tinham passado como crianças estavam em corpos espirituais maduros. Mostraram-me tudo o que pareciam achar que eu devia ver. Muitas vezes viajei para países estrangeiros, fui recebido por amigos e apresentado aos costumes do país, e levado a vários pontos de interesse. Foi assim. Senti falta de várias pessoas que esperava ver e perguntei por elas. Imediatamente a luz escureceu, as cores desvaneceram-se. Através de uma névoa vi aqueles por quem perguntara; o

meu corpo tornou-se pesado; pensamentos terrenos encheram a minha mente; eu sabia que estava numa esfera inferior. Clamei por eles e pareceram ouvir-me, mas eu não conseguia ouvir a resposta.

Então, uma pessoa suave e radiante colocou-se junto de mim e fui restaurado. Todos estavam alegremente ocupados em misteriosas incumbências. Alguns que eu tinha conhecido bem não mostraram interesse por mim, enquanto outros que eu conhecera apenas de passagem pareciam atraídos — aqui, a lei da afinidade determinava as relações. A certa altura, um conselho de seres superiores considerou a minha condição. A Bíblia fala de anjos e arcanjos — poderiam estes espíritos pertencer a essa ordem? Tinham pouco interesse nos delitos comuns tão condenados na sociedade terrena, mas estavam seriamente preocupados com o desperdício de energia valiosa, com a dissipação da oportunidade de realizar aquilo que eu sabia estar destinado a cumprir. Ficou claro que eu teria de voltar.

À porta do regresso, resisti como uma criança mimada em birra — plantei os pés e lutei contra a ideia de ir. Houve uma súbita sensação de ser lançado pelo espaço e dei por mim a olhar para o rosto de uma enfermeira — em Coral Gables. Eu tinha estado em coma, quase sem vida, durante duas semanas.

As viagens espirituais deste tipo foram realizadas por pessoas, doentes e saudáveis, desde que existem pessoas. "Conheço um homem", escreveu São Paulo, um dos grandes sofisticados da história em matérias psíquicas, "que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu… há corpos celestes e corpos terrestres… semeia-se um corpo físico e ressuscita um corpo espiritual."® A psicologia do século XX nunca conseguiu "reduzir" estas experiências por via de análise, nem rebaixá-las ao nível de sonhos comuns. As experiências fora do corpo apresentam rotineiramente características que não ocorrem rotineiramente nos sonhos.

Há a realidade inicial de flutuar num lugar real — não num lugar de sonho — e ver, em detalhe, objetivos reais, incluindo o próprio corpo físico. Há a menção frequente de um cordão luminoso a ligar corpo e espírito, e a sensação ("ou antes que se solte o cordão de prata" — Eclesiastes) de que, se esse cordão fosse cortado, os dois corpos ficariam separados permanentemente e o corpo físico morreria. Estas e outras circunstâncias

"são inexplicáveis" — escreveu o psicólogo Robert Crookall em 1965 — "a não ser pela hipótese de um corpo 'astral' ou 'anímico' objetivo. Embora alguns dos duplos que as pessoas afirmam ter visto sejam, sem dúvida, alucinações, muitos eram, quase de certeza, reais."6

Uma vez que nós, aqui na Terra, somos — neste exato momento — espíritos, bem como corpos, as observações do segundo corpo nem sempre esperam por uma experiência à beira da morte. Muitos investigadores psíquicos estão convencidos de que a "aura" tantas vezes observada — e por vezes até registada em instrumentos — é uma emanação do segundo corpo, ou corpo espiritual, que, na vida terrena normal e saudável, se interpenetra e coincide com o corpo físico. Edgar Cayce, psiquicamente a pessoa mais dotada que alguma vez conheci, conseguia fazer os seus diagnósticos médicos com grande precisão observando diretamente a aura do paciente. Clarividentes que veem a aura sentem que a estão a ver com a sua visão normal. "Eu vejo-a, é só isso; ela está ali."

O dom, em algum grau, deve ser bastante comum; posso nomear, de memória, umas trinta pessoas que o têm. A partir desta exibição de luz, cor e energia, conseguem ler a saúde física e emocional de um paciente. Embora não seja uma especialidade minha, eu também consigo ver a aura, se me esforçar. Está a ser feito um esforço sério, por um cientista anteriormente ligado à RCA, para definir por instrumento os limites da aura. Sensitivos de muitos séculos e culturas associaram cores aúricas específicas a condições específicas. O branco à volta da cabeça, por exemplo, é tomado como indicativo de uma natureza espiritual altamente desenvolvida — daí as auréolas que os artistas medievais pintavam à volta das cabeças dos santos.

Porque a sua excelente formação médica e psiquiátrica lhe permite separar prontamente sintomas de psicologia anormal de fenómenos psíquicos genuínos, as descobertas recentemente publicadas (1967) da Dra. Shafica Karagulla têm um valor especial.7 A leitora de aura mais produtiva da Dra. Karagulla, uma empresária a quem foi dado o pseudónimo "Diane", vê a aura com um detalhe invulgar. Os seus elementos reagem visivelmente (para ela!) com as partes do corpo físico, com flutuações especiais de atividade áurica à volta dos órgãos importantes, centros nervosos e glândulas. Uma vez diagnosticou uma obstrução intestinal até então desconhecida quer do paciente quer do médico. Dentro de setenta e duas horas o diagnóstico

áurico foi confirmado por raio-X e a obstrução remediada por cirurgia. Noutra ocasião, Diane previu o início de uma condição grave (doença de Parkinson) com um ano e meio de antecedência. Não foi, disse ela, por precognição, mas pelo reconhecimento de atividade na estrutura áurica que, a seu tempo, traria desastre ao organismo físico.

São necessárias três ou quatro horas a esta sensitiva para uma leitura completa. Diane consegue ler a médica tão claramente quanto os pacientes e, uma vez, disse-lhe que ela estava profundamente irritada com um certo paciente — verdade, mas, pensou a médica, bem dissimulada. Perguntada como sabia, Diane referiu "pequenas manchas vermelhas, como sarampo", no campo emocional da médica. Esta área, diz ela, estende-se cerca de um pé, ou pouco mais, a partir do corpo, num grande oval. Um corpo de energia mais compacto interpenetra o corpo físico e, tal como visto por Diane, estende-se cerca de uma polegada para lá da pele como uma réplica próxima.

Que o corpo humano emite radiação é conhecido cientificamente desde 1923, quando foi medida pelo cientista de Leninegrado Alexander Gurwitsch. George W. Crile demonstrou, em 1934, que o tecido cerebral emite radiação nas gamas visível, infravermelha e ultravioleta. As radiações humanas mais fortes — relatou o investigador de Cornell Dr. Otto Rahn — emanam das pontas dos dedos da mão direita, facto há muito conhecido pelos curadores psíquicos. Alguns sensitivos irradiam de tal modo que não podem ser empregados em qualquer atividade que envolva película fotográfica não revelada; o seu toque, ou até a simples aproximação, "vela-a". Este efeito sugere uma nova possibilidade — será que aperfeiçoamentos nas técnicas fotográficas nos trarão, algum dia, conhecimento ainda mais específico do segundo corpo do homem e da sua aura?

O físico-engenheiro tornado investigador psíquico G. N. M. Tyrrell, um líder do pensamento mundial em matérias psíquicas até à sua morte em 1952, reformulou, em termos da ciência do século XX, o postulado clássico de São Paulo dos dois corpos do homem. Tyrrell sentia que os corpos físico e espiritual pertenciam, desde o início, a duas categorias de existência nitidamente separadas.

"O organismo material", escreveu Tyrrell, "é o aspeto de algo que pertence, do princípio ao fim, ao nível finito que agora ocupamos, ao passo

que o ser humano real — a personalidade — é, por natureza, um estranho a esse nível. O corpo estritamente físico não se identifica mais com a pessoa quando está vivo do que quando está morto… O nosso universo físico não é único no esquema das coisas. Se, quando o vemos, estamos de facto a olhar para a casa da realidade, então estamos a olhar apenas para uma fachada dessa casa.

A matéria não é o soberano despótico por que a tomámos; o cérebro não é o correlato físico da consciência, mas apenas um elo que liga a personalidade ao nível finito. O corpo deixado para trás na morte nunca foi parte da pessoa que o usou. Era um aspeto de algo que pertence essencialmente ao nível finito do nosso mundo presente e que, por isso, permanece nele — algo que foi apenas emprestado pela personalidade habitante e por ela usado como veículo temporário de expressão. Antes da fase da morte, o alongamento da personalidade tem vindo, há muito, a 'afrouxar o cordão de prata'."8

Foi necessário rever este terreno, para estabelecer que o homem tem um corpo espiritual — o seu corpo realmente importante — bem como um corpo físico, antes de podermos avançar para qualquer discussão que faça sentido do que realmente acontece numa sessão espírita real.

O que acontece realmente numa sessão espírita?

Quando as consequências de reconhecer o que acontece numa sessão espírita comum, do tipo que eu já realizei pelo menos oito mil vezes, são plenamente compreendidas, vê-se que são, na verdade, de cortar a respiração.

Os exemplos abundam. A simples admissão de factos agora estabelecidos como irrefutáveis (o meu trabalho foi cuidadosamente estudado por algumas das mentes científicas mais capazes de duas gerações) significaria um fim abrupto da causalidade materialista na ciência e do positivismo na filosofia. A teoria psicológica teria de ser reconstruída para dar uma posição central a valores e entidades espirituais que atualmente não são de todo reconhecidos.

A fisiologia teria de ser reescrita, se também se tivesse em conta o trabalho das médiuns físicas, para admitir uma substância que emana do corpo humano, é translúcida e é capaz de exercer força mensurável sobre objetivos físicos sob a direção de uma mente em transe hipnótico. Afirmações religiosas habitualmente afastadas por muitos como irrelevantes teriam de ser seriamente reavaliadas. A vida pessoal de cada indivíduo teria de ser replanteada para admitir uma duração de vida que se estende para lá da morte biológica e talvez até à eternidade. Advogados e sociólogos teriam, de forma semelhante, de tomar em consideração valores sociais adequados a uma existência humana prolongada indefinidamente.

Não admira, quando se pensa no assunto, que tantos especialistas formados em disciplinas estabelecidas mudem apressadamente de tema quando são questionados sobre fenómenos psíquicos. O simples levantar da questão pode pôr em risco posições adquiridas com tanto esforço. É mais fácil, até certo ponto, evitar a questão do que alargar o pensamento para incluir factos novos e relevantes. Tenho notado que os especialistas que mais ruidosamente negam os fenómenos psíquicos são aqueles que nunca se deram muito ao trabalho de encarar as provas. A reforma nunca chega facilmente. Por vezes sinto algo muito semelhante a compaixão ao ver um homem verdadeiramente erudito a debater-se com as questões que o meu trabalho inevitavelmente levanta.

É uma rutura dolorosa, por vezes agonizante, separar-nos de preconceitos incutidos em nós desde o nascimento. "O mundo está cheio de especialistas", escreveu Tyrrell, "que tomam os seus assuntos demasiado à letra porque acreditam que o seu conhecimento é final. Cada um, trabalhando no seu próprio sulco, é alheio a todos os outros e encara o seu próprio assunto como fornecendo a chave do universo. Um homem baseará o trabalho de uma vida em crenças que outro considerará não merecerem cinco minutos de atenção. Mas os dois nunca se encontram para esclarecer o assunto."

Investigadores físicos e psíquicos têm terreno comum numa verdade abrangente: o mundo dos cinco sentidos é um mundo de ilusão. O tijolo que parece mais sólido é, na sua maior parte, espaço vazio. A realidade da existência humana tem dimensões invisíveis ao olho físico. Nós, que exploramos o domínio psíquico, estamos a salvo de pelo menos uma das

armadilhas que assediam os que procuram a verdade: o dogmatismo. Sabemos apenas que estamos de pé na orla de uma dimensão ilimitada, regida por lei natural e que agora se abre para o homem explorar. Para além disso, os factos observados têm de ser organizados por simples conjetura e hipótese.

Na tradição científica, a hipótese favorecida é a que fornece a explicação mais simples e mais plausível dos factos observados. No caso dos fenómenos de mediunidade em transe, a hipótese dos dois corpos do homem explica de forma mais direta aquilo que se vê realmente acontecer. Segundo esta teoria, ambos os corpos nascem juntos e crescem juntos até o corpo material morrer. O corpo espiritual, por essa altura, é capaz de existir por si próprio e continua o seu percurso, com energia, propósito e memória, na sociedade de entidades semelhantes, reais embora imateriais. Qualquer outra teoria — e houve algumas engenhosas baseadas em telepatia, transferência de pensamento e projeção — exige prodígios de recursos humanos tão extremos que esticam a credulidade quase até ao ponto de rutura. Assim, até aparecer um postulado mais explícito, ficamos com a teoria mais simples. A natureza da sociedade a que o corpo espiritual se junta ainda é um palpite, embora tenham existido algumas pistas interessantes.

O que acontece, superficialmente, numa sessão espírita é suficientemente prosaico. Um médium parece estar a falar a dormir, numa cadeira reclinável. Na realidade, por meios bem compreendidos e descritos na literatura médica convencional, colocou-se em transe hipnótico (por vezes, médiuns em treino são adormecidos por hipnotizadores até dominarem eles próprios a técnica). Entre uma e trinta pessoas — os "assistentes" — estão sentadas à sua volta. De vez em quando, quando são interpelados pela voz do médium, um dos assistentes fala. Um gravador regista a sessão. A sessão média dura cerca de uma hora.

O sistema de comunicações em funcionamento nesta cena silenciosa é espantosamente complexo. Pela teoria dos dois corpos, cada comunicação envolve pelo menos quatro pessoas: o originador desencarnado da mensagem, o guia desencarnado, o médium e o assistente. Que este arranjo tem certas dificuldades intrínsecas é óbvio pelo que sabemos sobre comunicações entre pessoas encarnadas normais. Quantas vezes acontece que duas pessoas a viver na mesma casa, ou dois ramos da mesma família,

"não falam" — comunicações que poderiam ocorrer nunca acontecem, por falta de desejo ou por aversão ativa. Na sala de aula, alguns alunos, em certos dias, entusiasmam-se com a matéria e respondem com entusiasmo; noutras alturas, o professor queixa-se de que não consegue "alcançá-los" — falar com eles. A dificuldade de uma geração comunicar claramente com outra é bem conhecida, e o "problema dos sogros" — pequenas diferenças culturais entre famílias da mesma herança nacional — frequentemente torna as comunicações rígidas ou impossíveis.

O diálogo com pessoas de quem estivemos separados durante vários anos é por vezes tenso. Suponha que estava a ser dada uma pequena festa calma por pessoas que nunca conheceu muito bem e de quem não gostava particularmente, em que a conversa se centrava em coisas que não lhe interessam minimamente. Iria? Todos estes obstáculos e muitos mais estão presentes quando tentamos comunicar com desencarnados. São pessoas e comportam-se como pessoas.

"Temos a nossa própria versão do telefone", relatou Fletcher uma vez. A palavra, de algum modo, corre entre os desencarnados que possam ter interesse nos assistentes de uma determinada sessão que a ocasião está iminente. Normalmente, a presença é regida pelo que F. W. H. Myers chamou "a lei do amor e da amizade e do interesse comum".

Parentes próximos e amigos que já "passaram", pessoas outrora envolvidas em linhas de trabalho paralelas (quer conhecessem ou não algum dos participantes), são suscetíveis de atender ao chamamento. Por vezes aparecem tantos que é necessário um mestre-de-cerimónias para manter a ordem, garantir que as pessoas falam à vez e assegurar que nenhum desencarnado monopoliza a conversa. Esta é uma das formas em que os serviços de um guia — no meu caso, o estimável Fletcher — são inestimáveis.

O guia assume o mecanismo corporal que, para a ocasião, o médium adormecido hospitaleiramente deixou vago. O sono hipnótico, aliás, é muito profundo; durante o transe já me espetaram alfinetes na carne sem que eu acordasse. A partir desta nova posição (segundo uma versão da situação), o guia recebe mensagens de desencarnados que aguardam e retransmite-as, através do corpo físico do médium, para os participantes. As mensagens entre desencarnados são transmitidas não só como palavras mas, por vezes,

como símbolos de pensamento: "Big Ben… um relógio… um relógio… ah, sim, ele está a dizer que é apenas uma questão de tempo."

O que precede, como disse, é uma conceção da mecânica do transe. Há outra versão, que nos foi disponibilizada de uma forma muito invulgar. Há alguns anos tive uma participante, uma mulher, que era extremamente persistente a interrogar todos os desencarnados com quem falava exatamente sobre estes pontos — como era do outro lado? — exatamente como eram transmitidas as mensagens? Por fim, um dia, a sua persistência deu resultado. Entrou uma desencarnada que se identificou como Ruth Finley — a "Joan" da sequência Darby-and-Joan e colaboradora de Stewart Edward White na famosa descrição da vida após a morte, apresentada a partir de fontes desencarnadas, chamada The Unobstructed Universe (O Universo Desobstruído). Joan veio preparada, desta vez, com um relato das relações dentro do "universo desobstruído" — mundo dos desencarnados — e das transações entre esse mundo e o nosso.

"Joan" reafirmou as observações básicas dos leitores de aura: que toda a existência é energia sob alguma forma, que a energia superior ou mental sobrevive à morte e a inferior ou física não. Contudo, atribuiu um novo significado a estes factos no que dizia respeito à comunicação em transe. Como há um certo grau de interação entre energia mental e energia física em cada célula, nenhum corpo físico pode ser deixado, em segurança, muito tempo sem mente. Em transe, outra personalidade de um padrão energético aproximadamente idêntico — o guia — entra, por assim dizer, para guardar o lugar. Assim, Fletcher está, de forma limitada, "vivo" por enquanto, enquanto eu tenho a experiência de estar "morto" — livre para vaguear, por algum tempo, no universo desobstruído.

Foi uma ideia nova para mim. Eu sempre pensara que estava simplesmente "fora" durante o transe; não trazia de volta quaisquer memórias de experiência recente. Ainda há coisas neste conceito que me deixam perplexo. Ao mesmo tempo, há pontos que a explicação de Joan esclarece — em particular, aquelas passagens nos registos das sessões que são bastante obviamente apenas eu a debitar as minhas próprias ideias. Joan explicou-o assim: "Às vezes o Ford interessa-se tanto pelo que se está a dizer por aqui que se afasta com os seus companheiros e deixa que outra pessoa

tome conta do posto." Ou, se o tema da sessão me interessa especialmente, pareço inclinado a intrometer-me e dizer da minha justiça!

Suponho que todo o trabalhador consciencioso tem aquele lado perfeccionista que o impede de alguma vez estar totalmente satisfeito com o seu trabalho. Certamente isto é verdade nos médiuns de primeira linha que conheci. Estamos muito mais dolorosamente conscientes das nossas falhas do que qualquer crítico poderia estar — conhecemos as dificuldades em primeira mão. Mensagens hesitantes, partidas, formuladas de forma desajeitada, rígidas, sem o brilho da personalidade do comunicante de origem — estas coisas são a marca do principiante, mas são quase inevitáveis enquanto o novo médium está a aprender o ofício. Imagine, se conseguir, entrar num corpo inteiramente estranho (enquanto guia) e tentar, mesmo que de forma limitada, operá-lo. Não lhe levaria algum tempo aprender onde estão os "comandos"? Ou, do lado da Terra, imagine abandonar o seu próprio corpo e entregá-lo para ser habitado durante algum tempo por outra pessoa. Implica-se um certo grau de acomodação mútua, um certo protocolo. Isto tem de ser aprendido.

Uma crítica comum — de que comunicações envolvendo conhecimento especializado carecem de detalhe abundante — parece-me bastante injusta. Qualquer comunicação retransmitida por Fletcher e por mim passa pelas nossas mentes e não pode ultrapassar o nosso próprio conjunto de memórias, informação e vocabulário. Fletcher tem uma fina inteligência natural, um espírito pronto e, considerando as suas oportunidades, é espantosamente bem informado. Da minha parte, tento, de um modo geral, manter-me a par das coisas. Mas ninguém pode saber tudo sobre todas as especialidades. Não é invulgar lidarmos, numa única sessão, com pessoas de interesses tão díspares como um professor de Inglês, um físico nuclear, um governador de estado e um apresentador de televisão. Poderíamos Fletcher e eu — ou qualquer outra pessoa, aliás — lidar ao nível do especialista com todas estas áreas?

Poderia Einstein transmitir os seus mais recentes conhecimentos matemáticos a uma estrela do futebol? Ou Mozart relatar sobre a música universal a um merceeiro do bairro? Ou Rembrandt dissertar sobre arte a um carreteiro? Mesmo no corpo físico e sobre o chão sólido da Terra, o químico e o coreógrafo alguma vez "fazem faísca" de verdade? A solução, claro, é os

especialistas desenvolverem mediunidade, o que perfeitamente poderiam fazer se se dessem ao trabalho. Até poderia valer a pena, em termos de benefícios para a humanidade. O que poderia a ciência física ganhar com uma hora com Albert Einstein, ou o bailado com uma entrevista com Pavlova, ou a música sinfónica com uma sessão com Toscanini — se transmitida por médiuns que entendessem a linguagem e as subtilezas das suas especialidades?

Alguns críticos queixaram-se de que, se se considerarem as vastas possibilidades de comunicação a partir do mundo para além, muitas das comunicações desencarnadas parecem triviais. Estas trivialidades, contudo, na minha mediunidade, seguem um padrão específico e são tão importantes que lhes dedico um capítulo especial um pouco mais adiante. Um tipo bastante diferente de trivialidade, sob a forma de tolices ou até de maldade, provocou em certas mediunidades considerável ruído.

Os desencarnados com quem W. B. Yeats e a sua esposa estavam em contacto deram a tais entidades o nome de "frustradores". Uma vez, quando lhe disseram para não anotar nada porque um resumo viria a seguir, a instrução revelou-se pura malícia. "A partir de tal dia, tal hora", foi então dito a Yeats, "tudo é frustração" — indicando a perda de vários dias de trabalho para obter a mensagem completa e correta.

Frustradores ao nível de carne e osso, a minha experiência sugere, causam mais obstrução do que qualquer coisa originada para além. Pessoas rígidas, desconfiadas, pouco comunicativas não têm graça em esfera nenhuma. Quando os convites são feitos, quem iria querer ir a esse tipo de festa? Os melhores resultados obtêm-se com participantes vivos, interessados, responsivos, que fazem perguntas. Quando for a uma sessão, vá preparado para encontrar quase qualquer pessoa e passar o tempo com ela de forma agradável e conversadora. Se tiver perguntas, faça-as; isso acrescenta à ocasião.

Alguns comunicadores manifestam-se com força quase explosiva, cheios de uma urgência quase desesperada. O comandante do R-101 já mencionado foi um desses casos. O caso agora famoso de James Pike, Jr., filho de vinte e dois anos do Bispo James A. Pike, foi outro. O jovem Pike suicidou-se num quarto de hotel na cidade de Nova Iorque em Fevereiro de 1966. Cerca de

duas semanas depois, fenómenos físicos de origem psíquica começaram a ocorrer no apartamento do Bispo Pike, na Universidade de Cambridge, em Inglaterra, onde o bispo estava a estudar. A maioria destes acontecimentos foi testemunhada por — além do próprio Pike — a sua secretária e um clérigo, o Rev. David Barr. Numa manhã, todos os relógios pararam exatamente às 8:19 — a hora provável, convertida para a hora de Cambridge, a que o Pike mais novo se tinha morto. Depois, alfinetes de segurança começaram a aparecer por todo o apartamento, abertos e dobrados segundo o ângulo formado pelos ponteiros de um relógio às 8:19. Livros com alguma ligação ao filho morto apareciam em locais diferentes dos habituais.

Hinários e livros de oração eram encontrados abertos em versículos cujo tema era a vida eterna. Uma vez, enquanto Pike, Barr e a secretária trabalhavam no apartamento, houve uma grande confusão num armário. Pike abriu rapidamente a porta; não estava lá ninguém, mas o armário estava num caos de roupa revolvida. "Se ao menos", comentou um visitante numa ocasião, "algo deste género acontecesse na presença direta de testemunhas." Imediatamente, à vista plena das três testemunhas presentes, o espelho de barbear do Pike mais novo saiu do topo da cómoda que ele usara quando visitara o pai e flutuou suavemente até ao chão.

Quando a notícia destes acontecimentos chegou a Mervyn Stockwood, Bispo de Southwark e estudioso de fenómenos psíquicos, Stockwood concluiu que o filho de Pike estava desesperadamente a tentar estabelecer comunicação com o pai. Stockwood pôs Pike em contacto com uma médium, a Sra. Edna Twigg. A Sra. Twigg não sabia quem era o seu novo participante, mas deu a Pike mensagens que ele aceitou como sendo do seu filho morto. O Rev. John Pierce-Higgins, que acompanhou Pike como testemunha, disse que James, Jr., através da médium, exprimiu arrependimento pelo seu ato suicida. Não quis magoar ninguém e desejava não o ter feito.

Estivera sob stress na época de exames, "disse algo sobre drogas" (Pierce-Higgins) e supôs que a sua mente simplesmente estalara — não conseguira enfrentar as coisas sozinho. Tivera uma premonição de que "algo terrível ia acontecer" quando deixara o pai no aeroporto. Exprimira afeto pelo pai e também ressentimento por "a forma como o têm andado a maltratar" — referindo-se à desaprovação, por parte de clérigos ortodoxos, de algumas das ideias teológicas de Pike.

Mais de um ano depois de tudo isto, em Setembro de 1967, os acontecimentos conjugaram-se para reunir o Bispo Pike e eu. Allen Spraggett, editor de religião do Toronto Star, escrevera um livro sobre fenómenos psíquicos. Pike e eu tínhamos sido convidados a falar na televisão como parte da publicidade do dia de publicação.

Na estação de Toronto da Canadian Broadcasting Corporation, Pike pôs-se a andar ao meu lado e disse que gostaria, se fosse possível arranjar, de ter uma sessão algures. Já tínhamos concordado que uma sessão seria uma boa coisa, mas não tínhamos combinado uma data definida de divulgação do registo. "E que tal agora mesmo?", disse eu. Entrámos no estúdio e fizemos a gravação que mais tarde foi mostrada, em parte, nas principais redes de televisão dos Estados Unidos e do Canadá.

Passou uma abundância de material novo por Fletcher, não apenas do filho de Pike, mas de outros desencarnados que tinham conhecido o bispo. O Pike mais novo identificou a droga que tinha mencionado anteriormente como LSD — fora outra tragédia de LSD. Tinha-se "metido naquilo" na Califórnia, na universidade, e voltara a encontrar parte da mesma gente ao regressar a Nova Iorque. O suicídio fora o resultado de uma "bad trip".

Após a sessão com Pike, foram feitas imediatamente chamadas telefónicas para pessoas tão distantes como Los Angeles e Londres, para verificar as afirmações dos desencarnados. Uma das partes mais interessantes da variedade "trivial" teve que ver com dois gatos de estimação há muito falecidos. Sugere algo que há muito se especula na tradição parapsicológica — que os animais, tal como os humanos, possam sobreviver à morte.

"Há aqui um senhor idoso", disse Fletcher a Pike durante a sessão, "que está com o seu filho do outro lado. Ele quer que verifique algo que provará a sua identidade. Tem dois gatos com ele que foram, em tempos, animais de estimação do filho dele, que tem o mesmo nome que ele — Donald MacKinnon. O MacKinnon atual dá aulas em Cambridge. O James, Jr., costumava aparecer nas aulas dele."

Pela chamada de longa distância para Cambridge, MacKinnon, que se veio a verificar fazer dos gatos um passatempo, recordou de imediato os dois específicos a que Fletcher se referira. "Isto é extraordinário", exclamou, "eu tinha mesmo dois gatos de estimação — um preto e um cinzento — quando era rapaz. Um desapareceu algum tempo antes da morte do meu pai; o outro agiu de modo estranho no dia do funeral dele."

Fletcher falou de «um homem idoso de origem eslava e judaica» que ajudou James, Jr., a fazer a sua adaptação ao «outro lado». «Correto», disse o Bispo Pike, «o avô materno do Jim era um judeu russo». Fletcher dissera: «Um homem um pouco mais velho do que o senhor, um capelão universitário — Louis Pitt — diz que se lembrará dele. Tentaram duas vezes fazê-lo bispo, mas falharam». «Confere», disse Pike. «Louis Pitt foi o meu antecessor como capelão em Columbia. Teve pouca sorte na questão da elevação a bispo — sempre madrinha, nunca noiva».

Outro antecessor de Pike — Karl Block, antigo Bispo da Califórnia — surgiu, através de Fletcher, para se identificar e descrever certas transações imobiliárias que tinha tratado para a sua igreja e que presumivelmente só ele poderia conhecer em pormenor. Por fim, James, Jr., falou de «uma encantadora senhora idosa chamada Carol — Carol Rede — com quem esteve associado na catedral (de São João o Divino, em Nova Iorque). Ela pede que procure o seu irmão, um major reformado que vive em Carmel, quando regressar à Califórnia». «Isso foi um choque», disse Pike. «Lembro-me bem de Carol Rede, mas não sabia que tinha morrido!»

Depois da sessão houve as perguntas habitualmente feitas nessas ocasiões — se eu poderia ter recolhido toda essa informação através da investigação de materiais publicados, ou pela leitura das mentes de pessoas vivas. «Não creio», respondeu Pike. «Algum do material era de natureza tão intimamente pessoal que teve de ser apagado do filme. Certamente não poderia ter sido publicado e ainda não o foi. E, no entanto, confirmou-se» — embora plenamente compreendido no seu significado apenas pelo próprio Bispo. «Alguns pormenores que se revelaram corretos estavam definitivamente para além de tudo o que eu poderia ter sabido na minha mente consciente — e suspeito que, em alguns casos, também na minha mente inconsciente.»

UM FIM AO MEDO DA MORTE

Tenho visto muitas pessoas transformadas pela libertação do medo da morte, através da resolução final das suas dúvidas acerca da sobrevivência, de tal modo que me admiro de que esse alívio não seja mais amplamente desfrutado. Homens e mulheres esmagados pelo luto ou incapacitados pela falta de sentido de uma existência puramente materialista retomaram uma vida entusiástica. Clérigos perto do desespero por aceitarem pagamento para expor doutrinas em que já não acreditavam voltaram a ganhar vida como centros de confiança e força, pregando a mensagem da vida contínua com absoluta convicção.

Uma emancipação geral do ardente aperto deste, o mais temível de todos os medos, libertaria enormes energias humanas para as tarefas criativas da vida. E não há qualquer razão racional para adiar por mais tempo o desfrute geral deste benefício incomensurável. Cem anos de investigação cuidadosa estabeleceram o facto essencial da sobrevivência para satisfação de todos os que abordam as provas com mente livre. Três mil anos de demonstração por profetas, santos e heróis sugeriram a capacidade de uma vida ampliada que resulta quando um ser humano põe de lado o seu medo da morte. Já não há, repito, qualquer razão racional para considerar a morte biológica como um fim final, ou para a temer. Certos factores irracionais, contudo, interpõem-se continuamente no caminho.

Não é dos menores entre eles a influência inibidora do espetáculo daqueles que estão nas garras de um luto profundo. Há algo no luto — talvez a sua revelação da nossa interdependência universal — que repele aquela parte das nossas mentes que é comum, quotidiana e egocêntrica. Como tantos dos que procuram a verdade sobre a sobrevivência experimentaram ou estão a experimentar o luto, há uma tendência do público, não querendo ser lembrado da sua mortalidade física, para desviar o olhar.

Não estou certo de que as pessoas que procuram sessões intermináveis para recuperar a companhia habitual de entes queridos falecidos estejam a fazer a coisa certa. Aqui, parece-me, aplicam-se as regras comuns da vida terrena. A dependência extrema de qualquer tipo é geralmente reconhecida como uma influência restritiva no desenvolvimento do carácter. Há um tempo, mesmo na vida física, para o indivíduo se libertar de antigos apoios e

seguir por si próprio. Contudo, algumas pessoas acham extraordinariamente difícil enfrentar os factos da vida — e da morte. A morte é uma transição irrevogável para um novo ambiente, um deixar para trás, apesar da possibilidade de ocasionais e breves regressos, de lugares, pessoas, coisas e atividades familiares. Esta separação é, em alguns casos, traumática para os que ficam; a ferida parece nunca sarar; o facto da morte não pode ser aceite como um dos choques da existência.

Muitas autoridades comentaram esta resistência às verdades difíceis. «Não queremos conhecer as nossas limitações, nem o sofrimento e a desilusão que nos esperam», escreve George Lawton. Queremos que a solução venha de fora, sem dor; rejeitamos qualquer sugestão que exija os nossos próprios esforços lentos e laboriosos, feitos de modo normal, à luz do dia. No entanto, a reação mais eficiente à derrota contém muita franqueza e pouco medo; o fracasso simplesmente faz com que o indivíduo pare e faça um balanço de si mesmo. A avaliação e o pensamento construtivo resultam frequentemente numa modificação favorável das qualidades do indivíduo. «Embora o sucesso ainda possa não coroar os seus esforços, há uma melhoria acentuada na sua capacidade de lidar com a derrota. Outros, em vez de seguirem este caminho difícil, procuram um tapete mágico que os leve instantaneamente ao desejo do seu coração. Acabam por perceber que o que parecia ser um atalho pela selva psíquica se revela um beco sem saída.»

A morte de alguém com quem estivemos longa e estreitamente associados deixa um vazio nas nossas vidas que por vezes parece quase intolerável. O fluxo de energia psíquica outrora dirigido para essa pessoa fica temporariamente sem objeto. Novos objetivos — outras pessoas ou interesses — precisam de ser encontrados. A pessoa que morreu deixa uma imagem nas mentes daqueles que a conheceram. Durante algum tempo, a energia psíquica habitual é desviada para essa imagem. Mas, à medida que se encontram novas saídas de energia, a imagem esbate-se — a vida continua. «O tempo cura», dizemos — o choque do luto é suportado, a profundidade da dor é ultrapassada. Por fim, não resta uma imagem, mas a memória de uma imagem, ou, como diz Lawton, «uma tristeza pungente e reflexiva».

Sempre considerei que ajudar pessoas enlutadas a recuperar normalmente do luto é uma das minhas funções como médium e uma parte importante do meu ministério. O meu propósito superior, contudo, é ensinar

e demonstrar a sobrevivência, não como combustível para a neurose, mas como facto objetivo. As pessoas têm o direito de saber o tipo de universo em que vivem. Aquilo que cura é simplesmente a verdade.

Um dos factores demasiado raramente reconhecidos é a satisfação oculta, depois de passado o luto, com a situação tal como ela é. Mesmo que tivéssemos a certeza de que a avó Jones e o tio Harry continuam a viver, quereríamos realmente juntar-nos a eles, ou que eles se juntassem a nós? O pensamento de que poderemos eventualmente ter de fazer as pazes com o avô Miller — ou com a mãe e o pai — traz-nos prazer ou desconforto? A par da preocupação com os «mortos» existe também um profundo desinteresse por eles, estendendo-se por vezes à repulsa ativa. A morte, para alguns, significa um cadáver e nada mais.

No outro extremo estão as pessoas que fazem do seu luto uma instituição permanente. Conheci pais que mantêm um quarto na sua casa para um filho há muito falecido tal como ele o deixou, têm uma cadeira para ele à mesa, guardam as suas roupas no armário e na cómoda. Não estou convencido de que este tipo de atitude esteja a fazer o melhor uso do facto da sobrevivência; cheira demasiado a apego neurótico. Na vida física, quando um filho cresce e segue o seu próprio caminho, encorajamo-lo, restringindo os nossos laços a visitas educadas não demasiado frequentes, com palavras de conforto quando necessário. Não deveríamos fazer menos por ele, nem mais, quando o cenário das suas atividades é transferido para o mundo dos desencarnados.

Neste ponto devo recordar aos meus leitores que, além de médium, sou também um ministro cristão. Tornar-se mais interessado nos desencarnados do que em Deus é, do ponto de vista da teologia cristã, tão idólatra como qualquer outra forma de apego desordenado. Para aqueles que são céticos religiosos, a mesma verdade pode ser expressa em termos não eclesiásticos: uma concentração excessiva nos particulares afasta-nos do poder restaurador dos grandes universais.

Duas coisas são absolutamente essenciais para superar o medo da morte. A primeira é alcançar a convicção da sobrevivência da personalidade humana após a morte biológica, através de uma confrontação honesta com as provas. A segunda é sustentar essa convicção contra as forças erosivas

exercidas por uma sociedade materialista. Uma vez alcançadas estas duas coisas, a verdade da sobrevivência torna-se parte da crença nuclear de cada um — tal como a gravitação, uma das certezas asseguradas do universo. Os dois aspetos da crença, emocional e intelectual, caminham juntos. Sem o apoio emocional de fenómenos imediatamente experienciados, a doutrina intelectual tende a ser estéril.

Em matérias desta natureza é muito difícil avançar sozinho. Precisamos do apoio de outros que também se tornaram conscientes da realidade que transcende a morte. Ao longo da história humana, este companheirismo tem sido quase essencial para uma libertação duradoura do medo central do homem. Tive a boa fortuna de participar num movimento de apoio precisamente desse tipo, no nosso próprio país e no nosso próprio tempo. Chamado *Spiritual Frontiers Fellowship*, tem agora uma adesão de âmbito nacional e em crescimento.

O verdadeiro impulso para a SFF veio do autor e líder do cristianismo internacional, Dr. Sherwood Eddy. Depois de publicar trinta e nove livros, Eddy escreveu um em 1950 que era distintamente e dramaticamente diferente. Durante catorze anos, convencido de que a promessa da imortalidade estava no próprio cerne do cristianismo, mas incerto quanto às provas, fizera da investigação pessoal dos fenómenos psíquicos que pareciam apontar para a possibilidade de uma vida após a morte a sua principal preocupação. Por fim, inabalavelmente convencido, ofereceu o seu notável volume, *You Will Survive After Death*, como contribuição para a difusão da boa-nova.

O nome do Dr. Eddy gozava de respeito mundial, e o seu livro teve um impacto tremendo em leigos e clérigos cristãos por toda a América. Muitos deles tinham ouvido falar do Espiritismo e talvez lido algo sobre fenómenos psíquicos, mas este livro transmitia convicção.

O pequeno volume de Sherwood Eddy reuniu outros por toda a América que vinham a percorrer um caminho paralelo. Um deles foi Alson Smith, ministro metodista e autor de *Religion and the New Psychology*, que há muito sentia que a verdade psíquica detinha a chave para renovar a vitalidade perdida das igrejas. Paul L. Higgins, pastor da Igreja Metodista de Hyde Park, em Chicago, discutira frequentemente comigo assuntos psíquicos nas minhas

viagens a essa cidade. W. H. Leach, editor da influente *Church Management*, acrescentou a sua voz ao sentimento crescente. S. E. Hening, um empresário da Virgínia, trouxe de uma das suas viagens notícias recentes de que tinha acabado de ser formada em Inglaterra uma *Churches' Fellowship for Psychical Study*. Marcus Bach, professor de religião na Universidade Estatal do Iowa, juntamente com o antigo presidente de colégio Albin Bro e a sua esposa escritora, Margueritte, acrescentaram mais vozes entusiastas.

Escusado será dizer que dei ao movimento o meu próprio apoio sem reservas. Tendo atravessado repetidamente o país, falando com ministros (entre milhares de outras pessoas) e realizando sessões em (entre outros lugares) igrejas e seminários, há muito sentia a necessidade de algum tipo de influência nacional de organização e orientação.

Em Março de 1956, realizou-se em Chicago uma reunião organizacional, arbitrariamente limitada a cem pessoas. Pessoas de locais tão distantes entre si como Massachusetts e Califórnia, Oregon e Texas, ministros e leigos de igrejas Batistas, Congregacionais, Discípulos, Episcopais, Reformadas, Quacres, Luteranas, Metodistas e Presbiterianas criaram a nova fraternidade. A assembleia adotou um nome — sugerido pela Sra. Bro — e elegeu o Rev. Paul Higgins como primeiro Presidente. O Rev. Edmond G. Dyett, doutorado em psicologia, disponibilizou espaço para a sede na sua espaçosa casa em Evanston e tornou-se diretor executivo a tempo inteiro.

Um programa para o primeiro ano foi aprovado e posto em marcha. Desde então, a Fraternidade cresceu até que grupos psíquicos de orientação religiosa funcionam agora em todas as regiões do país. O Rev. George Wright tornou-se o segundo Presidente da SFF. O terceiro e atual Presidente é William Rauscher, reitor episcopal de Woodbridge, Nova Jérsia. Através das suas reuniões de grupo amplamente disseminadas e da sua revista *Gateway*, a SFF está a introduzir novos milhares ao desconhecido conhecido, cimentando a certeza que põe fim ao medo da morte.

A minha convicção, como já disse, é que a intelectualização por si só nunca pode ser mais do que um preliminar para libertar a emoção — o amor compreensivo — que substitui aquela outra emoção que durante tanto tempo foi uma praga para a humanidade: o medo. Emoções destas

dimensões, como espero mostrar em seguida, envolvem não apenas a mente, mas o ser inteiro.

AQUELAS TREMENDAS TRIVIALIDADES

As mensagens mediúnicas que afirmam provir dos mortos têm sido frequentemente criticadas com o argumento de que o seu conteúdo é trivial. Se são realmente os falecidos que comunicam, pergunta-se, porque desperdiçam momentos de ouro em conversa fiada ou mexericos de família? Não deveriam tais oportunidades raras ser utilizadas para temas mais elevados? Se existe realmente outro mundo à nossa espera depois da morte, sentimos um desejo quase lancinante de saber como ele é. Porque nos é isso tão raramente dito? Porque somos tantas vezes sobrecarregados com informações de importância negligenciável, enquanto as grandes questões ficam sem resposta?

É um ponto que merece a mais séria consideração e que recebeu a atenção cuidadosa das melhores mentes da investigação psíquica. Foram apresentadas várias explicações. Uma delas, demonstrada de forma engenhosa no início deste século pelo famoso professor de filosofia da Universidade de Columbia, James H. Hyslop, foi descrita por Louis Anspacher, um dos seus alunos, que mais tarde se tornou conhecido como autor e dramaturgo.

Hyslop mandou instalar uma linha telegráfica ligando dois edifícios muito afastados no campus de Columbia e colocou telegrafistas experientes em cada extremo. Enquanto ele tomava posição num dos lados, vários dos seus estudantes reuniam-se no outro. Um desses estudantes era Anspacher. O objetivo da experiência era determinar que tipo de comunicação daria a Hyslop provas suficientes para poder afirmar, de forma definitiva, qual dos seus alunos estava a enviar a mensagem.

Quando foi a minha vez [escreveu Anspacher], mencionei o facto notável de Royce, um hegeliano, James, um pragmatista, e Münsterberg, um materialista, estarem todos na mesma faculdade de filosofia de Harvard ao mesmo tempo. Depois discuti Bergson e a posição dos institucionalistas na filosofia moderna. Tudo em vão; Hyslop não conseguiu adivinhar quem estava do outro lado do fio. Mas quando telegrafei o seguinte: "A subir no

elétrico da Avenida Amsterdam, o senhor e eu discutimos a Evolução Criadora de Bergson. O condutor divertiu-se com o nosso francês bárbaro. Ambos tentámos pagar a tarifa. A sua moeda de dez cêntimos caiu no tapete." Perante esta comunicação trivial, Hyslop telegrafou de imediato: "Anspacher."

Nenhum outro ser humano alguma vez partilhara exatamente estas experiências, nesta mesma ordem, com Hyslop; assim, pôde afirmar, sem qualquer dúvida ou reserva, de onde a mensagem tinha partido. Muitas das mensagens que chegam através de Fletcher e de mim são precisamente deste tipo identificador do agente.

O escritor, editor e professor Jerome Ellison contou-me outra sequência deste género. Começou com a primeira de uma série de sessões que teve comigo enquanto pesquisava fenómenos psíquicos. O diálogo entre ele e Fletcher, segundo Ellison, foi mais ou menos assim:

— Há alguém aqui que está muito interessado em si. Nome Burch.

— Sim?

— Parece que o conheceu quando era rapaz.

— Tive uma vez um professor da escola dominical chamado Sr. Burch. Um excelente homem.

— Há algo sobre um coelho. Alguma ligação com um coelho branco.

— Tive um coelho branco quando era miúdo, mas isso não teve nada a ver com o Sr. Burch.

— Bem, vejo este coelho branco relacionado de alguma forma consigo e com o Sr. Burch. Um coelhinho. Coelhinho. O apelido do Sr. Burch era "Coelhinho"?

— Claro que não. Ele era demasiado digno para ter uma alcunha.

— Bem — disse Fletcher, soando um pouco frustrado — veja se consegue confirmar isso.

Prosseguiu então com mensagens para outros participantes. Mais de um ano depois, numa visita à casa da sua infância, Ellison contou o episódio à sua mãe já idosa.

— Queres dizer que não te lembras?! — exclamou ela. — O coelho branco foi um presente de Páscoa que o teu professor da escola dominical, o Sr. Burch, te deu num determinado ano.

— Há apenas duas explicações possíveis — disse-me Ellison. — Ou foi o Sr. Burch a identificar-se, ou foi o senhor a inventar uma história a partir de material que surripiou telepaticamente da minha memória — ou, neste caso, do meu esquecimento. Das duas, a hipótese do Sr. Burch parece-me de longe a mais provável. De todo o material armazenado na minha fita de memória, porque escolheria o senhor precisamente este item — a menos que tivesse sido incitado por alguma entidade psíquica que queria que escolhesse exatamente este e nenhum outro?

As crianças, reparei, tendem mais a lembrar-se de um presente excitante do que a lembrar-se de quem o ofereceu. "Quem me deu o facto do Batman?" é uma pergunta comum mesmo poucos dias depois do Natal, na altura de escrever os agradecimentos. Sem dúvida foi assim também no meu caso. Sem a recordação da minha mãe, eu teria perdido completamente a importância desta mensagem tão probatória. Tive apenas um coelho em toda a minha vida. Foi-me dado pelo Sr. Burch. Nenhuma pessoa viva o sabia, exceto a minha mãe, que nunca o mencionara desde o momento do presente até lhe ter contado a mensagem. Isto estabelece, para minha total satisfação, o facto de suprema importância de que o Sr. Burch, há muito "morto", onde quer que esteja, se encontra em posição de, quando as circunstâncias são adequadas, comunicar com pessoas vivas.

Uma das minhas primeiras experiências psíquicas, ocorrida ainda antes da minha colaboração com Fletcher, girou em torno deste tipo de mensagem identificadora. Quando estava na universidade, vários irmãos da minha fraternidade interessaram-se por assuntos psíquicos, procurando médiuns e adivinhos sempre que tinham oportunidade e comparando resultados. Um

deles, chamado Joe, contraiu um caso fatal de pneumonia. Quando os médicos já tinham perdido a esperança, chamou-me à sua cabeceira e, entre as últimas lutas para respirar, disse: «Se conseguir voltar, dar-te-ei uma prova.»

Meses depois, durante umas férias no Michigan, assisti a uma reunião espiritualista num acampamento. A clarividente disse que tinha uma mensagem para mim e descreveu Joe, embora não conseguisse obter o seu nome. A mensagem não era inteiramente clara, mas tinha algo a ver com dinamite. Não consegui de modo algum relacionar Joe com dinamite e, por isso, esqueci todo o assunto. Um ano ou dois depois, outro médium noutro estado repetiu exatamente a mesma situação — e, um ano depois disso, um terceiro médium trouxe-me Joe novamente. O médium insistia que Joe estava a dizer uma palavra que soava a dinamite, mas que não era exatamente essa palavra.

O meu amigo estava agora a pedir, disse o médium, que eu percorresse a palavra com ele sílaba por sílaba, cada um de nós dizendo sílabas alternadas. Imediatamente compreendi. A palavra-passe secreta da nossa fraternidade era Dynamus, trocada sílaba a sílaba entre os irmãos, juntamente com o aperto de mão secreto. A palavra-passe mudava todos os anos; no ano em que Joe morreu era Dynamus.

A persistência da comunicação, combinada com o facto de ninguém conhecer a palavra-passe exceto os membros daquele pequeno grupo naquela pequena universidade naquele único ano, convenceu-me, para além de qualquer dúvida, de que era realmente Joe a cumprir a promessa de me dar uma prova de sobrevivência, caso isso viesse a revelar-se verdadeiro.

É este, então, o carácter distintivo de muitas mensagens altamente probatórias — uma moeda que cai no tapete de um elétrico, um pequeno presente dado e recebido durante um período esquecido da infância, um fragmento de ritualismo de um grupo fraternal há muito disperso. Triviais? De certo modo, sim. Mas sempre triviais de uma forma muito particular: a de estabelecer, para além de qualquer possibilidade de erro, que a mensagem tem origem numa entidade psíquica específica associada a uma pessoa tida como morta, e em nenhuma outra.

Na minha opinião, esta circunstância por si só não explica completamente o tom de conversa casual de tantas comunicações transmitidas por médiuns. Gostaria de recordar mais uma vez aos meus leitores duas circunstâncias que os recém-chegados aos assuntos psíquicos tendem a esquecer — os desencarnados são pessoas, e as sessões são ocasiões semipúblicas frequentadas por pessoas de origens diversas que, na sua maioria, são estranhas entre si.

Mesmo entre pessoas de carne e osso na vida quotidiana na Terra, a conversa fiada tem a sua utilidade como lubrificante social. O vendedor de seguros não vende seguros no meio de um funeral. O Lochinvar não faz declarações de amor numa conferência pública. O pregador não faz um sermão num jogo de bola. Não costumamos falar de política durante uma cerimónia de casamento. A convenção universalmente aceite para a comunicação em todas estas ocasiões — e em muitas outras, incluindo sessões mediúnicas — é a conversa ligeira.

Além disso, a maioria das pessoas tem áreas de opinião rígida de carácter tão explosivo que, se tocadas mesmo de forma casual, explodem — destruindo com a explosão qualquer ocasião social (como uma sessão) que esteja a decorrer. Com o tio Mark é a política, com a tia Hattie a religião, com o primo Tom a possibilidade de uma vida após a morte, com a sobrinha Susie o fator de atração relativo das atuais estrelas da televisão.

Em reconhecimento deste perigo, a maioria dos encontros sociais do lado de cá da Terra é dominada por comentários insignificantes sobre o tempo, o estado da saúde física e a classificação das várias equipas desportivas. Parece-me sinal de um sentido social extremamente apurado que os desencarnados tantas vezes avancem com leveza por entre assuntos que cumprem o seu propósito principal sem prejudicar a cordialidade da ocasião.

E qual é exatamente esse propósito principal? Foi tão bem expresso por Anspacher que não posso fazer melhor do que citá-lo novamente: «Nestas comunicações não devemos esperar descrições importantes da vida futura. Na realidade, tais descrições não são importantes. Devemos ter presente que todo o nosso vocabulário é terreno e tridimensional. Quando consideramos

as dificuldades da comunicação, é maravilhoso que recebamos seja o que for, por mais trivial que seja.

Cada palavra que usamos está saturada da nossa experiência terrena. Os espíritos desencarnados, se tais existirem, podem ainda não ter vocabulário para descrever um mundo que nunca antes experienciaram.» Pediria alguém, neste mundo, uma tese de doutoramento a um recém-nascido? «Assim, possivelmente tudo o que podem fazer é dizer: "Olá, estou aqui."»

Na realidade, há uma certa sabedoria profunda demonstrada pelos desencarnados ao não tentarem profundidades quando as condições não são adequadas. As condições adequadas ocorrem por vezes, contudo, e, como mostrarei no próximo capítulo, é um facto registado que aquilo a que Anspacher chama «descrições importantes da vida futura» já foi recebido. Entretanto, o método preferido dos desencarnados para assinalar à humanidade, com persistência incansável, a realidade inatacável da vida após a morte continua a ser a citação de pequenos itens de experiência recordada que identificam de forma única o comunicador — que dizem: «Olá, estou aqui!»

Tais mensagens chegam através de Fletcher e de mim em quantidade e variedade verdadeiramente espantosas. Outra qualidade probatória, intimamente relacionada com trivialidades únicas mas não exatamente a mesma coisa, é algo que poderia ser chamado o «sentido de personalidade». Isto foi-me referido por Jerome Ellison após uma sessão posterior comigo, durante a qual Ellison recebeu cumprimentos de um antigo colega editorial, George Grant.

Pouco tempo depois de Ellison ter deixado a revista que ambos empregava (Reader's Digest), Grant morreu de uma infeção bacteriana.

O que me impressionou quanto à autenticidade da mensagem não foi o seu conteúdo factual. É apenas possível — embora nada provável — que os factos essenciais pudessem ter sido reunidos por meio de investigação e pesquisa prolongadas. O que absolutamente não poderia ter sido falsificado por alguém que não tivesse conhecido bem o George e que, ao mesmo tempo, não fosse um imitador talentoso — e eu sabia com praticamente 100 por cento de certeza que nem Ford nem Fletcher o tinham conhecido de

todo, quanto mais visto em ação tempo suficiente para fazer uma imitação perfeita — foi a qualidade precisa de cordialidade, por vezes quase de empenhada afeição, combinada com uma naturalidade prática, com que ele costumava falar comigo.

Mesmo que isto pudesse ter sido imitado, ninguém poderia ter captado o tom exato da conversa informal de bastidores do escritório que existia quando trabalhávamos juntos, exceto através de uma exposição prolongada que a equipa Fletcher-Ford nunca poderia ter tido. Era, sem qualquer dúvida, o meu antigo colega de trabalho George.

Uma qualidade semelhante — um sabor particular de personalidade combinado com um estilo de conversa familiar que prevalecia apenas dentro da sua família — estava presente, diz Ellison, quando comunicou com o seu filho, Jerome III (morto acidentalmente em 1952), durante uma sessão realizada em 1956.

Os desencarnados que comunicam através da minha mediunidade têm mostrado — de acordo com os guiões, fitas, transcrições dactilografadas, notas e cartas que me são entregues após sessões durante as quais estou em transe e inconsciente — uma grande variedade de maneiras de indicar a sua identidade.

A Sra. Robert M. Conner, de Cambridge, Ohio, relatou uma sessão, realizada em Cleveland em 1967 e assistida por várias testemunhas, incluindo o seu marido, o Dr. e a Sra. Naldo Moss e o Sr. Robert Hoyle, durante a qual Fletcher transmitiu mensagens carregadas com um conteúdo invulgarmente elevado de informação factual verificável. «Sou genealogista», escreve a Sra. Conner. «Na altura da sessão, eu estava a compilar um livro, Pioneer Families of Guernsey County, Ohio. Vários locais onde famílias pioneiras tinham vivido no início do século XVIII não conseguiam ser encontrados.» Durante a sessão, Fletcher apresentou desencarnados que «disseram onde tinham vivido e nomearam o condado. Com esta pista, conseguimos localizar os registos antigos do condado e traçar os parentescos».

Numa ocasião, um desencarnado, através de Fletcher, tirou um esqueleto de família do armário. Isto foi registado por Frances M. Bolling

durante uma sessão realizada na primavera de 1955, à qual assistiram ela própria e mais seis pessoas.

Fletcher perguntou: «Há aqui um A.B.B.?» A.B.B. não estava presente, mas eu conhecia-a e disse-o. O irmão dela, L., queria fazer-lhe chegar uma mensagem, e eu escrevi tudo, e no dia seguinte levei-lho.

. . . Abordei o assunto com delicadeza: «Tem um irmão L.?» Ela sorriu, orgulhosa, e falou-me do seu irmão talentoso que tinha morrido. Ele teve alguma coisa a ver com os móveis que agora tem em casa? Teve, e ela contou-me a história.

Depois perguntei: «O seu irmão bebia?» Não, era uma pessoa maravilhosa, etc.

«Então ele não morreu por beber demais?» A.B.B. ficou horrorizada.

«O seu irmão alguma vez deixou a esposa e foi-se embora com outra mulher?»

«Valha-me Deus, não.»

A esta altura eu estava confusa e embaraçada diante da minha amiga, honrada e altamente respeitada. Contei-lhe toda a história de Arthur Ford ter estado aqui, da sessão, de tudo o que supostamente o irmão dela tinha dito, incluindo a observação: «Embora eu tenha ido para o México com Helen, nunca a amei de verdade. Eu sempre amei a minha esposa e quero tanto que ela o saiba.»

Nesse momento, A.B.B. interrompeu com grande ênfase: «Eu sempre soube que ele nunca amou a Helen.» Tendo sido descoberto o esqueleto de família, ela confirmou então todos os pormenores, exceto que a causa da morte não tinha sido atribuída ao alcoolismo, mas a «outra coisa».

Quando a viúva de «L.» soube da sessão, veio ter com Frances Bolling para obter um relato em primeira mão.

Os desencarnados que tinham sentido de humor na vida de carne e osso não o perdem e gostam particularmente de recordar piadas internas de família. Eis parte de uma fita gravada durante uma sessão no meu apartamento de Filadélfia, em Março de 1965, quando onze pessoas de Elizabethtown, Pensilvânia, vieram para uma sessão previamente combinada.

FLETCHER: Tenho de pôr isto em palavras. Eu não recebo palavras; nós não temos palavras aqui do nosso lado, apenas ideias. Ele mostra-me algo que parece uma garrafa de cerveja. Se é vinho, cerveja ou outra coisa . . . Há alguém alcoólico? Quem é Ella?

FISHER: Ella é a esposa dele.

FLETCHER: Ela é alcoólica?

FISHER: Não.

FLETCHER: Bem, ele sorri (risos de todos) e ele diz — mas eu não sei do que ele está a falar, mas, seja como for, ele diz que ela está no plano terrestre.

CUSTER: Certo.

FLETCHER: «Se a vires, diz-lhe que eu apareci e que é uma piada entre nós.» E eu não sei o que é. Ele deve tê-la chamado bêbeda ou algo assim.

FISHER: O apelido de solteira dela era Boose, ou algo do género.

FLETCHER: Ah, Boose — Boozer. Ele sorri.

A Sra. Dorothy M. Forney, de Elizabethtown, acrescenta a seguinte nota explicativa a esta passagem: «Ella é a viúva de A.C. Baugher, que ainda está viva. Soube-se algum tempo depois da leitura que havia uma piada privada entre os dois sobre o apelido de solteira dela, que era Boaz. Ele chamava-lhe frequentemente "Boozer" como brincadeira e tinha especial prazer em provocar a Sra. Baugher por ela ser a sua "boozer". Era de facto uma piada, uma vez que ambos eram membros da Igreja dos Irmãos.»

O Dr. M. Edmund Speare, doutorado pela Johns Hopkins, ensinou durante muitos anos em Harvard, tornou-se editor na Oxford University Press e é um autor prolífico. A sua esposa, Florence Lewis Speare, que morreu em 1965, tinha sido uma dramaturga conhecida. O Dr. Speare escreveu o seguinte comentário sobre pormenores probatórios:

Tive seis sessões com o Rev. Arthur Ford, a primeira em 12 de Março de 1966; a mais recente em 13 de Março de 1968. Os pontos verídicos e as

mensagens que, através de Fletcher, o controlo de Ford, me foram despejados nessas sessões — sobretudo da minha esposa, dos meus pais, de antigos professores universitários como William James, de colegas académicos já falecidos, de parentes desencarnados da minha esposa e meus — transformaram a minha vida!

Cada palavra nessas sessões foi gravada em fita; assim, embora para algumas mensagens me tenha levado meses a verificar afirmações feitas, a grande maioria revelou-se correta. O espaço permite-me apresentar aqui apenas muito poucos destes "pontos" que eram apenas informativos. Afirmações cheias de afeto, compaixão e ternura, que permeiam estas sessões, omito-as, porque são tão pessoais que não têm lugar aqui. Para incluir o máximo possível neste "relatório", tive de condensar as declarações originais transmitidas via Fletcher. As declarações daqui em diante são sempre de Fletcher, tal como ele ouve os desencarnados ou lê as suas mentes. Os meus comentários estão entre parênteses ou entre colchetes.

«Florence diz: "Há aqui uma pessoa que sabe sobre si: chama-se David Little; foi Curador da Coleção de Teatro de Harvard; declara que todas as minhas peças, manuscritos, romances, cartas de G. B. Shaw, Masefield, Lady Gregory, Yeats e outras figuras ilustres devem ir para essa Coleção; foi Master de Adams House em Harvard. Conheceu-o?"»

(Speare: Não, nunca ouvi falar dele. Não havia Adams House no meu tempo em Harvard.)

[Meu comentário: Só três pessoas vivas, no momento desta sessão, sabiam que a Curadora da Coleção de Drama de Harvard me tinha pedido os livros e papéis da Florence; que cada conjunto seria designado Florence Lewis Speare Memorial Collection; que seriam enviados para Harvard nove dias depois desta sessão; e que as únicas três pessoas vivas que sabiam disto eram John Mason Brown, o crítico teatral e amigo de toda a vida da Florence, que desencadeou este assunto ao incentivar a Curadora de Harvard a escrever-me; a Curadora; e eu.

Depois de o pacote registado ter sido recebido em Harvard e eu ter recebido da Curadora uma magnífica carta de agradecimento, telefonei-lhe para longe e perguntei: "Quem era David Little? Foi alguma vez Curador da

Coleção de Drama de Harvard? Qual era o seu cargo em Harvard durante a sua vida?" As respostas dela: "Não, nunca foi o Curador, mas fez muito trabalho curatorial durante a sua vida em Harvard; morreu antes de eu chegar aqui; era muito querido por todos os que o conheciam; deixou um manuscrito sobre David Garrick, que a Harvard Press publicou; foi Master de Adams House aqui — uma casa construída muito depois de o senhor ter estudado e ensinado em Harvard."]

«A sua esposa, Florence, tinha outro nome quando era mais nova — chamavam-lhe Flora; mas parece que, quando jovem, tinha ainda outro nome — Jean. Sabia disso?»

(Speare: Não, não sabia. Vou ter de confirmar.)

[Eu confirmei mais tarde: encontrei indícios da juventude de que ela tinha sido chamada, por vezes, Jean.]

«A sua esposa mostra-me uma imagem de um canto da sua sala; ao centro-esquerda há uma mesa; há um candeeiro com abat-jour avermelhado; à direita disso está a sua cadeira; atrás de si, no canto, há prateleiras de livros; a cena muda e, enquanto se senta nessa cadeira e lê, sempre que levanta os olhos, olha diretamente para a fotografia dela.»

[Meu comentário: Isto é um retrato exato da nossa sala, da minha cadeira, do canto cheio de estantes, do secretaire dela junto do qual tinha a máquina de escrever e trabalhava; e, quando viro para a esquerda, levanto os olhos para uma ampliação do seu rosto belamente nobre, um retrato emoldurado de 21" por 19", sobre o qual está uma lâmpada fluorescente de galeria, acesa durante todas as minhas horas de vigília. O Sr. Ford nunca visitou este apartamento e nunca lhe foi descrito este canto ou a sala. Desde a sua "passagem", mudei-me para este apartamento mais pequeno; portanto, difere daquele que ela conheceu em vida. É evidente que ela visitou este com frequência.]

«A sua esposa diz que está gloriosamente feliz. "E o senhor está sempre a escrever, claro; eu nunca o vejo quando não está a escrever. Está a escrever até agora, e é bom."»

[Meu comentário: Mais uma vez, prova da presença dela no meu apartamento atual e de saber o que estou a fazer e tenho feito há muitos meses. Estou a trabalhar num livro que há de ser, se Deus quiser, uma biografia digna da vida dela e da minha. O Sr. Ford nunca tinha sido informado disto, exceto agora, quando lhe passo este relatório.]

«Há aqui alguém chamado Will Cuppy. Ele quer agradecer-lhe por o ter tornado articulado, compreensível, e está-lhe grato. Florence diz que não aprovava dele; não o detestava, mas não achava que valesse a pena incomodar-se com ele.»

[Meu comentário: Cuppy, antigo editor de livros do então famoso New York Herald-Tribune, fez comigo dois livros: World's Great Mystery Stories e World's Great Detetive Stories. Um homem brilhante e espirituoso, era também dipsomaníaco e tinha de ser diariamente incitado a cumprir as suas tarefas literárias. Eu tive grande influência sobre ele. Mas eu tinha esquecido completamente isto durante quarenta anos e agora Florence, pela primeira vez, recorda-me que uma vez me disse que não achava que ele "valesse a pena incomodar-se". Will Cuppy deve ter "morrido" há uns trinta anos.]

«Ela diz que vocês os dois voltaram para um ter-ter-tricentenário; ela mostra o número 1936 — "É uma universidade onde nos conhecemos. Enquanto lá estávamos tivemos uma conversa com alguém que quer cumprimentá-lo. Ele é bastante baixo; um homem de aspe

to engraçado; costumava usar sapatos de botões altos; tem um facto largo e amarrotado, brilhante, de serja azul; ele diz para lhe dizer que é o Tio Fritz. Talvez não o chamasse assim; deve ter sido mais respeitoso do que alguns dos outros alunos. Ele diz que é Frederick Robinson, e levanta algo chamado Canterbury Tales. Ele diz-lhe: 'Conheci a sua esposa muito antes de o conhecer a si.' Ele costumava subir montanhas quando era mais novo.

Ele diz-lhe: 'Tenho a certeza de que, com o seu renovado interesse pela vida e o verdadeiro significado da existência, provavelmente viverá tanto quanto eu vivi.'"

[Meu comentário: Voltámos em 1936 à celebração do tricentenário de Harvard. Foi fundada em 1636. Fiz três disciplinas com o Professor Robinson em Harvard: Inglês Médio, Chaucer e Anglo-Saxão. Lembrava-me vagamente

de que a minha amada esposa uma vez me disse que conhecia Robinson muito antes de me ter conhecido a mim. Para confirmar os seus comentários, acabei por contactar o único sobrinho vivo dele, que vive em Cambridge, Massachusetts.

Ele escreveu-me que (1) entre íntimos e familiares, o tio era sempre chamado Tio Fritz; (2) que tinha sido durante anos membro do Appalachian Club e provavelmente subiu montanhas na juventude; (3) que morreu aos noventa e cinco anos; (4) que nos últimos anos usava os bolsos do facto como uma espécie de sistema de arquivo, guardando aí os seus papéis pessoais; (5) que usava, nos últimos anos, sapatos de botões feitos por medida.]

Alguns desencarnados, tendo sido outrora convencidos de que a morte biológica era um fim final, ficaram surpreendidos, depois da «morte», ao descobrirem que continuavam em atividade, e mostram-se ansiosos e felizes por se retratarem das suas opiniões anteriores. A Sra. Mary Southworth, de West Lafayette, Indiana, dá o seguinte relato de uma sessão com Fletcher e comigo em Chicago, em 1960:

«Arthur Ford fez passar vários familiares meus e depois disse: "Aqui está Lark."
Eu disse: "Lark? Não conheço nenhum Lark."»

«É o Lark-Horowitz» (Karl Lark-Horowitz, director do Departamento de Física da Universidade de Purdue).

«Mas, Fletcher, o Lark-Horowitz está vivo.»

«Bem, ele está do lado de cá e tem uma mensagem para levar ao Big Robbie»

(C. H. Robertson, muito alto, missionário reformado da Y.M.C.A. na China, inventor, antigo professor de física em Purdue). «Quando era vivo, o Big Robbie falava-lhe de Deus e da vida após a morte — que, afinal, se continuava a viver — mas o Lark dizia que não acreditava, achava que a pessoa simplesmente morria. Mas o Big Robbie dizia que não, que não se morre simplesmente, que se continua a viver, e que é apenas passar por uma

porta. E eu não acreditava. Mas, por favor, diga ao Robbie que é verdade. Eu estou vivo, e a ensinar, e sou tão feliz! Quero pedir desculpa ao Big Robbie. Ele tinha tanta razão, e diga-lhe que é muito mais maravilhoso do que até ele me dizia.»

Eu tinha a certeza de que o Professor Lark-Horowitz estava vivo. Telefonei ao Professor Burr no campus de Purdue e perguntei: «O Lark-Horowitz está a dar aulas na universidade?»

«Não», disse ele, «morreu há dois meses.» O próprio Big Robbie estava muito doente e morreu algumas semanas depois. Consegui repetir-lhe muitas vezes esta mensagem de Lark-Horowitz, que ele gostava de ouvir.

Por vezes, como sugerem as três transcrições seguintes das minhas sessões,* a identificação é estabelecida através de intimidades pessoais ou pormenores das circunstâncias da morte, conhecidos apenas pelo remetente desencarnado e pelo recetor encarnado da mensagem.

Primeiro:

«Eu apanho o nome . . . Schleming. Aqui. Lucy vem ter comigo. Parece que era uma amiga sua, uma namorada — vejo-vos muito próximos. Ela morreu num acidente no dia 13 de . . . Fevereiro.»

«13 de Janeiro.»

«13 de Janeiro. Foi um acidente de automóvel. O senhor estava com ela.»

«Sim.»

«Ela diz-me para lhe dizer que o ouviu, embora não pudesse responder.

O senhor pegou nela e segurou-a nos seus braços e disse: "Sou eu, Bill, Lucy, responde-me, só uma palavra!" Não foi assim?»

«Sim, palavra por palavra.»

«Ela diz-me para dizer que está à sua espera; que, embora não se tenham podido casar, ela é sua esposa e juntar-se-á a si quando vier para cá. Ela foi enterrada numa pequena colina em Hackensack.»

«Uma pequena colina, sim, mas em Nyack.»

«Eu sabia que era New Jersey. O senhor pôs flores na sepultura dela a 22 de Março e veio aqui para comunicar com ela.»

«Sim.»

«Quase saiu da estrada a vir para aqui.»

«Sim.»

«O senhor mencionou o nome dela nessa altura, sussurrando: "Lucy, querida."»

Segundo:

«Isto é de Anna para Herbert. Quem é Anna?»

«A minha filha.»

«Em espírito.»

«Sim.»

«Anna diz-me para dizer a Herbert que foi a irmã da Irene que o fez. Ela tocou piano nessa tarde. Compreenderia isto?»

«Eu nunca o tinha visto antes, nem o senhor me tinha visto a mim. Ando à procura disto há muito tempo, mas esta é a prova mais maravilhosa que eu poderia alguma vez ter recebido. Perguntei a outro médium famoso, mas ele disse que não podia responder. Queríamos saber quem tocou nessa tarde e agora sabemos. Esta é a evidência mais maravilhosa que eu poderia ter obtido. Obrigado! Obrigado!»

Terceiro:

«Quero vir ter consigo... Baxter. Esse é o seu nome, não é?»

«Sim.»

«Eu apanho os nomes de dois homens, Hollaway e Leventritt, e de uma mulher, Sterling. Havia um grupo de doze pessoas em duas montanhas-russas num parque de diversões. O senhor ia na de trás.»

«Sim.»

«A primeira descarrilou e três pessoas nela morreram; as outras ficaram feridas. Uma morreu depois, mas não em resultado do acidente. O seu próprio carro descarrilou.»

«Sim.»

Há dois tipos de casos que trazem ao psíquico uma satisfação excecional — os que resultam claramente em ajudar pessoas desesperadas e os que resultam na aceitação dos factos da vida após a morte por céticos de casca dura. A ajuda a pessoas em crise dificilmente pertence a um capítulo sobre trivialidades. Mas, como tantos céticos são esclarecidos pelo tipo de tremendas trivialidades que só permitem uma explicação, a segunda categoria é apropriada aqui. Já mencionei o caso Lark-Horowitz como exemplo de ceticismo científico. O Dr. Edward Bauman, pastor da Igreja Metodista Foundry, em Washington, fornece um exemplo do que poderia ser chamado ceticismo religioso.

«Há quatro anos», disse recentemente o Dr. Bauman a jornalistas, «fui com um amigo médico ver Arthur Ford. Fui com uma atitude muito cética e pronto para encontrar falhas em tudo. Antes de a noite terminar, era um devoto.» Conto agora o Dr. Bauman entre os meus bons amigos. É membro do conselho executivo nacional da Spiritual Frontiers Fellowship.

O caso de Ruth Montgomery ilustra um ceticismo que poderia ser chamado do tipo jornalístico, duro e pragmático. Eis a história, nas suas próprias palavras.

Pouco depois de eu ter escrito uma série de artigos no jornal a desmascarar médiuns, a chegada de Arthur Ford a Washington despertou-me a curiosidade e marquei uma consulta para o ver. Contei-lhe a minha série de desmistificação, e ele teria sido prudente em mostrar-me a porta se tivesse algo a esconder. Em vez disso, perguntou se eu gostaria que ele tentasse ver se conseguia obter algo para mim através de Fletcher. . . .

Um dos senhores apresentados por Fletcher insistia em falar dos problemas em África, particularmente no Congo. «Ele está muito perturbado com algo que está a acontecer onde viveu em África há muitos anos», transmitiu o controlo. «O nome dele é Ed... não, não, é Fred... Fred Bennett. Parece ter sido um tio. Penso que era um pregador em África.» Eu nunca tinha ouvido falar dele e disse-o sem rodeios. Fletcher fez apenas uma pausa momentânea antes de acrescentar: «Ele diz que não a conheceu pessoalmente, mas para perguntar ao seu marido.»

Nessa noite, quando o Bob chegou do trabalho, perguntei-lhe se alguma vez tinha ouvido falar de alguém chamado Fred Bennett.

«Tive uma tia que casou com um Fred Bennett», respondeu ele, «mas ele morreu quando eu era criança. Como é que ouviu falar dele?» Ignorando por um momento a pergunta, perguntei o que Bennett fazia para viver. Nunca esquecerei a resposta: «Era missionário no estrangeiro, no Congo. Porquê?»...

Fletcher disse: «Tenho de obter este nome foneticamente, porque nós não usamos palavras do lado de cá. Um homem chamado Ida — não — Ina — não, mas é parecido, uma palavra de três letras que começa por I. Ele é muito distinto, parece-se bastante consigo. Deve ser o seu pai.» Eu confirmei que o nome do meu pai era Ira, e Fletcher continuou: «Ele manda-lhe o seu amor. Diz que esteve bastante doente antes de vir para cá, mas depois veio muito de repente. Não sabia que era assim tão grave. Ele não se lembra de morrer e diz que não encontrou ninguém aqui que se lembre. Não há morte. De repente estamos livres, é só isso. . . . Ele diz que gostou muito do próprio funeral. Foi bonito e simples, mas ele não estava morto. Tinha apenas

descartado o seu corpo doente. Ele diz para dar o seu amor à sua mãe. Há alguém chamado Bertie? Ele está sempre a dizer Bertie.» Eu respondi que esse era o seu diminutivo para a minha mãe, Bertha. Fletcher transmitiu então esta mensagem: «O seu pai diz que a história mais importante do mundo para si escrever é esta: "Eu vivo, e estamos num mundo de atividade e crescimento. Eu não poderia ser feliz se estivesse ocioso."» ...

A seguir, Fletcher disse que «um Clyde Wildman, que costumava estar ligado a escolas», queria dizer-me que «alguém que outrora vivia perto de si, numa rua ou cidade chamada Lafayette, desapareceu misteriosamente, mas está do lado de cá agora. Afogou-se. Era um oficial de algum tipo — parece ter sido um juiz.»

Nessa altura eu começava a sentir-me como uma criança idiota. Eu não conhecia nenhum Wildman, nem sabia de qualquer juiz desaparecido desde Crater, que certamente não era de Lafayette, Indiana, onde eu tinha vivido brevemente na juventude.

No dia seguinte telefonei para o Lafayette Courier-Journal à procura de possíveis pistas. Mal tinha começado, de forma desajeitada, a explicar o propósito do telefonema, o editor George Lamb declarou: «Isso seria o Juiz Lynn Parkinson, claro. Ele costumava viver em Lafayette, mas era juiz do Tribunal de Recurso dos EUA em Chicago quando desapareceu no outono passado.» Disse que, apesar de uma busca intensiva do FBI por sete estados, o único vestígio encontrado do juiz fora o seu chapéu e o seu guarda-chuva, deixados na margem do Lago Michigan, perto do Lakeshore Hotel. . . .

O editor consultou antigos diretórios da cidade e descobriu que o Juiz Parkinson, que tinha sido em tempos presidente de uma universidade, tinha de facto vivido apenas a alguns quarteirões da minha família em West Lafayette vinte e cinco anos antes. O que nem o editor nem eu podíamos então saber era que, algumas semanas depois, o corpo decomposto do juiz seria encontrado a flutuar no Lago Michigan... .

Durante uma sessão posterior, Fletcher lembrou-me que, numa sessão no ano anterior, tinha dito que o Presidente Kennedy seria morto num veículo em movimento enquanto estivesse fora da Casa Branca. Eu tinha-me esquecido disso até voltar a verificar a gravação. Agora, apenas um mês

depois do assassinato, Fletcher informou-me, sem rodeios, de que apenas um estado do sul ficaria sem se comprometer na convenção democrata do verão seguinte — o Alabama — e que o Presidente Johnson venceria facilmente a eleição para um mandato completo. ...

Uma semana antes das eleições, em 28 de Outubro de 1964, recebi um telegrama de Walter Voelker, um engenheiro-inventor que tinha assistido a uma sessão Ford em Filadélfia na noite anterior: «Harold Ickes via Ford prevê votos eleitorais de Goldwater: 43 mínimo, 52 máximo.» O voto eleitoral real de Goldwater acabou por ser 52... . A voz que afirmava ser a de JFK atribuiu a culpa do fiasco da Baía dos Porcos diretamente a uma pessoa ainda viva, e o nosso envolvimento no Vietname a outro indivíduo... mas, como não há aqui intenção de embaraçar ninguém, esta parte intrigante da sessão está a ser omitida.*

As previsões de Fletcher tiveram vários outros acertos notáveis. Na mesma comunicação referida acima, que dava o voto eleitoral de Goldwater, havia fortes indícios do assassinato de Kennedy e de Johnson recusar candidatar-se em 68. Estas palavras são da transcrição: «Há algo sobre a eleição. Mas a coisa trágica a esse respeito é — e isto eu quero que fique registado mas não fale sobre isso — estamos bastante convencidos aqui de que, nos próximos oito anos, haverá três homens diferentes na Casa Branca. Ora, isso significa que duas das pessoas que provavelmente entrarão na Casa Branca não estarão lá ao fim de oito anos. E aquele que entrar nesta eleição provavelmente não estará lá no fim do seu mandato. Não gostamos de lhe dizer isto, mas é assim e queremos que fique registado, percebe?»

O que se segue é um excerto de uma fita gravada por Fletcher em 16 de Abril de 1967 (Martin Luther King foi assassinado em Abril de 1968):

FLETCHER: Há aqui várias pessoas... Carlson diz: vou fazer uma previsão que quero que registe com muito cuidado. Ele diz alguém com um nome semelhante a Martin Luther, mas falando de um homem negro. Há um plano que está quase concluído e que será executado. Eu não gosto do plano. Mas o Reverendo Martin Luther King está marcado para assassinato. Não vai demorar muito.

JOHN: Ele pode dizer-me quem o marcou para assassinato?

FLETCHER: Não. Eu captei a imagem mental disso. Ele será assassinado. É tudo o que consigo ver.

JEAN: Pode ser impedido?

FLETCHER: Não.

JOHN: Ele consegue ver quando, Fletcher?

FLETCHER: Não, não em detalhe. Só vejo que faz parte do quadro. Nestes aspetos precognitivos, só se capta um plano.

JOHN: Mas vai acontecer?

FLETCHER: Sim.

De novo — e isto está registado na edição de 14 de Dezembro de 1967 do Philadelphia Inquirer — Fletcher transmitiu antecipadamente notícia das conversações de paz do Vietname.

Gostaria de terminar este capítulo como o comecei — com o bom Professor Hyslop, que, como fiel dirigente da American Society for Psychical Research até à sua morte em 1920, fez tanto para dar a conhecer aos interessados a dimensão da vida para além da vida. Isto permite-me também apresentar a Srta. Gertrude Tubby, antiga secretária da ASPR, assistente de Hyslop e generosa guia das minhas próprias explorações nos meus primeiros dias neste trabalho.

Há vários anos, dois editores de uma editora combinaram uma sessão — um homem a quem chamaremos Smith e uma mulher a quem chamaremos Jones. Fletcher trouxe Hyslop, e o professor perguntou pelo progresso, na editora deles, do «seu livro» — um relato de «algum do meu trabalho com a Srta. Tubby desde a minha morte». Quando lhe foi dito que os editores não tinham visto o manuscrito, Hyslop assegurou-lhes que o teriam em breve.

Duas semanas depois, Jones veio a outra sessão, tendo entretanto recebido um tomo de seiscentas páginas a que chamava «Hyslop». O

desencarnado estava à espera para ser o primeiro a aparecer durante a sessão.

«Ainda não acabei o seu manuscrito», disse Jones.

«Eu sei, eu sei», disse Hyslop, «é difícil ler algo com tantas inserções manuscritas. Mas, dentro de uns dias, vai encontrar-se com a Tubby e vocês as duas podem seguir a partir daí.» Dois dias depois, Jones viu-se a passar por Montclair, Nova Jérsia — numa viagem inesperada — e a telefonar à Srta. Tubby para marcar uma visita a sua casa nessa localidade.

«Isso é o Professor Hyslop», disse a Srta. Tubby quando lhe contaram o incidente. «Ele nunca desiste.»

Trivial, tudo isto? Talvez, mas trivialidades de uma certa grandeza cuidadosamente calculada. Dizem-nos coisas — coisas de importância transcendente — com uma precisão e uma certeza que nunca poderiam ser transmitidas por retórica ornamentada ou abstrações teóricas.

COISAS NADA TRIVIAIS

Uma vez, um colunista de um jornal de Cincinnati, ao ouvir que eu estava na cidade, escreveu que viria ouvir-me se eu «produzisse Moisés ou Jeremias», mas que não tinha tempo para o tipo de mexerico de quintal que normalmente surgia. Eu respondi que Fletcher e eu teríamos todo o gosto em trazer Moisés ou Jeremias — desde que ele prometesse decidir se os desencarnados que se manifestassem eram, de facto, essas dignidades.

Em torno das questões levantadas neste pequeno contratempo gira todo o futuro da investigação psíquica — e, como veremos em breve, da investigação psicológica. Obviamente, se a comunicação com desencarnados tiver algum significado em sentido fundamental, a identidade dos comunicadores tem de ser estabelecida para além de qualquer dúvida razoável. Isto, descobrimos, é melhor conseguido através de revelações de pormenor único e pessoal.

Uma vez estabelecido o facto da sobrevivência, contudo, muitas das nossas questões mais profundas continuam sem resposta — entre elas a

interrogação queixosa do colunista. Porque é que, de facto, não ouvimos mais vezes figuras famosas da história e da lenda? Se a sobrevivência é um facto, para que sobrevivemos? Como é sobreviver à morte biológica? O que se faz, e porquê? Uma vez estabelecido nesta nova condição, que espécie de futuro existe?

E quanto a elementos de vida outrora familiares como comida, abrigo, sono, trabalho, entretenimento, sexo, negócios, vida social? E quanto ao prestígio ao nível da Terra, monetário e de outro tipo — leva-se mesmo «consigo» ou não? O collie preferido do amante de cães pode um dia ir também? O que têm os grandes pensadores do passado a dizer sobre os atuais dilemas da humanidade? Porque é que os desencarnados comunicantes passam mais tempo nas grandes questões e menos na conversa miúda pessoal?

Estas são perguntas legítimas. E há, pode descobrir-se com alguma pesquisa, respostas satisfatórias para todas elas.

Algumas destas perguntas respondem-se a si mesmas assim que se volta ao factor humano. Os desencarnados, importa lembrar, são pessoas. E também o são os participantes encarnados nas sessões do lado de cá da Terra. Algumas pessoas, triviais por natureza, nunca fazem perguntas profundamente significativas a visitantes desencarnados e, portanto, naturalmente nunca obtêm respostas significativas. Simplesmente não se interessam por grandes questões. Um certo tipo de personalidade, muitas vezes manifestado em repórteres de jornal e em intelectuais ocasionais, tornou-se-me demasiado familiar.

O seu representante típico assistirá a uma sessão, ficará sentado, sombrio e silencioso, ou falará apenas quando interpelado, e depois, se tiver recebido uma mensagem, sairá com um brilho de surpresa. «Olha só, eu falei com a velha tia Hattie na outra noite!» Depois, passado o entusiasmo inicial, esquecerá por completo o que o facto de poder falar com a tia Hattie realmente significa — em termos da estrutura total das coisas — e sentar-se-á a escrever um texto frio e litigioso sobre a falta de profundidade nas mensagens dos espíritos.

Os desencarnados também são pessoas e também podem ser triviais. O mero facto de alguém abandonar o seu corpo alfa para viver apenas no seu corpo beta não o dota imediatamente de dons de compreensão que não tinha antes. Na situação de sessão, devemos ter sempre em mente as diferenças astronómicas nas personalidades humanas de ambos os lados do médium — encarnados e desencarnados.

Estas diferenças percorrem, intelectualmente, todo o espectro desde quase imbecil até génio. Moralmente, vão de santo a criminoso, de altruísmo abnegado a egoísmo implacável, de assassino a curador, de amigo a inimigo, de amor a ódio. Linguisticamente incluem todas as línguas da Terra. Culturalmente incluem todas as circunstâncias concebíveis da vida humana. Algumas destas diferenças são tão grandes que a distância de comunicação não pode ser transposta.

Isto, repito, faz universalmente parte da condição humana; não é preciso esperar tornar-se desencarnado para o saber — embora, como o Novo Testamento aponta na parábola de Lázaro e do Rico, seja bem conhecido pelos desencarnados. Dives, o rico sibarita agora desencarnado, queria que Lázaro, o mendigo terreno agora no seio de Abraão, levasse uma mensagem aos seus irmãos para emendarem as suas vidas autoindulgentes.

Se não dessem ouvidos a Moisés, foi a resposta, não dariam ouvidos a alguém regressado dos mortos. Entre Dives e Lázaro havia «um grande abismo fixo». «Eu não precisei de morrer», disse-me recentemente um amigo, «para descobrir o grande abismo. Quando mudei a minha política de direita moderada para esquerda moderada, os meus antigos amigos afastaram-se para lá do abismo. Ainda comunicamos, mas apenas com acenos distantes e breves cumprimentos durante confrontos inevitáveis — vazios de conteúdo.»

Também os médiuns, não o esqueçamos, são pessoas, possuindo, além do seu dom de comunicação invulgarmente desenvolvido, todas as variações de carácter conhecidas das pessoas em geral. Vão do rigorosamente honesto ao assustadoramente enganador. Conheci médiuns que, a pedido, produziriam com prazer Jesus, George Washington, Abraham Lincoln, Josué ou Moisés. O facto de todos esses seres falarem com o mesmo arrastamento sulista e partilharem as mesmas convicções fundamentalistas do Bible Belt e terem um leque extremamente estreito de interesses locais não incomodava

minimamente o médium. Isso, porém, certamente levantaria dúvidas na mente de mesmo o mais simpático investigador psíquico. Tome-se só a questão da língua. Poucas pessoas em qualquer parte da Terra — e quase nenhum americano — conseguiriam compreender os dialetos de grego vernacular, latim e hebraico usados pelas grandes figuras do Novo Testamento.

Significa isto que as pessoas conhecidas por nós através da história e da lenda nunca comunicam? Penso que não. O teólogo mundialmente reconhecido Paul Tillich esteve uma vez presente num serviço de cura espiritual durante o qual não houve tentativa de comunicação mediúnica. A certa altura, o Dr. Tillich disse: «Sinto a presença de Francisco de Assis.»! Ora, apenas «sentir a presença» não é suficiente para convencer o investigador científico, por mais distinto que seja quem sente. A evidência certamente não é conclusiva.

Mas é, ofereço eu, sugestiva. Quando uma pessoa dotada dos grandes dons do Dr. Tillich — a sua probidade inatacável, o seu rigoroso escrúpulo académico, a sua abordagem clara e quase dura aos assuntos espirituais — sente uma presença, a experiência não deveria ser descartada com demasiada pressa.

Mudando o nosso olhar para o outro lado, seria tal manifestação característica de Francisco? Pode defender-se que sim. Quando encarnado, usava uma mistura de latim da Vulgata e italiano que ninguém presente nesta ocasião compreenderia. O Francisco inteligente e realista teria mais bom senso — e melhores maneiras — do que balbuciar numa língua incompreensível às pessoas que amava e queria servir. Isto não significa que ele não tivesse meios de se exprimir. A perceção de presença do Dr. Tillich, embora não conclusiva, merece registo.

Outro factor importante nesta discussão é o efeito por vezes negativo da passagem do tempo. Tome-se o caso do Napoleão francófono, figura histórica que aparece frequentemente em sessões duvidosas — por vezes a falar um tipo de inglês hillbilly que nunca se soube que utilizasse no seu estado encarnado. Suponhamos, apenas para efeitos de discussão, que Napoleão, depois de pensar no assunto durante um século ou mais e de alargar a sua experiência em áreas que nunca explorara durante a vida

terrena, se tornasse pacifista. Usaria ele, se tivesse algo importante a comunicar à humanidade encarnada, um nome lembrado como pertencendo a um militarista implacável? Se o fizesse, a sua comunicação seria acreditada? Mesmo que explicasse cuidadosamente a mudança de coração, não seria quase de certeza considerado, pelos céticos — ou mesmo pelos meramente prudentes — um impostor?

Ou tome-se Oliver Lodge, que eu conheci. No auge da sua carreira, Lodge era um dos físicos mais respeitados do mundo. A física deu passos enormes desde o tempo de Lodge na Terra. Não há razão para pensar que ele não tenha acompanhado estes novos desenvolvimentos na sua área, ou até ido além deles. Se quisesse comunicar algumas dessas novas descobertas, usaria um nome associado a teorias hoje ultrapassadas? Se o fizesse, não seria o conteúdo da sua mensagem desacreditado por provir de um pensador cujas ideias estavam há muito desatualizadas? Ou desacreditado pelo motivo oposto — de que «Lodge nunca foi conhecido por pensar nestes termos»?

Estas são perguntas difíceis. São tão difíceis, de facto, que muitos cientistas fogem delas por causa da própria dificuldade. Isto, sugiro, não é científico. A resposta científica adequada a um problema difícil não é simplesmente recusar olhar para ele. É, antes, olhá-lo com mais do que o cuidado habitual e abordá-lo com meios apropriados à sua solução.

Muito material impressionante — incluindo respostas a perguntas como «que tipo de vida levaremos depois de termos "partido"?» — já se acumulou e aguarda avaliação científica. Parte do mais inteligente deste material, provavelmente por razões sugeridas acima, foi trazida por desencarnados que preferem manter-se sob pseudónimo e identificar-se por nomes como «Imperator», «Rex», «Invisible», ou simplesmente «Communicator».

De alguns destes, temos razões para pensar, terão sido figuras terrenas bastante distintas. Dadas as circunstâncias adequadas — participantes inteligentes e de mente aberta, um médium razoavelmente competente e razoavelmente honesto, e uma mente terrena excecional — ou um grupo de mentes — agora bem estabelecida no mundo desencarnado — podem resultar mensagens do conteúdo mais profundo. Por vezes, como aconteceu na minha própria mediunidade, o desencarnado dá o seu nome completo e legal.

Antes de avançar para este material, é necessário lembrar-nos mais uma vez, e em contextos ligeiramente diferentes, que as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, são pessoas e partilham todas as características bem conhecidas das pessoas.

Tendo em mente esta qualidade humana universal de «pessoidade», suponhamos que tem agora vinte e nove anos e é casado. Possui o mesmo inventário de ideias, necessidades, interesses e ambições que tinha quando tinha nove anos e não era casado? Claro que não; desenvolveu-se, e o seu desenvolvimento trouxe mudança — talvez até mudança evolutiva. Ou suponhamos que se muda para uma nova cidade. A sua avaliação dela será a mesma quando lá tiver estado seis anos do que era quando lá tinha estado seis dias? Muito provavelmente não. À medida que vai conhecendo o lugar, as suas possibilidades, recursos e pessoas, a sua atitude evolui.

Mais um «suponhamos». Suponhamos que colocamos as seguintes pessoas num avião para Chicago — uma dona de casa, uma estenógrafa, um médico, uma professora, um empregado de estação de serviço, um merceeiro, um corretor da bolsa, um capitão de mar, um piloto de avião, um agricultor, um professor de inglês, um artista e uma cantora de ópera. Suponhamos que lhes pedimos que permaneçam em Chicago durante dois anos e depois nos escrevam uma descrição de duas mil palavras do lugar, mas sem mencionar o nome da cidade. Basta o nosso conhecimento comum dos factos da comunicação diária para percebermos que o resultado seria uma coleção tão díspar de descrições que seria difícil acreditar que todas se referissem à mesma cidade, mesmo sabendo nós com absoluta certeza que se referiam.

Estas várias considerações aplicam-se com força tripla aos esforços sérios de desencarnados muito avançados para nos transmitir algum conhecimento do universo que todos estamos destinados a partilhar. É o mesmo universo. Mas a pessoa instruída não dará uma descrição dele que coincida com a da pessoa iletrada. A professora não o descreverá exatamente nos termos usados pela cantora de ópera. A pessoa que foi libertada do seu corpo terreno ontem estará menos confiante do que o indivíduo que entrou na nova dimensão há um século. O filósofo há muito residente no reino desencarnado, tendo muito material novo para pensar,

não oferecerá os mesmos pensamentos que destilou da sua experiência terrena. Todas estas diferenças não podem razoavelmente ser chamadas discrepâncias. São os resultados normais de observadores variados — «pessoidade».

A elevar-se acima de todas as outras dificuldades está o problema do vocabulário. Já alguma vez tentou descrever neve e gelo a uma pessoa que nunca esteve noutro lugar senão perto do nível do mar e nos trópicos? Tais barreiras podem surgir mesmo entre pessoas de zonas temperadas. Lembro-me da minha frustração ao tentar transmitir a majestade fria e impessoal de um icebergue a alguém que nunca tinha visto um.

A Terra é o jardim-de-infância, asseguram-nos os nossos amigos desencarnados, quando se trata de descrever um universo feito, em grande parte, de materiais, energias, ideias, costumes, recursos e oportunidades que os habitantes da Terra experienciam apenas vagamente ou não experienciam de todo.

Como último preliminar para escutar os seus relatos com apreço, peço ao leitor que considere quão grande parte da sua própria experiência quotidiana é feita de coisas que tem de reconhecer como reais, mas que nunca chegaram diretamente à sua consciência através de nenhum dos seus cinco sentidos convencionais. Alguém alguma vez viu, provou, tocou ou cheirou uma onda eletromagnética de comprimento médio? E, no entanto, sabemos que são reais, que nos rodeiam continuamente, pelo facto de ativarem os nossos rádios e televisores.

Coisas como a gravitação e a eletricidade sabemos que são reais, mas grande parte do tempo nem damos por elas, apesar de operarem continuamente em nós e à nossa volta. Podemos descrever alguns dos atributos dessas coisas e até convertê-las em formas que podem ser experienciadas pelos nossos sentidos. Mas, na sua essência, por mais vitais que sejam para a nossa existência física, temos sido incapazes de as conceber na sua natureza essencial.

Ou tome-se a própria verdade. Que enorme diferença faz nas nossas vidas diárias se lidamos com a verdade direta, ou com a verdade disfarçada

por trás de uma aparência enganadora! Está entre os elementos que são reais e omnipresentes, mas dos quais não temos plena consciência.

Esta, então, é a primeira e tantas vezes reiterada mensagem daquilo a que gostamos de chamar «o Além»: há apenas um universo. Houve muitos casos na minha mediunidade em que sobreviventes em luto, protestando a sua desolação desde que o falecido «se foi embora», foram tranquilizados pelos seus lamentados desencarnados com alguma variação da frase: «Mas eu não fui a lado nenhum.»

Há apenas um universo, mas o nosso equipamento sensorial normal, preso à Terra, permite-nos ter consciência apenas de um segmento minúsculo do espectro total. Tal como ondas de rádio e ondas cósmicas atravessam continuamente os nossos corpos sem o sabermos, tal como sons atingem os nossos ouvidos demasiado altos ou demasiado baixos para os ouvirmos, e os nossos olhos não conseguem ver raios de luz infra ou ultravioleta, assim a estrutura infinita das «muitas moradas» trata continuamente dos seus assuntos à nossa volta sem que o saibamos.

Passar para o mundo desencarnado não é ir para outro lugar. É passar para outro estado de consciência em que mais da realidade total pode ser compreendida. O Dr. Maurice Bucke postulou várias condições de consciência em que os seres humanos encarnados médios vivem habitualmente. Há a consciência simples do quase-animal, consciente da experiência sensorial imediata e das fomes e impulsos animais, e pouco mais. Há a autoconsciência, na qual o indivíduo tem clara consciência de si como entidade diferente de todo o universo circundante e que interage com ele. Há a consciência global, na qual o indivíduo está consciente de acontecimentos à escala global e sente uma relação pessoal responsável com eles. E, por fim, e mais exaltada, há a rara consciência cósmica, alcançada por grandes almas, a quem é revelado um sentido do significado do universo total.

Não se passa de um lugar para outro, mas de um nível de consciência para outro. Este processo é evolutivo, é chamado evolução da consciência, e é um processo evolutivo-educacional que alguns acreditam ser o propósito central da vida humana. Com isto solidamente estabelecido — que há apenas um universo e que o nosso progresso através dele se faz por uma mudança de níveis de consciência — estamos mais aptos a apreciar a intenção de

algumas das mensagens que tentam descrever aquilo a que erradamente temos chamado «o outro lado». Não há outro lado. Há apenas níveis de apreensão de um único universo incompreensivelmente vasto.

Ora, como foi descrito este universo por aqueles que o observam como desencarnados?

Comecemos por uma pessoa que passou há pouco tempo, ainda cheia de preocupações terrenas, ainda não totalmente ajustada à sua nova condição, ainda apenas parcialmente consciente das possibilidades da nova dimensão. Este é o relato de uma sessão dada a uma residente da Pensilvânia, a Sra. Edna Davenport, em Outubro de 1965.

Três meses depois de o meu marido ter morrido, tive uma sessão com Arthur Ford. Fletcher apareceu depois de o Sr. Ford ter entrado em transe e disse "Olá", e eu respondi. Ele disse que havia aqui um homem "que a conhecia — oh — estava consigo — um Bud ou Buz." Disse que, quando o Bud estava a passar para cá, chamou por si, mas a senhora não respondeu. "Estava atordoada." (A enfermeira disse que eu estava em choque). Fletcher prosseguiu dizendo que, quando o irmão do Bud, Morrie, estendeu a mão para ele, ele soube onde estava. (O irmão do Bud, Morrie, tinha passado dois anos antes).

Bud disse que passou com uma mente clara e lúcida. Depois mencionou alguns pormenores sobre a nossa vida de casados e arranjos financeiros que eram probatórios: ninguém poderia sabê-los senão o Bud e eu.

Bud (que fora publicitário) disse que agora só tinha uma conta, a Spiritual Frontiers Fellowship. Disse que não queria que eu vestisse preto (eu estava de preto) porque ele não estava morto. Disse que estava feliz e ativo onde estava, ao passo que, se tivesse "vivido", teria sido um semi-inválido. Disse: "Tenho estado consigo todas as noites — na verdade, estou mais consigo agora do que quando estava aí consigo. Aqui não há portas fechadas."

Depois perguntei se era ele que andava a fazer estalar e a fazer tremeluzir a luz à noite. Ele disse que não queria assustar-me, mas queria que eu soubesse que estava perto. O Sr. Ford começou a rir enquanto estava em transe, e Fletcher disse: "Este homem está a fazer uma coisa engraçada. Faz uma vénia e atira um beijo." Eu disse a Fletcher que era isso que o Bud fazia

quando saía de casa todas as manhãs. Fazia uma vénia e atirava um beijo para a janela do quarto, onde eu estaria de pé.

Alguns casos são misturas do que muitas vezes se chama «trivia» e de informação factual importante sobre a vida desencarnada. A Sra. Vera Anderson, de Montclair, Nova Jérsia, deu-me uma transcrição de uma sessão realizada em Novembro de 1967 que contém estes dois elementos. Fletcher disse-lhe corretamente que ela tinha nascido na Rússia; que o pai dela foi morto a lutar com a Cavalaria Imperial contra os Vermelhos; que a mãe dela se suicidara; que a avó era chamada Babushka e o avô Peter; que ela tinha cinco filhos, todos adotados. Depois, Fletcher, citando a mãe dela, deixa cair informação substancial sobre o «passar para cá».

Não somos enviados nem para o céu nem para o inferno, apenas continuamos a viver. Alguns de nós têm de aprender muitas lições, mas assim que saí do corpo já não tive mais medo, ressentimento ou ódio, porque estes são limitações humanas. Fui recebida pela minha mãe e por Alexander (o irmão dela, morto na revolução). Deixaram-me dormir um pouco, mas não por muito tempo. Depois comecei a funcionar num corpo perfeitamente livre. Deus a abençoe, estou consigo. Saiba que estas coisas tristes ficam com o corpo. Nada pode afetar a mente, que é a parte individualizada de Deus. O cérebro pode ser afetado, mas é apenas um instrumento transmissor.

Passamos agora a um tipo de sessão bastante diferente. Os comunicadores eram todos cientistas realizados. Todos tinham passado há três a talvez vinte anos antes de a sessão com Fletcher e comigo ter ocorrido em Abril de 1967. A sessão foi registada pela Sra. A. E. Sharp, outra residente da Pensilvânia. A Sra. Sharp também forneceu identificações dos oradores, retiradas de obras de referência biográfica científica padrão. É digno de nota aqui, penso eu, que os comunicadores, tendo todos tido tempo suficiente para se aclimatarem, deslocaram o foco dos seus interesses de várias maneiras significativas. Estão menos absorvidos em relações individuais. Estão mais preocupados com questões que poderiam resultar em benefício ou esclarecimento para a humanidade como um todo. Estão menos preocupados com realização individual. Estão mais interessados em trabalhar em grupo.

Eis as notas da Sra. Sharp. Comunicadores desencarnados:

Dr. Frederick Simonds Hammett, bioquímico, doutorado em química biológica por Harvard, associado ao Lakenau Hospital, Filadélfia.

Dr. George Phaler, antigo director do Departamento de Radiologia, Escola de Medicina da Universidade da Pensilvânia.

Dr. Hugh I. Evans, antigo pastor da Igreja Westminster, Dayton, Ohio, membro do Conselho Nacional da Igreja Presbiteriana.

Dr. William Francis Swann (conhecido pelos íntimos como "Frank"), físico, antigo director da Bartol Research Foundation, Franklin Institute, Swarthmore, Pensilvânia.

Espaço em branco — indica cientista vivo (plano terreno), nome omitido.

Contexto da sessão de Abril de 1967: O que se segue veio do Dr. Hammett numa sessão realizada em Maio de 1966. Depois de uma referência ao Marine Biological Laboratory em Woods Hole, o Dr. Hammett disse: «O mar vai ser a solução, o crescimento no mar.»

«Sessão de Abril de 1967; excertos:

Muito foi dito diretamente pelo Dr. Hammett, transmitido através dele por desencarnados mais avançados. Por exemplo:

Dr. Phaler: Tenho estado consciente desde que vim para cá de que nada do que é importante aqui é feito por uma única pessoa a trabalhar sozinha. Quando há um grande trabalho a fazer, uma grande tarefa, eles juntam o seu conhecimento tal como os cientistas na Terra fazem. Nenhum cientista desenvolve alguma coisa sozinho. Ele apenas reúne e constrói sobre o conhecimento acumulado e os factos de outros. Praticamente toda a mensagem que é importante emana de uma mente de grupo. Sabe que quando alguma grande ideia, uma grande ideia nova, nasce na Terra, é como se fosse difundida para que várias pessoas a possam captar aproximadamente ao mesmo tempo. Fazemo-lo assim para que, se uma não estiver interessada ou não perseverar, talvez uma das outras pessoas que temos estado a bombardear o faça.

Aqui intercalo a observação de que toda a história da invenção (como refletida nos registos do U.S. Patent Office), da arte e da ciência está

pontuada com exemplos de inovações importantes ocorrendo a várias pessoas quase ao mesmo tempo. Um dos mais marcantes está ligado à teoria da evolução física de Charles Darwin e à sua explicação dela em The Descent of Man. Hudson Tuttle, um rapaz de quinta do Ohio, nascido em 1836, teve, no total, pouco menos de um ano de escolaridade. Desenvolveu uma mediunidade poderosa ainda bastante jovem e sentiu que estava a ser educado por desencarnados, entre eles o grande cientista francês Lamarck e a celebrada autoridade alemã Von Humboldt. Sob a sua tutela escreveu livro após livro sobre história, filosofia e ciência. Estes eram de tal qualidade e tão amplamente divulgados que Darwin — em The Descent of Man — citou como autoridade de apoio (sem saber que o autor era um agricultor «sem educação») um livro escrito sob orientação desencarnada por Tuttle cinco anos antes. Tuttle permaneceu agricultor até ao fim dos seus dias (1910).

Retomo as notas da Sra. Sharp.

Dr. Phaler: Eu não conhecia a resposta para o cancro; desperdicei a vida a trabalhar pelo ângulo errado. Mas quando cheguei aqui fui imediatamente aceite no grupo do Dr. Hammett porque eles sabiam que a minha intenção era correta. Aqui julga-se a pessoa não por um ato, nem por aquilo que de facto realiza, mas pela sua intenção.

Dr. Evans: Não há razão para uma pessoa não poder ser cientista e pessoa espiritual ao mesmo tempo. A maioria dos bons cientistas é espiritual e muitos interessam-se pelo psíquico.

Dr. Swann: O meu nome é Frank Swann. Diga ao _____ que eu ainda estou em investigação — investigação pura — no Franklin Institute. Através da minha investigação fui levado a uma crença firme no mundo invisível e a uma perceção, no meu próprio trabalho, de que podia recorrer ao subliminar como recurso... Quando me apercebi do poder espiritual que se fundia com as coisas materiais, tive mais sucesso.

A sessão terminou com expressões de estima mútua entre a participante e Fletcher.

A minha própria mediunidade, claro, não é a única fonte de ilustrações para este princípio aparente de que as pessoas crescem em consciência —

evoluem em nível de consciência — depois de deixarem este plano. Outro par de sequências ilustrativas pode ser retirado de acontecimentos tão distantes como Inglaterra e Califórnia. O livro de Sir Oliver Lodge, Raymond,* figura entre investigadores psíquicos, a par dos Proceedings of the British Society for Psychical Research, como um dos clássicos. A série de Stewart Edward White que relata as mediunidades da Sra. White e da Sra. Finley — The Betty Book,° The Unobstructed Universe® e The Road I Know' — é igualmente bem considerada. Raymond regista as comunicações, através de vários médiuns, do filho de Lodge, começando pouco depois da sua morte em combate na Primeira Guerra Mundial. A série White é uma crónica dos esforços extraordinariamente metódicos e bem ordenados de desencarnados anónimos muito avançados para transmitir aos habitantes da Terra algumas perceções básicas sobre a natureza dos reinos superiores que um dia habitarão.

Numa das suas primeiras comunicações, Raymond discute o dilema dos desencarnados tão recentemente chegados que ainda não se libertaram dos hábitos e apetites da vida terrena: o médium era a Sra. Leonard; a principal voz, além de Raymond, é o controlo da Sra. Leonard, Feda.

Ele acha difícil, diz ele, mas tem tantos amigos bondosos a ajudá-lo... Sabe que assim que estiver um pouco mais preparado tem uma grande quantidade de trabalho a fazer... Parece saber qual é esse trabalho. Primeiro terá de ajudar na Frente... Sabe que, quando eles passam e acordam, ainda sentem um certo medo... Alguns até continuam a lutar; pelo menos querem fazê-lo; não sabem que já passaram. Por isso, são necessários muitos para lhes explicar e ajudar e acalmar. Eles não sabem onde estão nem porque estão ali.

«As pessoas pensam que eu digo que estou feliz para as fazer mais felizes, mas não. Encontrei centenas de amigos. Não os conheço a todos... dizem-me que mais tarde me explicarão porque me estão a ajudar. Sinto que tenho dois pais agora. Tenho o meu antigo e outro também — um pai pro tem.»

Pouco depois, F. W. H. Myers falou do mundo desencarnado, dizendo que tinha «praticamente adotado» Raymond.

Algum tempo mais tarde, Raymond, agora mais seguro, fala do seu ambiente.

Há homens aqui, e mulheres. Não creio que se relacionem uns com os outros exatamente da mesma maneira que no plano terrestre. Mas parecem ter o mesmo sentimento uns pelos outros, com uma expressão diferente desse sentimento... As pessoas são enviadas para o plano terrestre para terem filhos; aqui não os têm. Ele (diz Feda) não quer comer agora, mas vê alguns que querem... e alguns querem bebida forte... ele ouviu falar de bêbedos que a querem durante meses e anos...

(Feda:) Ele trouxe aquele cãozinho outra vez... Ele não viu leões nem tigres, mas vê cavalos, gatos, cães e aves... (e ainda mais tarde)... Ele diz que aprendeu tanto que não conseguiria encontrar palavras para lho dizer através de um médium. Isso tornou tudo no plano terrestre... tão claro. Muitas vezes pensa que, se pudesse voltar, poderia atravessar a vida a voar. E acredita que, se as pessoas apenas se recolhessem dentro de si próprias com mais frequência, mesmo que só de vez em quando, poderiam estender a mão e obter uma boa parte do que ele aprendeu. Mas, quando querem fazer coisas no plano terrestre, não querem recolher-se dentro de si próprias porque têm medo de chegar a uma decisão contra aquilo que querem fazer. Essa é a razão por que as pessoas não conseguem escolher entre o certo e o errado.

É impossível não notar de imediato a diferença de tom entre as comunicações de Raymond — na altura um recém-chegado e, em muitos aspetos, um aprendiz — e as de «Betty» em transe, tal como registadas em The Unobstructed Universe de Stewart Edward White. Depois de mais de duzentas páginas fascinantes de discurso, através da «Joan» em transe (Sra. Ruth Finley), de seres — incluindo «Betty», a falecida Sra. White — que só poderiam ser descritos como «desencarnados muito avançados», White resume do seguinte modo:

A humanidade sempre teve a imagem de dois estados de ser inteiramente diferentes, separados um do outro como por uma parede — a ideia do «na Terra» e «no Céu».... Betty (e os seus preceptores) chamou-lhe os universos obstruído e desobstruído, mas negou a parede entre eles. A sua missão na presente divulgação era derrubar essa parede. Para o conseguir, apontou, primeiro, que na realidade não há dois universos, mas apenas dois

aspetos de um só. Nós aqui vivemos no aspeto obstruído, proposição que nenhum de nós provavelmente negará. Dado este facto, a dedução lógica seria que ela vive no outro, o aspeto desobstruído. Mas isso, surpreendentemente, afirma ela, não se segue. Pelo contrário, diz ela, vive em ambos os aspetos, no universo inteiro; na vertente obstruída — essa pequena percentagem do todo que nós, os da Terra, habitamos — assim como na vasta e misteriosa porção desobstruída que ela nos assegura que a ciência vislumbrou, mas de que ainda sabemos quase nada. Para ela, é um universo homogéneo, simplesmente porque aquilo que para nós são obstruções (tempo, espaço, matéria «sólida») não são obstruções para ela.

A evidência acumula-se. Neste ponto, após quarenta anos de estudo, pensamento, observação e experiência, considero estabelecidas estas verdades: a personalidade humana sobrevive à morte do corpo com memória, vontade e capacidade de desenvolvimento ulterior. Embora os vários aspetos da consciência possam funcionar independentemente uns dos outros, um operando sem o conhecimento do outro, na realidade não existe tal coisa como um inconsciente absoluto; a consciência nunca pode ser «in»; há apenas vários níveis de consciência, sempre em evolução. Não existe tal coisa como um «sobrenatural»; o universo inteiro é regido por lei natural, que até agora apenas começou a ser compreendida.

As Sessões Sun Myung Moon

Por vezes, o curso do meu trabalho parece recapitular alguns dos temas do dia. Uma tal sequência desenvolveu-se em torno da pessoa do sábio coreano Sun Myung Moon.

Considere-se alguns dos fermentos atualmente em ebulição. A reencarnação, um tema deixado severamente de lado por muitas gerações de estudiosos, está atualmente a gozar de uma considerável voga. Vários livros novos sobre o assunto apareceram. O Dr. Ian Stevenson demitiu-se da direção da psiquiatria na Universidade da Virgínia para investigar as centenas de casos relatados do Médio Oriente. «Dos 150 casos que estudei até agora», afirma, «não encontrei um único falso.»! Os Professores E. E. Bernard, da North Carolina State, e Charles T. Tart, da Universidade da Califórnia, estão a fazer estudos sobre experiências fora do corpo em que se demonstrou que as pessoas estavam em dois lugares ao mesmo tempo. Um enorme volume

de material apareceu na imprensa sobre o tema de possível comunicação com habitantes de outras galáxias. A meditação, sob uma forma ou outra, recebeu ultimamente uma publicidade sem precedentes. A dissolução e morte de velhos deuses e velhas instituições também tem sido um tema frequentemente ouvido.

Poderá alguém negar que a revolução mundial, a guerra de classes e de fronteiras, e a perturbação civil estiveram quase diariamente sob os olhos do público? A astrologia, até há pouco um assunto morto, está em alta, com cientistas responsáveis a admitirem agora que pode haver «algo de verdade» em certas reivindicações dos astrólogos.? O tema do fim de uma era, a ideia de um novo começo para a humanidade no ano 2000 que se aproxima, não pode ter escapado à atenção mesmo do leitor mais casual. E a ideia de ecumenicidade, um acordo mundial entre os homens sobre princípios de convivência, apoderou-se da maioria daqueles, religiosos e seculares, que ousam olhar para o mundo como um todo.

Não pareceria pelo menos um pouco invulgar que todos estes temas fossem explorados com alguma profundidade numa curta sequência de duas sessões? Ao ler a transcrição das gravações das sessões Sun Myung Moon, pareceu-me algo bastante fora do comum. Além disso, estas sessões oferecem outra oportunidade de verificar a precognição de Fletcher e dos seus colaboradores do «outro lado». As palavras do Sr. Moon alcançarão a popularidade prevista ao longo da próxima década, ou algo assim? Eis excertos significativos do registo literal:

Sessão com Arthur Ford,
2 de Novembro de 1964

Presentes: Sr. Anthony Brooke, de Inglaterra, para quem a sessão foi realizada; Sr. Walter Voelker, Rev. W. V. Rauscher, Rev. Robert Lewis.

FLETCHER (interpretando Cyril Arlington, antigo diretor do Eton College): «Fiquei a conhecer Conan Doyle e não poderia ter discordado dele de forma mais completa do que discordei quanto aos espíritos. Mas agora descubro que me é mais fácil adaptar-me a este método por causa das coisas de que me lembro. Tudo volta como a maré. Estou muito grato por poder comunicar. Estou grato por você [Anthony Brooke] estar a ocupar o seu

lugar. Sabe que costumávamos gabar-nos de que o Império Britânico era realmente organizado por rapazes de Eton. Agora parece-me que, na Nova Era para a qual se está a mover, não vai ser necessário que Eton ou qualquer outra entidade forneça generais e esse tipo de coisa. Mas provavelmente somos os mesmos cérebros que ajudaram a organizar o Reino — e o Império Britânico pode ser muito útil para inaugurar o Reino de Deus na Terra — e isso é muito mais importante. Compreende?»

ANTHONY BROOKE: Compreendo, sim.

FLETCHER: E é a maneira de Deus. Começa sempre como... eu não sei... se eu tivesse um quadro, desenharia uma figura para si. (Este homem pensa com muita clareza, mas é difícil interpretá-lo, percebe.) Eu desenharia uma figura — parece uma pirâmide — como um triângulo — no quadro. Agora, no topo, surge um mestre — pode ter sido Abraão — pode ter sido Moisés — ou pode ter sido Jesus — ou pode ter sido qualquer um dos grandes líderes religiosos.

Primeiro, há uma figura solitária — depois vai-se estendendo gradualmente até se alargar — e esse é o símbolo. Vem de cima e tem uma base larga firmemente assente. E assim tem sido a maneira de Deus se dar a conhecer ao seu povo em cada geração.

Ele tem aqui consigo um homem que, diz-me, era da Dinamarca. Diz-me que passou mais de metade da sua vida na Coreia. Diz que não só traduziu o Novo Testamento para a língua coreana como também foi o primeiro a fazer o dicionário inglês-coreano.

ANTHONY BROOKE: Poderia conseguir o nome dele?

FLETCHER: Sim, é... o nome dele é Peter, mas escreve-se P-i-e-t-e-r, Pieter Alexander. Veio para este país em criança, foi educado aqui, foi para a Coreia por volta da viragem do século, voltou quando ocorreu a invasão e depois regressou depois de a liberdade ter sido declarada. E depois, numa idade muito avançada, diz: «Graduei-me para esta vida.»

Mas o ponto de ter vindo, diz ele, é que, na companhia de dois amigos meus, George Wynn e a sua esposa, que também passaram muitos, muitos

anos nessa terra, encontrei e falei com esta pessoa notável que parece estar a conquistar a devoção de muita gente que nós pensávamos estar firmemente ancorada nas igrejas que tínhamos organizado. Havia algo nele que me fez sentir que estava na presença de uma pessoa enviada por Deus. Eu nunca tinha conseguido compreender bem a ideia generalizada do renascimento ou de um espírito encarnar de novo num corpo terreno.

E depois, na nossa conversa com — chamavam-lhe Sr. Moon — ele deu-me aquilo que considero ser a explicação mais lógica, bem como a mais bíblica e provavelmente a verdadeira. Os espíritos deste lado progridem, mas a sua progressão é ajudada ou dificultada por coisas feitas ou não feitas no plano terreno. E, uma vez que encontramos em cada ser humano uma qualidade de Deus semelhante à que nós possuímos, conseguimos, mesmo que a pessoa não esteja consciente disso, operar através de instrumentos terrenos. E essa é a verdadeira explicação da vinda do Espírito Santo.

O Espírito Total individualiza-se, separa-se em diferentes partes, mas nunca se separa da fonte. Mas pode fundir-se com algo que corresponde à sua própria natureza. Praticamente toda a gente no plano terrestre está, de alguma forma, a ser usada, quer como meio de ajudar alguém aqui a progredir, quer para ajudar alguém no plano terrestre a dizer a Palavra ou fazer aquilo que é necessário. É uma espécie de poder universal, como uma corrente elétrica.

Aqui tem uma lâmpada grande, talvez de 100 watts, e há uma de 60 watts — depois há uma pequena — e depois há outras pequeninas. Cada uma destas representa um grau de cultura ou civilização na Terra, e cada uma reflete tanto da corrente universal quanto essa lâmpada específica é capaz de incorporar e manifestar. E o Sr. Moon disse-me que não acreditava que a reencarnação fosse verdadeira ou fosse um facto, no sentido de que um espírito entrasse e ficasse completamente ligado ao organismo físico de outra pessoa.

Deus individualiza-se nessa pessoa, mas quase toda a gente anda por aí com aquilo a que o psicoterapeuta ou o psiquiatra chamaria uma obsessão — mas o Sr. Moon insiste que é uma encarnação. Pode durar algum tempo ou pode ser para toda a vida. Tudo depende da dedicação da pessoa e da tarefa que tem de ser cumprida.

Depois há uma pessoa altamente sensibilizada, e ela torna-se o veículo que é usado, quer permanentemente quer periodicamente, por um espírito de planos elevados. Ela assume parte da personalidade e parte das características desse espírito até começar a agir como ele. E então a sua própria consciência absorve o conhecimento que passa através dela em alguns casos: "Eu sou Moisés", ou "eu sou isto", ou "eu sou aquilo", e até certo ponto pode sê-lo. Mas é isso que se quer dizer com a vinda do Espírito da Verdade. E ele deixou-me claro que quanto mais altamente evoluída espiritualmente uma pessoa se torna, mais impessoal se torna no sentido em que, como disse São Paulo: "Eu morri para que Cristo viva" — e depois, noutro momento, disse: "Morro todos os dias."

E o Sr. Moon deixou claro que todo o homem que procura crescimento espiritual ou compreensão tem de morrer — porque morrer significa que está a empurrar — (não a morte física, isso não tem importância nenhuma) — o seu egoísmo, os seus desejos, o seu ser egocêntrico, são empurrados dia após dia cada vez mais para longe do centro do seu ser, para que o impulso espiritual que procura exprimir-se através de si possa tornar-se manifesto.

E não há felicidade que transcenda a felicidade da morte — a morte do interesse egoísta, dos desejos pessoais centrados em si mesmo e de todas essas coisas que fazem com que o homem, mesmo enquanto está no corpo, fique preso à Terra de forma mais verdadeira do que poderia ficar mesmo quando está livre do corpo físico. Essa é a verdadeira felicidade — tornar-se parte da Mente e do Coração Universais e exprimi-los.

E assim uma pessoa pode muito bem dizer: «Eu sei que já vivi antes», porque está a agir sob a orientação de uma pessoa que viveu na Terra e que agora vive através dela. E, se ler a sua Bíblia com entendimento, saberá que «o fim da era» e não «o fim da Terra» (pois não haverá destruição física da era — um tipo de civilização) acabará por resultar numa supracivilização, que pode ser aquilo a que chama o Reino de Deus.

Mas, no fim da era de que está agora a emergir, entra numa Nova Era. Foi dito que haveria muitos falsos Cristos e muitas pessoas afirmariam ser aquilo que não eram — e conduziriam o povo por muitos caminhos. E essas

pessoas são tão reais como o resto de nós, mas que, por alguma razão, recusaram aceitar a herança espiritual a que tinham direito de aspirar.

O Sr. Moon diz que uma pessoa — um psíquico ou um médium que possa ser controlado por uma entidade que não está aqui há muito tempo e que provavelmente ainda está a exprimir e a tentar validar algumas das coisas em que acreditava enquanto estava na Terra — pode olhar para si e tomar consciência de uma personalidade que é mais do que o que você é neste momento — nesta hora particular da sua vida. Ela pode ter a ideia de que está a lidar com outra encarnação.

Não há reencarnação no sentido de existir uma lei que obrigue as pessoas a voltar uma e outra vez, mas há uma lei de correspondência. E quando Jesus disse: «É necessário que eu vá, porque se eu (e a palavra "eu", tal como ele a usou, significava "eu", o ego limitado, que você conhece como o seu amigo Jesus) — se eu não for, o Espírito da Verdade não poderá vir.» Por outras palavras, ele sabia que só poderia manifestar-se no sentido mais elevado e mais verdadeiro e dizer a verdade final, a verdade espiritual, quando já não estivesse limitado pela personalidade — quando já não estivesse limitado ao reconhecimento, por parte dos seus amigos, de que era apenas Jesus de Nazaré.

Eles não podiam sempre saber que havia algo mais do que o filho do carpinteiro. Havia algo a usá-lo. E foi isso que eu quis dizer quando disse: «As coisas que eu faço vocês poderiam fazê-las, porque eu enviarei o Espírito Total — o Espírito vindo do topo — até que envolva e abarque todos os que estejam prontos para o receber.» E essa foi a única vez que eu realmente compreendi a preocupação oriental com a ideia de renascimento. O renascimento é uma coisa espiritual. O espírito usa instrumentos físicos, mas não está limitado a eles.

Pieter Alexander diz: «George Wynn estava comigo e Lillian Wynn estava comigo quando o encontrámos. Como eu dominava a língua e diferentes dialetos, consegui compreender o que ele queria dizer. Eu não tencionava ficar tanto tempo, mas quis dizer-lhe isto porque vi aqui estes jovens clérigos.»

ANTHONY BROOKE: Poderia dizer algo sobre o significado do Sr. Moon em relação a qualquer outro indivíduo em carne hoje?

FLETCHER: Quer dizer em relações interpessoais?

ANTHONY BROOKE: O que nos pode dizer sobre Sun Myung Moon?

FLETCHER: A missão dele é como mestre, como revelador. No fim de uma era tem sempre de haver alguns, por vezes até um só, que se torna a voz desta Inteligência — Mente Criadora — a que chama Deus. A sua relação com o resto do mundo é aquilo que a de muitos foi no passado. Abraão falou e tornou-se a voz de Deus para uma tribo. Moisés falou e tornou-se a voz de Deus para uma nação. Jesus falou e tornou-se a voz de Deus para o mundo inteiro. Mas o Ungido não pode morrer — Deus não pode morrer. E o esforço que é necessário agora e o propósito divino pelo qual o Sr. Moon (é) trazido à sua consciência enuncia-se de modo simples: «É necessário (ele é a voz de inspiração, orientação) restaurar à humanidade a compreensão da sua plena natureza e da sua relação com Deus.»

E, a partir dos escombros de uma civilização em desmoronamento e por cima dos gritos de angústia que ouve em todas as partes do seu mundo hoje, há um plano a desenrolar-se lenta e firmemente para restaurar o homem ao estado de perfeição que é necessário para que possa viver feliz e manejar sabiamente os instrumentos que a ciência materialista arrancou deste universo misterioso e em crescimento.

Restauração não de algo do passado simplesmente por pertencer ao passado, mas restauração das verdades básicas das quais todas as civilizações e todas as religiões cresceram.

Houve muitos, e cada um deles foi solitário até tocar e inspirar outros — e gradualmente a pirâmide se alargou. Ele não é o primeiro, nem o último. Mas, para o momento presente, é, na minha estimativa, uma luz espiritual da maior importância que brilha na escuridão do seu mundo confuso. ...

E ele tem a rara qualidade de se projetar, o que na verdade não é um milagre. É simplesmente a utilização de técnicas que swamis, yogis e homens santos conhecem, e que os santos conheceram, para a projeção — até se

tornar real e visível para os seus devotos ou para as pessoas de que precisa para fazer avançar o reino. O Sr. Moon, em meditação profunda, pode projetar-se e ser visto tal como Jesus foi capaz de se projetar e ser visto pelos santos. Este é sempre um dos sinais dos messias.

WALTER VOELKER: O que podemos nós próprios fazer para ajudar?

FLETCHER: Ouçam a palavra e façam; não deixem que a tradição vos cegue à revelação. Devem lembrar-se de que toda a pessoa que chega com uma revelação que ameaça os interesses egoístas de pessoas entrincheiradas em qualquer coisa na Terra vai ser perseguida. Mas nós sabemos aqui que, quando uma pessoa queima outra na fogueira, ou a crucifica, ou a enforca, é porque, inconscientemente, o espírito dentro dela lhe está a dizer que a pessoa que está a crucificar tem razão. Mas ela não pode dar-se ao luxo de o admitir, porque aceitou o perseguidor — o carrasco — o crucificador — como aquele que mantém as crenças tradicionais.

E assim, sempre que encontrarem alguém a perseguir outra pessoa, sabem que quem persegue o faz para se impedir de admitir a verdade. E mata aquele que ameaça a sua segurança, porque o inquisidor está sempre inseguro. Ele é culpado e a sua insegurança leva-o ao frenesi — é por isso que há tanto ódio, tanta discórdia na Terra hoje. As pessoas, em grande número, estão a agarrar-se a coisas em que já não acreditam. Mas não se mostraram dispostas a ouvir. Portanto, na sua ignorância, destroem a pessoa segura que ameaça a sua segurança. É por isso que aquele que é crucificado está sempre calmo e até feliz na hora do seu martírio. Ele tem certeza.

WALTER VOELKER: Como podemos chegar aos outros e chamar a atenção deles para isto?

FLETCHER: Não conheço outra forma senão indivíduos que experimentem Deus de alguma maneira — que tenham tido a coragem de olhar para o que são, o que têm e no que acreditam através da lente da revelação e da inspiração — e depois falarem.

A Igreja está a passar por uma transformação porque isso é inevitável neste ponto particular da história — o início de uma Nova Era e o fim de uma antiga. Até a Igreja, com as suas santas tradições, tem de trazer Cristo para

baixo do vitral — tirá-lo do altar — pô-lo nos corações dos homens — deixá-lo caminhar pelas ruas.

E Cristo tem sempre, como símbolo da sua autoridade, a criança — e quando Cristo foi adorado como criança, não foi adorado pelos que estavam na autoridade — foi pelos que tinham vivido e olhado para os céus e lido o curso do homem.

O Sr. Moon lembrou-me que, no Livro do Apocalipse, há uma imagem da Nova Jerusalém, a Cidade Santa, a descer dos céus. E havia uma porta a oriente e uma porta a sul, uma porta a norte e uma porta a ocidente — e quando o mestre vem, tem sempre de vir pela porta oriental. Na Cidade Santa de Jerusalém há uma porta oriental há muito selada e bloqueada. Nunca será aberta até que o novo mestre venha.

Do oriente vem o misticismo — uma disposição para ser absorvido em Deus — Deus não é algo separado — é algo interior. Do sul vem toda a beleza, o ritual — essas coisas que adornam e tornam bela a mensagem. Do norte veio o pensamento racional — pensamento claro — reforma — e mudança. Do ocidente veio a análise crítica, científica. E agora, na Nova Era, é uma era de orquestração — de sinfonia — de unidade. E o Novo Mestre não será nem cristão, nem budista, nem muçulmano, nem qualquer outra coisa. O Espírito Santo fala em termos universais — e Deus já não será fragmentado. Deus será o único Deus — que enviou o seu Filho não uma vez, mas muitas.

ANTHONY BROOKE: Neste ponto pode dizer algo sobre o espírito que está a aparecer em Inglaterra que se chama Verdade e que foi visto por algumas pessoas em forma sólida?

FLETCHER: Isso é a projeção do Sr. Moon — uma forma de aparição — a projeção do Espírito da Verdade — que se exprime através do Sr. Moon. Por outras palavras, na linguagem das escolas ocultas de mistério, é o corpo astral ou espiritual do Sr. Moon projetado e visto por aqueles que estão preparados para isso.

Devem lembrar-se de que, quando Jesus da Galileia foi crucificado e sepultado — quando voltou no seu corpo espiritual — foi visto apenas por aqueles que o tinham conhecido e a quem ele queria que o vissem. Os que

não estavam preparados não o viram. Mas depois ele falou — no Mar da Galileia rompeu todas as fronteiras nacionais e todos os tabus tribais — e cada homem ouviu a mensagem à sua maneira. Por outras palavras, ele tornou-se o Espírito Santo — o Espírito Total — deixando de falar apenas aos judeus — e falando a todos do então mundo conhecido. É sempre o método de…

ANTHONY BROOKE: Pode dizer quão perto estamos de uma tal irrupção de verdade universal?

FLETCHER: Estão agora no processo. Mas antes de Jesus se manifestar houve pessoas preparadas — veio João Batista — preparou. Mas o mundo cresceu e multiplicou-se — os meios de comunicação tornaram-se mais simples e fáceis. Já não basta um homem num pequeno país para ser um João Batista; são necessários muitos homens em muitos países para anunciar a vinda.

Sessão com Arthur Ford, 18 de Março de 1965, 15:30

Presentes: Sr. Sun Myung Moon, para quem a sessão foi realizada; Coronel Bo Hi Pak, antigo adido da Embaixada da Coreia; Srta. Kim, intérprete de Sun Myung Moon; Sr. Walter Voelker; Rev. W. V. Rauscher; Rev. Robert Lewis; e um grupo de amigos do Sr. Moon vindos da Coreia, do Japão, dos Estados Unidos e de outros locais.

ARTHUR FORD: Eu estudei com Yogananda. Ele usava a palavra «desapego», que significa desligarmo-nos completamente do objetivo. Há uma mente maior. Nunca se sabe o que vai acontecer. O que acontece, acontece por causa das pessoas que estão aqui.

Quando Fletcher vem, eu fico totalmente inconsciente. Isso prova o desapego completo. Não consigo lembrar-me de nada. Não é meramente hipnose. Fletcher está a usar palavras através de mim, a usar a minha voz. Naturalmente, eles não usam palavras do lado de lá. As palavras são sons físicos. Ele tem de interpretar pensamentos e ideias, esse tipo de coisa, e pô-los em palavras. E, claro, é como diz São Paulo: quando ele subiu ao Terceiro Céu, viu coisas e ouviu coisas que são inexprimíveis. É algo que se sente.

Quando Fletcher vier, faremos o melhor que pudermos. Podem fazer quaisquer perguntas que quiserem; ele dir-vos-á quem está aqui. Ele estabelecerá identidades.

Não uso este lenço desde que esteve aqui antes.

COL. PAK: Lembro-me desse lenço.

ARTHUR FORD: Faço isto porque é mais fácil adormecer.
(Neste ponto Arthur Ford entrou em transe.)

FLETCHER: Não é fácil para mim descer ao nível do Ford. Um grande poder sob a forma de luz — se vocês vissem a luz que vos rodeia — a maioria ficaria cega. Tenho consciência de que há aqui pessoas que são espiritualmente mais avançadas do que algumas aqui e certamente mais avançadas do que eu, embora eu esteja aqui há quase cinquenta anos. O tempo não garante espiritualidade, nem necessariamente sugere crescimento.

Noutro contexto eu insistiria para que o meu instrumento e todos vós tirásseis os sapatos. Mas, espiritualmente, podem criar a humildade que vos permitirá saber que estão na presença da Verdade — encarnada e desencarnada.

Estou rodeado por pessoas que não são o tipo de pessoas para quem normalmente interpreto. Um homem que está aqui fala — diz que está grato pela oportunidade — tem algo, de algum modo, a ver com alguns de vocês. Ele dá o nome de Kousik.

É K. K. — Kim Kousik. Ele mostra-me um papel que parece trazer o seu nome. Leio o nome dele. Vejo o homem. O papel não consigo ler… Parece-me que há aqui um homem que já esteve aqui antes. O seu nome é Coronel ou algo do género. Sabe quem é Kousik?

Cox. Pax: Sim, Kim Kousik foi um dos estadistas políticos na Coreia.

Fletcher: Ele mostra-me um documento que parece ter significado, como se o seu nome estivesse nele. Diz que lamenta muito que Lee Wan Tong não esteja convosco. Tong Wan Lee. Sabe quem é?

Col. Pax: Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Coreano.

Fletcher: Viu-o recentemente?

Col. Pax: Sim, vi-o há dois dias.

Fletcher: Diga-lhe que fez bem em vir aqui… Este é o fim de uma era, e a batalha que está a grassar é realmente o Armagedão. É uma batalha entre homens egoístas e brutais que não pensam em termos de Deus — ou de coisas associadas a essa palavra — contra aqueles povos que serão os arautos da Nova Era. Estão agora na Nova Era — e as coisas antigas estão a ser destruídas — e coisas novas, que são eternas mas que são novas apenas porque a humanidade atingiu agora o ponto em que é capaz de as reconhecer e utilizar.

E alguns de vós nesta sala, alguns que vêm de outras terras e alguns que são naturais desta terra, pertencem à vanguarda da Nova Era. E há um senhor nesta sala que é um daqueles que será usado para a restauração de princípios e verdades espirituais que são eternos, mas que se perderam devido à estupidez e à ganância dos homens. Podem segui-lo com segurança, porque nada no universo que seja real é alguma vez destruído — muda apenas de forma.

Mas há muitas coisas nas mentes e na consciência dos homens que são distorções da Verdade e aproximações da Verdade e que muitas vezes são superstições enxertadas na Verdade. Não destroem, mas apresentam a Verdade de tal modo que ela não tem significado nem sentido para as pessoas que procuram a salvação — o que significa apenas a restauração da afinidade eterna entre o Criador e as Suas criações. Não sei do que estão a falar, mas é isso que ele diz.

Cox. Pax: Poderia perguntar-lhe, em ligação com a Nova Era, mais especificamente, qual é a missão do Nosso Líder aqui hoje?

Fletcher: Ele é um daqueles que será o instrumento humano através do qual o Mestre do Mundo poderá falar. E foi escolhido porque a Nova Era só pode ser inaugurada através da porta oriental da Cidade de Deus — e essa porta esteve selada desde que Jesus foi crucificado. Não pode ser aberta até à Nova Era na qual agora estais a entrar e na qual já estais. Quando o Mestre vier, haverá um povo preparado para Ele.

O Jesus da Galileia não regressará — não é necessário. O Cristo que se manifestou através dele é Eterno — Ele manifestar-se-á de novo. Nunca deixou de falar aos homens, mas chegou o tempo em que, na Nova Era, o véu que foi traçado entre o vosso plano e o Mundo do Espírito será afastado e aqueles que foram libertos da servidão física poderão falar, agir, orientar e ensinar os povos da Terra. Isso está a ser manifestado em toda a parte.

Mas o importante a recordar é que, quando Deus quer fazer uma revelação (e sempre o fez e sempre o fará), tem de escolher um instrumento humano que, por determinadas circunstâncias ou condições, foi levado ao ponto de sensibilidade e perceção espiritual, para que possa, na sua própria pessoa, aceitar esta antiga luz da sabedoria — e através dele ela filtrará para os outros, provavelmente não menos dedicados, mas, na verdade, menos dotados.

É como uma pirâmide. No topo está o Mestre, o Líder, o Escolhido e, abaixo dele, começa gradualmente a formar-se uma base. A verdade flui para baixo e, à medida que flui para baixo, flui para fora até tocar todos os cantos da Terra. Mas começa sempre com um homem — e outros são tocados.

O Espírito Santo não esteve silencioso — nem esteve inativo. Mas surgem periodicamente na história da raça momentos em que o Espírito Santo tem de se individualizar quase completamente numa pessoa — que se torna o instrumento que permitirá aos outros captar o Espírito, ver o Espírito e conhecer o Espírito. E assim seguem em todas as direções, nunca separados da fonte, mas sempre individualizados…

Sun Myung Moon é aquele de quem tenho estado a falar. Tenho falado por um grupo de pessoas aqui. Esse grupo parece rodeá-lo. E o poder que flui através dele, a inteligência, não é apenas de um — é de um grande grupo de pessoas. E todos parecem ir buscar a sua inspiração e o seu conhecimento a

Uma Só Fonte — e depois parecem derramá-los simbolicamente num reservatório e, de alguma forma estranha e simbólica, esse reservatório torna-se Sun Myung Moon.

Como se Toda a Experiência — Todo o Conhecimento — Toda a Verdade Espiritual sempre tivesse existido. Foi revelada em diferentes momentos — através de diferentes pessoas. Mas aquele que revela preocupa-se apenas em dizer a Verdade, e aqueles que estão prontos e são capazes de aceitar a Verdade ou de a perceber levam a mensagem adiante. Os reveladores raramente vivem para ver as suas revelações amplamente aceites. Mas atraem sempre para si — e deixam atrás de si — um grupo que continua a revelação.

Walter Voelker: Posso fazer uma pergunta, Fletcher? Para pessoas como eu, familiarizadas com os ensinamentos de Jesus e para quem os Princípios Divinos parecem estranhos, pode alguém explicar a relação entre os "ensinamentos de Jesus" e as "mensagens de Sun Myung Moon", para que eu não fique confuso?

Fletcher: Terei de falar pelas pessoas aqui. A Verdade nunca se contradiz. Muitas vezes aquilo a que chamais os ensinamentos de Jesus pode ser — e muitas vezes é — interpretações feitas pelos homens, sobre as quais os homens construíram instituições. Não podeis, na vossa época, apoiar-vos em fórmulas antigas ou em definições antigas de Deus ou do homem. As outras religiões desenvolvem dogmas e doutrinas tanto sobre o homem como sobre Deus. E quando as declararam, a ciência desafiou-as — e então instalaram-se o caos e a confusão.

Na era em que viveis, todos os detritos que se acumularam em torno da Verdade têm de ser afastados, pois todas as Verdades se sobrecarregam de ideias e organizações que crescem no coração de pessoas devotas, mas que não têm, na realidade, relação com a própria Verdade. E assim, hoje, viveis num tempo em que os homens conhecem muitos factos, mas não aprenderam a identificar esses factos — esses dados — com ideais. E o conhecimento científico sem reflexão filosófica pode resultar no vazio. E é isso que enfrentais.

Não podeis limitar Deus. E não podeis limitar as possibilidades do homem, porque o homem tem dentro de si uma parte individualizada de Deus, do Infinito. Mas se tentardes construir uma vida, uma filosofia ou uma religião apenas sobre os factos que sois capazes de perceber através dos sentidos — e se confiarem apenas na perceção e experiência sensoriais — não encontrareis a Verdade.

Os factos científicos são importantes, mas, por si só, nada vos dizem. Tornam-se significativos apenas quando são utilizados sobre um vasto pano de fundo de ideias e ideais. Portanto, o que estou a dizer é que as Verdades Básicas são que Deus é e que o homem é a Sua criação — e, sendo criação de Deus, começou como um ser perfeito, mas, devido a condições ambientais e à ignorância e — por vezes devido a impulsos instintivos que se sobrepuseram à sua divindade — o homem perdeu essa perfeição que tinha como criatura de Deus. E o próprio homem criou um universo dual.

Não havia Mal na criação de Deus; não há Mal na Mente de Deus. Mas o homem, pela sua própria escolha — e porque cedeu aos impulsos instintivos que são uma herança da sua ascendência animal como veículo físico — criou um universo dual. E o propósito da Nova Era é restaurar essa perfeição, que só pode ser realizada quando o homem se torna completamente centrado em Deus e depois introduz nos processos sociais as qualidades de justiça, amor e fraternidade, que são os atributos do conceito espiritual de Deus. Então demolireis um universo dual.

E Satanás, que é apenas a palavra antiga para Ódio Eterno, será destruído — porque onde há amor não pode haver ódio, e foi isso que os profetas e o próprio Jesus profetizaram — "no fim da era" e não "no fim do mundo" — e vós terminastes essa era e estais agora a entrar numa era em que sereis compelidos a subjugar aqueles que vos querem destruir. E sereis compelidos a pôr fim à Batalha do Armagedão. Mas será uma vitória em que todo o nacionalismo egoísta, os credos, os ódios que deles nascem serão eliminados. Não será concluída durante a vossa vida, mas a vossa vida não se limita a esta pequena expressão através dos vossos corpos físicos. Continuareis a fazer parte dos escolhidos; continuareis a fazer parte daqueles que influenciarão, orientarão e lançarão luz sobre o caminho daqueles que construirão o Reino de Deus na Terra.

Não deveis cair na falsa ideia de que existe algo como uma verdade final entregue de uma vez por todas. A Verdade é algo vivo e vibrante, porque a Verdade provém de Deus, e não há conclusão; não há meta, exceto essa meta sempre em expansão que é Deus. Mas, de alguma forma estranha, a economia divina exige que, de tempos a tempos, algum homem assuma uma maior parcela de Deus e assim se torne a Voz da Verdade. Sempre foi assim e sempre será assim, e haverá sempre aqueles que podem ser usados.

Deus não tem outra voz senão a voz que Lhe é dada por pessoas que se elevaram ao ponto em que conseguem compreender e depois expandir as Suas ideias…

Sr.ª Kim: Refere-se ao Cristo de há 2.000 anos?

Fletcher: Não havia um Cristo há 2.000 anos — havia um homem há 2.000 anos através do qual o Ungido pôde manifestar-se. O homem morreu — o Cristo viveu — e, como Espírito Santo, tem ajudado. Deveis lembrar-vos de que, quando esse homem disse: "Estarei convosco até ao fim da era", não era o Galileu que falava, era o Cristo Encarnado…

Sr.ª Kim: Haverá muitos líderes na Nova Era?

Fletcher: Mesmo havendo um Cristo, Ele teve de escolher os doze, e eles, por sua vez, tocaram as vidas de outros. Porque a mensagem não poderia ter sido dada se tivesse ficado limitada a um homem, a uma raça, a um grupo. Mas sempre, como esse homem disse, tem de começar com um homem — e sempre a revelação se funda na verdade já revelada, mas é acrescentada e expressa não em termos de ontem, mas do futuro.

Tem de haver sempre alguém que possa aceitar a responsabilidade de transmitir a verdade.

Cox. Pax: Está a falar de uma Nova Revelação: isso significa que se refere aos Princípios Divinos trazidos por Sun Myung Moon?

Fletcher: Isso faz parte, sim, mas mesmo Sun Myung Moon não esgotou as possibilidades da Mente Divina. Ele é, e enquanto viver continuará a ser, um canal de revelação. O canal nunca deixa de fluir; a fonte nunca seca…

Será sempre o Espírito da Verdade — que não é limitado em nenhuma direção por um grupo, por um homem ou por qualquer outra coisa — que usa um homem — ou pode usar um milhão de homens — mas nunca é limitado.

O Espírito da Verdade, como o sol, iluminará o mundo inteiro.

Sr.ª Kim: Sabe que deverá haver um verdadeiro pai e uma verdadeira mãe — verdadeiros pais para a Nova Era?

Fletcher: A Mente Divina ou o Conceito de Deus tem — como princípio criativo — dentro de Si todas as faculdades ou qualidades tanto do masculino como do feminino. Não pode haver expressão criativa, não pode haver vida sem estas duas qualidades — o masculino e o feminino. Assim, Deus não é homem nem mulher. Ele resume em Si todas as coisas…

Há um homem que vem aqui e diz que deseja falar. Parece ter conhecido alguns de vós. Dá o nome de John Gilmer. Diz que morreu em Seul. Alguns de vós são de lá? Seul? John Gilmer, diz ele que esteve lá e que conheceu e encontrou alguns de vós. Estava com as Nações Unidas em algum tipo de estudo económico. E diz que esteve com Albert Wedemeyer.

Cox. Pax: Sim, o General Wedemeyer… conhecia o nome.

Fletcher: Ele diz que vem porque morreu recentemente, quase há dias ou horas, em Seul, este John Gilmer. Diz que quer dizer-vos que há na vossa terra grandes possibilidades e que estas devem ser utilizadas. Não deveis esquecer que dar de comer aos famintos, vestir os nus e curar os doentes — todas estas coisas são tão espirituais como rezar ou adorar Deus. E deveis traduzir a vossa verdade espiritual em ações que promovam a justiça, a paz e a felicidade — para que os homens possam conhecer Deus — porque não podeis falar de Deus a homens que passam fome, a menos que apresenteis Deus sob a forma de pão. Não podeis interessar os homens por Deus se estiverem nus, a menos que os possais vestir e aquecer. E um homem que está doente por causa da privação e de condições infelizes não ouvirá falar de Deus a menos que ajudeis a aliviar essas condições — então encontrastes Deus em ação…

E agora entrais numa Nova Era — tereis de viver através do Armagedão — tereis de viver através da luta mortal daqueles que procuram perpetuar os velhos tempos — mas emergireis para a Luz…

Há alguém aqui que tem estado a falar, vários, mas um que fala em luz, alguém que dá o nome de Kim Koo.

Cor. Pax: Sim, um patriota martirizado na Coreia.

Fletcher: Morri para que eles pudessem encontrar a liberdade. A nossa terra nunca conheceu a liberdade sequer para adorar Deus como os nossos corações nos diziam. Estávamos sempre a receber ideias religiosas estrangeiras impostas sobre nós. Agora temos liberdade — e assim, quando essa liberdade foi nossa, Sun Myung Moon foi usado pelo Espírito Santo, é usado pelo Espírito Santo e será usado pelo Espírito Santo. Traduzi as coisas que ele vos diz em atividades que elevem a pobreza, a fome e o ódio.

Posso assegurar-vos que não haverá guerra que destrua a Coreia ou o mundo — até Satanás é suficientemente sábio para saber quando deve recuar. O erro não pode viver onde se encontra a luz da verdade.

WALTER VOELKER: Que conselho tem ele para nós?

FLETCHER: Este homem tem uma mensagem — este homem não tem mensagem — mas o Espírito Santo, o Espírito da Verdade, pode falar através de Moon com mais clareza — mais completamente — do que é capaz de falar através de qualquer indivíduo hoje. Pode levar muito tempo para que a sua verdade seja realizada no coração dos homens. Mas até o Cristo teve de ter o seu João Batista para O anunciar — e depois, quando veio, teve de reunir em torno de Si um grupo — e após a Sua morte esse grupo deu testemunho — e isso leva muito tempo.

Há um só Deus. Há um só Cristo. Pode usar nomes diferentes, porque os homens falam línguas diferentes, mas há um só Deus, um só Cristo, um só Espírito da Verdade. Sempre que esse Espírito da Verdade se torna voz, é sábio escutar.

Lembrai-vos de fazer a distinção entre o Espírito da Verdade, que é o Cristo, e qualquer indivíduo com um nome humano. Esse nome pode ficar historicamente associado ao Espírito da Verdade. O Espírito da Verdade não começou com nenhum homem — não termina com nenhum homem — usa homens. Neste momento, está a usar de uma forma muito notável o homem que está na vossa presença.

Col. Pax: Posso perguntar-lhe uma coisa? O nosso líder, Sun Myung Moon, é um príncipe da Nova Era. Sentimos que ele completou uma restauração à escala nacional. Agora o seu trabalho prossegue no mundo à escala universal. Como aceitará o mundo a sua pessoa? Durante a sua vida, quanto mudará o mundo?

FLETCHER: Foi Kim Koo que veio porque disse: "mesmo ao efetuar a liberdade política, nacional e económica, temos de usar pessoas." …

Chegastes a um ponto — o mundo chegou a um ponto — em que uma pessoa pode falar em termos de princípios. E lembrai-vos de que os princípios são flexíveis e capazes de ser aplicados individualmente. São adaptáveis à cultura e à sabedoria. Um princípio é a realidade por detrás da lei. A maioria de vós já não está espiritualmente sob a lei. A lei é uma coisa fixa e, por vezes, cruel, desumana e implacável. Crescestes espiritualmente até ao ponto em que viveis com base em princípios, que são a verdade por detrás da lei. Os povos primitivos ainda precisam da lei. Deus é capaz de se fazer compreender em termos e de modo que sejam compreendidos — e que sejam adaptados à cultura em que são semeados. Coisa estranha. O nome Indra significa alguma coisa?

Col. Pax: Poderia ser um nome de mulher coreana.

FLETCHER: Seja quem for esta mulher, ela diz algo sobre algum tipo de memorial — parece um símbolo — uma imagem daquilo que crescerá, e não foi mero acidente ter acontecido em Pusan. Um memorial para pessoas de todas as nações. E esse memorial foi consagrado e dedicado por representantes de todas as religiões do mundo, que se reuniram em solo coreano para construir um memorial, não para as pessoas de uma raça — uma religião. E Kim Koo diz que não é acidente que, a 21 de Agosto passado, representantes de todas as raças e de todas as religiões se tenham reunido

em Pusan para construir algum tipo de coisa sagrada que é um símbolo do que crescerá e se espalhará pelo mundo — e tem que ver com algum tipo de memorial. Foi estabelecido apenas alguns dias depois deste santo 15 de Agosto. O que é o 15 de Agosto?

Col. Pax: O 15 de Agosto é o dia em que celebramos o nascimento da liberdade, o Dia da Independência da Coreia.

WALTER VOELKER: Posso fazer uma pergunta, Fletcher? Temos dentro de nós um guia que nos diga qual é a vontade de Deus? Ou aceitamos, de forma autoritária, a opinião ou a afirmação de outro, como Sun Myung Moon, sem qualificações?

Fletcher: O Espírito fala ao espírito e cada um de vós tem dentro de si algo — uma parte individualizada desse todo a que chamais Deus. A verdade pode fluir para todos; não está limitada a um só homem. Há sempre almas iluminadas que podem tornar-se professores, guias, e através das quais a verdade pode fluir mais plenamente. Foi assim através de Cristo — foi assim através de Buda — foi assim através de outros. Mas nenhuma dessas pessoas — e nem o próprio Sr. Moon — afirma ser Deus — apenas afirma, como Jesus e os outros, ser um instrumento através do qual o Espírito da Verdade pode falar. E quando o Espírito da Verdade fala através de qualquer homem, não importa quem seja, escutai. Quando fala mais plenamente, escutai com mais atenção. . .

Sr.ª Kim: Devem os cristãos de todo o mundo continuar a seguir Jesus de Nazaré ou os Princípios Divinos?

FLETCHER: Os cristãos de todo o mundo nunca seguiram Jesus de Nazaré como homem — seguiram apenas o Cristo que esteve encarnado por algum tempo na pessoa de Jesus — tendes de fazer a distinção. Não será possível, de repente, reunir todos os povos religiosos do mundo num só grupo. Trata-se de um processo de educação numa parte do mundo onde Cristo não era conhecido e onde os seus ensinamentos foram apresentados muito mal por aqueles que alegavam representá-lo.

Era necessário que o Sr. Moon viesse. Deus tinha de ter algum homem através do qual o Espírito da Verdade pudesse falar, porque os missionários

não falavam a mesma linguagem — todos apresentavam uma imagem diferente. Há um só Espírito da Verdade. E assim, as distorções dos homens tornaram sempre necessário que alguém se tornasse o revelador....

Cox. Pax: Poderia dar-me alguma previsão do trabalho do nosso líder, do processo de ensino e de educação desta nova verdade, nos Estados Unidos?

Fletcher: Antes de mais, ele tem de estar disposto a escutar, a falar e depois a ter as suas palavras traduzidas — e elas serão traduzidas em muitas línguas. Mas não podeis esperar que a mensagem seja aceite imediatamente por vastos números de pessoas — apenas por aqueles que estão prontos e dispostos a ouvir e para quem esta mensagem particular parece certa e significativa. É assim que todos os mestres do mundo tiveram de proceder. E lembrai-vos apenas de uma coisa: se é de Deus, não pode falhar. E é de Deus.

Mas o Sr. Moon é apenas um numa longa linha de pessoas que foram usadas como reveladores — não é o último — não é o primeiro — mas, nesta hora, está a ser usado de forma grandiosa. E a sua mensagem será ouvida. Isso responde à sua pergunta?

Isto é o que é preciso recordar (e com isto tenho de ir — o poder está a enfraquecer) — isto é o que vos deixaria: que qualquer homem que tenha a boa fortuna de encontrar um mestre da verdade, e esse mestre fale à sua necessidade e ao seu coração, esse homem está sob uma compulsão divina para partilhar a sua alegria e o seu conhecimento e, se possível, conduzir outros para que cada um possa estar na presença do seu mestre — e entrar numa experiência própria.

Mas nunca cometei o erro de associar a verdade que flui de qualquer homem, através de qualquer homem, identificando-a completamente com esse homem. O Espírito da Verdade usa homens. Não é um homem.

WALTER VOELKER: Pergunta rápida, Fletcher, por favor. Qual é a minha maior fraqueza? Qual é a fraqueza que vê noutras pessoas como nós aqui?

FLETCHER: Vejo exatamente o que todos vemos aqui — uma grande confusão nas mentes dos homens em toda a parte — porque o formalismo antigo e as tradições estão a ser derrubados à luz do novo conhecimento.

Quase atingistes o ponto — à escala mundial, como homens, homens encarnados — em que pareceis saber tudo, compreender nada.

Recolhei os vossos dados, recolhei o vosso conhecimento, escutai os vossos mestres. Mas lembrai-vos de que há sempre uma vasta dimensão de poder e verdade espirituais, e até serdes capazes de vos tornar conscientes disso, todo o conhecimento, todos os factos, todos os dados não significam nada, porque não se articulam. Deus é o poder coerente — integrador — sinfónico no universo.... Tenho falado por um grupo de pessoas. Agora, há apenas um homem que diz que quer falar a estes jovens clérigos. Ele também quer falar com o Col. Pak. Assistiu aos julgamentos por crimes de guerra?

Col. Pax: Sim, durante a guerra.

Fletcher: Há aqui um homem que diz que conhece algumas das pessoas que conhecem estes jovens clérigos. Diz que foi nomeado para defender Tojo como criminoso de guerra do Japão. Este homem diz: "Sou americano e é interessante que eu costumava ir à igreja episcopal em Paoli. Estive no Exército — com MacArthur — e fui nomeado, por ser advogado, para defender Tojo. Perdi o caso, e até esperava que o perdesse — não me importava de ganhar o caso." E disse: "Há pouco tempo, fui morto por um comboio em Paoli, recentemente. O meu nome é George Bluitt. Estive na Coreia."

E este homem, John Gilmer, diz: "As coisas vão melhorar."

Col. Pax: Quando ele disse que as coisas vão melhorar — que as coisas estão a parecer melhores — estava a falar do nosso movimento?

FLETCHER: Do vosso movimento e do mundo em geral — porque estais a viver a agonia de morte de uma velha ordem. Leva tempo para a Nova Era descartar os detritos, as estupidezes acumuladas dessa ordem — elas vão-se embora e estão a ir embora… De qualquer modo, ele confirmou algumas das minhas teorias de que há uma possibilidade — de que pessoas noutros planetas estejam a tentar comunicar num megaciclo de cerca de — acho que ele disse — 900.

VOELKER: Certo.

FLETCHER: Portanto… se essas coisas ténues e invulgares que ele captou forem verdadeiras, seriam necessários quase 500 anos, tal como calculais o tempo na Terra, para uma mensagem lhe chegar de planetas habitados. Mas eu estava convencido, e penso agora que deve ter sido um momento de iluminação, de que há vida noutros planetas. São mais antigos do que o nosso e exploram avidamente o tipo de espaço exterior deles.

Há uma espécie de orientação espiritual, não inconsciente — não inconsciente — mas há uma espécie de orientação espiritual que está a ajudar a coordenar os esforços das comunicações interplanetárias. Isso vai fazer parte da Nova Era. E não é mero acidente. Lembrai-vos disto. Este homem, Nicholi, é um grande astrónomo, e não é acidente que o planeta dominante na constelação que agora controla e determinará o destino do planeta Terra — o planeta dominante tenha sido chamado Úrano. Sem esse símbolo, não teríeis a propulsão necessária para realizar esta coisa.

Dai o meu amor e as minhas lembranças a Alding, e podeis assegurar-lhe que não haverá lançamento de bombas nucleares num futuro previsível — provavelmente nunca. Adeus."

Aut: Adeus, Fletcher. Que Deus o abençoe.

Pode notar-se que a revista Time de 6 de Novembro de 1964 (p. 38) publicou o seguinte, sob o título "Mistério do Além":

Uma daquelas fantasias distantes que há muito são um elemento básico da ficção científica é agora um assunto sério de discussão científica — com os russos a levá-la a novos extremos. Duas invulgares "estrelas" de rádio, escreveu o astrónomo Nicolai S. Kardashev no Astronomical Journal da Academia Soviética de Ciências, podem ser "supercivilizações" no espaço profundo, chamando a atenção para si próprias ao transmitirem enormes quantidades de energia em frequências de rádio peculiares e, portanto, conspícuas…

A coisa mais notável nelas é a energia de rádio que emitem: é mais forte a cerca de 900 megaciclos. Esta frequência, diz Kardashev, é a melhor para comunicações espaciais a longa distância…

Desenvolver a Capacidade Psíquica Latente

Os capítulos anteriores contêm várias referências ao facto de que toda a gente tem alguma capacidade psíquica. Como qualquer outra capacidade humana — correr, dançar, levantar pesos, soletrar ou fazer contas — esta capacidade pode ser desenvolvida a um grau elevado ou pode ser deixada atrofiar. Descobrir-se-á que alguns possuem dons invulgares; outros revelar-se-ão medíocres. Alguns dos meus leitores querem desenvolver qualquer capacidade psíquica que tenham; outros, preocupados com assuntos que consideram mais prementes, não querem. Este capítulo destina-se aos que querem.

As pessoas que querem desenvolver as suas capacidades psíquicas latentes geralmente enquadram-se numa de três classes. Na primeira classe incluiria todos aqueles que procuram uma relação mais estreita com o Poder último de que tudo emana. Isto é chamado por vários nomes, conforme a tradição de cada um. Pessoas enraizadas numa das grandes religiões chamar-lhe-ão Deus. Os que aderem a visões éticas agnósticas podem referir-se ao mesmo Poder como Força Vital, Mente Cósmica ou Motor Primário. Por causa do meu próprio condicionamento, uso, na maior parte das vezes, uma terminologia declaradamente cristã. Isto não precisa de impedir adeptos de outros conceitos de partilharem a minha experiência central — expressões paralelas da mesma verdade podem ser encontradas em todas as tradições redentoras.

A segunda categoria de potenciais devotos do psiquismo é composta por aqueles que não têm aspirações espirituais, mas que estão curiosos, de forma casual ou mesmo científica, acerca das suas capacidades neste campo fascinante. Estas pessoas ficam desde já avisadas de que, a menos que se mantenham de mente aberta quanto à possibilidade de serem conduzidas a águas mais profundas, e recetivas a essa condução, a sua experiência quase de certeza acabará por se revelar um beco sem saída.

A terceira categoria consiste em pessoas que cobiçam a potência psíquica por desejo de poder pessoal, prestígio, lucro ou gratificação sensual. A estes últimos o meu conselho é inequívoco: ou desenvolvam motivações

mais elevadas ou abandonem de imediato todo este assunto. A consequência do uso deliberadamente indevido destas capacidades pode ser desastrosa.

Peço, em primeiro lugar, uma abordagem científica.

O cientista em formação começa por aprender a tradição da sua especialidade. A partir daí aprende que, embora muitas das técnicas que usará sejam novas, algumas mudaram muito pouco desde o início da sua disciplina específica. Hoje, o oxigénio é produzido para demonstração em laboratório exatamente como o foi por Scheele e Priestley há dois séculos. Os topógrafos de hoje usam princípios enunciados por Euclides em 300 a. C. Assim é com a ciência psíquica: o caminho foi bem cartografado por aqueles que vieram antes.

"Mesmo no próprio processo da abordagem mística", diz o pensador britânico contemporâneo Paul L. Higgins, "há muito frequentemente fenómenos psíquicos. A maioria dos grandes místicos demonstrou poderes que identificamos como psíquicos e teve experiências que incluíam manifestações geralmente consideradas paranormais ou extrassensoriais…

Os grandes místicos advertiram contra a simples busca de experiências psíquicas; estas grandes almas, repetidas vezes, sublinharam a vida espiritual…"?

Para estabelecer a nossa predisposição mental, nada melhor do que captar algo do estado de espírito de Phillips Brooks quando disse: "Não há nada mais marcante na Bíblia do que a forma calma e familiar com que, do princípio ao fim, ela assume a existência presente de um mundo de seres espirituais, sempre próximos e atuando sobre este mundo de carne e sangue...

Não há reserva, não há vaguidade que deixe margem para que todo o sistema seja explicado como sonhos e metáforas. O mundo espiritual, com toda a sua existência multitudinária, é tão real como as cidades apinhadas, os campos perfumados e os ruidosos campos de batalha do visível…"

Um exemplo marcante do que Brooks quer dizer encontra-se em São Paulo. Ele próprio um psíquico poderoso, Paulo observou estas capacidades

noutros e listou-as cuidadosamente. É cientificamente digno de nota, penso eu, que a sua enumeração destes dons nunca tenha sido ampliada nem reduzida. A lista de Paulo aparece na sua primeira carta aos Coríntios, nos capítulos doze e treze: "Acerca dos dons do Espírito, há algumas coisas que não quero que ignoreis…

Em cada um de nós o Espírito manifesta-se de uma forma particular, para algum propósito útil. Um homem, pelo Espírito, consegue pôr em palavras o conhecimento mais profundo. A outro, pelo mesmo Espírito, é concedida a fé; a outro, pelo único Espírito, dons de cura; e a outro, poderes milagrosos; outro tem o dom da profecia; e outro a capacidade de distinguir os espíritos verdadeiros dos falsos; ainda outro tem o dom de enunciação extática de diferentes tipos, e outro a capacidade de a interpretar… E agora mostrar-vos-ei o melhor caminho de todos… o amor…

Não há nada que o amor não possa enfrentar; não há limite para a sua fé, a sua esperança e a sua perseverança. … Quando eu era criança, a minha fala, a minha visão e os meus pensamentos eram todos infantis" (psicanálise freudiana). "Quando cresci, acabei com as coisas infantis" (terapia centrada no cliente). "Agora vemos apenas reflexos enigmáticos num espelho" (comunicação frustrada), "mas então veremos face a face. O meu conhecimento agora é parcial; então será completo, como o conhecimento de Deus acerca de mim. Em suma, há três coisas que duram para sempre" (ao contrário dos dons psíquicos especiais): "fé, esperança e amor; mas a maior de todas é o amor."2 A parapsicologia moderna nada encontrou para acrescentar a estas categorias de dons psíquicos. Se alguém desenvolver capacidade psíquica, ela será certamente uma ou outra destas.

O proeminente clérigo americano Dr. Wickizer gosta de usar uma anedota de Maeterlinck como indicação para aqueles que iniciam a exploração interior. Uma pequena comunidade agrupada em torno de um farol numa costa remota e perigosa ficou em sérios apuros quando o navio de abastecimento se atrasou. Como amava os seus vizinhos, o faroleiro começou a partilhar o seu excedente de óleo. Por fim, o óleo acabou, e nessa noite o farol não conseguiu manter a luz acesa. Sem a sua orientação, o navio de abastecimento encalhou nos rochedos e a sua tripulação e os abastecimentos perderam-se. "Não dês todo o teu óleo", aconselha Maeterlinck, "deixa que o teu dom seja a chama." O Dr. Wickizer observa que

“no nosso ativismo temos sido demasiado conduzidos por assuntos externos para negligenciar o cultivo dos nossos recursos interiores.”

O cultivo deliberado da capacidade psíquica certamente não exige o abandono da atividade objetiva. Apenas sugere que os mundos interior e exterior sejam trazidos para um equilíbrio mais apropriado. O Dr. Gene E. Bartlett colocou estes dois mundos em relação quando observou: “Deus falou a Moisés a partir de uma sarça ardente; pode falar-nos a partir de uma questão ardente.” O insight interior, por outras palavras, tem de vir primeiro. Pode depois ser seguido por atividade exterior na sua propagação.

Duas palavras intrometem-se logo no início de qualquer esforço para compreender a vida interior, e mais vale tratá-las agora. Uma é “oração”. A outra é “meditação”. Estas são palavras francamente devocionais. Para alguém que detesta o moralismo e suspeita do homem que afirma saber tudo sobre Deus, tais palavras podem ser perturbadoras. O que é, exatamente, “oração”? Num contexto parapsicológico, é geralmente definida como uma forma especial de comunicação telepática, dirigida de modo a envolver o recetor pretendido mais ou menos como as ondas de rádio são refletidas pela ionosfera para recetores sintonizados para as receber.

“Meditar” — o que significa isso? Seja o que for que também signifique, todas as autoridades experientes concordam que começa por estar sozinho e estar em silêncio — realmente sozinho e realmente em silêncio. Silêncio não apenas nos ouvidos, mas profundo no corpo, profundo na mente, “um silêncio muito profundo, imóvel, um silêncio de alma.” Há um provérbio que diz que a água turva, se for deixada em repouso durante algum tempo, fica clara. Assim acontece com a psique. A turbulência acalma, se alguém esperar, puser de lado as distrações e escutar. Para alguém há muito habituado à orientação rotineira do mundo materialista, pode não “parecer correto” ao princípio. Mas, gradualmente, das brumas emerge alguma variação individual e pessoal da maior história alguma vez contada pelo homem e através dele — uma história seriada cósmica, sempre a acrescentar novos episódios.

Começa na pré-história, talvez há dez mil anos, quando alguns membros de tribos meio-selvagens tiveram a ideia de que o princípio por detrás da criação era uma força pessoal, e que “isso” — ou antes “Ele” — lhes tinha falado. Quando lhe perguntaram quem era, respondeu: “Eu Sou Quem Eu

Sou." Não era muito com que trabalhar, mas aceitaram o acordo — "aliança" — que ele ofereceu, uma espécie de parceria evolutiva. A maioria, incluindo a elite sofisticada, inclinou-se a troçar. Mas os que escutaram, ouviram. A mesma voz falou de geração em geração, de época em época, até que agora fala ao nosso tempo, a mim e, se escolheres escutar, a ti.

Embora estes factos históricos exaltados sejam um pano de fundo valioso para uma primeira abordagem, como pessoas práticas não devemos ficar desapontados se as portas do "céu" não se abrirem ao primeiro toque dissonante da nossa nova trombeta. Muitas pessoas acreditam, de forma pouco realista, que a meditação vai resultar de imediato em experiências paranormais ou ocultas maravilhosas. Pode fazer exatamente isso, mas também pode não fazer. Temos de estar preparados, como todos os grandes estiveram, para uma longa caminhada.

No extremo oposto, alguns acreditam que têm de disciplinar o corpo até o terem sob controlo completo e perfeito antes que a meditação possa ser bem-sucedida. Mas nós, que vivemos no mundo ocidental, não temos o tempo e, geralmente, nem sequer a vontade de nos envolvermos em períodos prolongados de meditação, ou de nos submetermos às disciplinas rígidas do yogin da Índia e dos místicos cristãos medievais. Para nós, tem de bastar usar da melhor forma possível o tempo de que dispomos. Mas o nosso esforço tem de ser consistente.

Vinte minutos a meia hora por dia podem ser suficientes. Não importa quando o fazes; o tempo não significa nada num sentido espiritual. Às vezes não consigo encontrar tempo para realmente meditar no silêncio — conhecer-me melhor e fazer um balanço do que se passa — senão mesmo antes de me deitar. Por vezes adormeço enquanto estou desprendido e com a mente concentrada num problema para o qual alguém pediu ajuda. A mente subconsciente toma conta e, de manhã, muitas vezes tenho uma resposta. Dessa forma, tenho sido capaz de ajudar muitas pessoas que nunca vi, mas que estão desesperadamente a precisar de ajuda.

Cada principiante deve encontrar um lugar onde seja tão silencioso quanto possível neste mundo ruidoso. Deve excluir o máximo de luz possível e sentar-se na posição mais confortável que conseguir.

Quando eu estudava com Yogananda, sentávamo-nos sempre no chão, porque essa é a forma tradicional no Oriente, onde as cadeiras, até recentemente, eram muito escassas. A maioria de nós não é hábil nas posturas estranhas que alguns yogins conseguem executar, mas se experimentaste tais posições — "asanas" — e gostas delas, por todos os meios usa-as. Se não achaste difícil a posição de cócoras, há alguma vantagem nela. Ela relaxa todo o corpo e, assim, ajuda a atingir o propósito final da meditação.

Yogananda ensinou-nos que, se começares cedo o suficiente e conseguires gerir as asanas, tanto melhor. Se tiveres outros meios de manter o corpo em forma, podes usar outras posições. O importante é manter a coluna perfeitamente direita, e isto é melhor conseguido por muitos simplesmente deitando-se de costas no chão.

Em seguida, escolhe algo sobre o qual meditar. A concentração é a primeira lição e um requisito essencial para progressos futuros. Concentrar significa levar a mente a uma condição unifocal. Isso exige um objeto de concentração. Algumas pessoas acham difícil ou impossível, no início, usar qualquer conceito abstrato como objeto de concentração. Estas podem alcançar sucesso concentrando-se num objeto físico simples — um anel, um lápis, uma rosa, uma colher.

Conheço um homem que teve sucesso usando como objeto da sua meditação um lago remoto que viu uma vez, no alto de um vale montanhoso distante. Outra pessoa, não encontrando obstáculos em conceitos abstratos, meditou sobre a frase: "Ama a Deus com todo o teu coração, mente, força e alma." Seja o que for que alguém escolha como objeto de meditação, o importante é permanecer nele sem desvio até se estar profundamente, talvez totalmente, em empatia com ele. Quando isso acontece, a mente e o corpo do dia-a-dia ficam em repouso e fora do caminho, e a consciência subliminar pode entrar em ação.

Se esperas estabelecer contacto com desencarnados, é melhor escolher alguém no mundo espiritual que ames, que tenhas conhecido bem, que tenha significado muito para ti e que consigas visualizar sem esforço. Yogananda costumava ensinar que é muito mais fácil se te concentrares numa coisa ou pessoa que tenha significado para ti, que evoque em ti uma resposta

emocional. Se estás interessado em ter a cooperação de desencarnados, eles cooperarão se lhes pedires. Se estás interessado nesse tipo de contacto, visualiza alguém que realmente ames. Vê-o claramente diante de ti, com os olhos fechados. Vê-o, visualiza-o, enquanto isso respira profundamente contando até cerca de oito. Inspira pelas narinas. Não forces. Apenas respira profundamente. Depois expira contando até sete ou oito. Expira sempre pela boca.

Como tanta parvoíce foi escrita sobre respiração, estou a deixar de fora as palavras em sânscrito e híndi. Não há necessidade de nos carregarmos com muitos termos místicos e ocultos — já há dificuldades suficientes sem lhes acrescentar outras. O importante na respiração é estabelecer o ritmo; isso torna mais fácil alcançar o desprendimento. À medida que inspiras, descobrirás, passado pouco tempo, que a pessoa que estás a visualizar parecerá "vir montada" no teu sopro e ficar mais próxima. À medida que expiras pela boca, ela recuará. Isto é um exercício puramente subjetivo, para voltar a pôr em uso os músculos espirituais que perderam força — tal como os músculos físicos do teu braço perderiam se o amarrasses ao corpo durante um ano. Ficámos tão enredados em assuntos externos que nos custa atender a assuntos subjetivos.

Por fim, aquilo que estás a visualizar, se a "coisa" for uma pessoa, começará a ganhar vida. Responderá aos teus desejos. Terás a sensação, ao inspirar e expirar, de que estás a balançar para trás e para a frente. O teu corpo parecerá suspenso. Estarás num estado quase hipnótico.

Não tenha medo do termo "auto-hipnose". Hipnose significa simplesmente sono. Como nos recorda Stanley Hall, todas as disciplinas espirituais e religiosas são hipnóticas no sentido em que constituem esforços para implantar no subconsciente certas ideias que são maiores, mais elevadas, mais significativas e mais úteis do que aquelas segundo as quais habitualmente atuamos. Uma vez afastadas as preocupações com questões externas e as preocupações com sentimentos pessoais, torna-se possível que ideias mais nobres criem raízes. O objeto da concentração nunca é tão importante como o grau de concentração, a intensidade. Algumas pessoas hesitam em entrar em algo semelhante a um estado hipnótico por receio de não conseguirem sair dele. Tal medo, como qualquer psicólogo competente lhe assegurará, é infundado desde que não estejam presentes forças

externas desfavoráveis. A pessoa sob hipnose normal, quando deixada sozinha, simplesmente acorda quando está pronta.

DESCONHECIDO MAS CONHECIDO

Uma vez estabelecido um ritmo respiratório, pode-se experimentar abrandá-lo, gradualmente até metade da frequência inicial. Se suster a respiração por um ou dois segundos — não mais — a sua mente também ficará suspensa. Acabará por alcançar o tipo de suspensão que indica uma concentração bem-sucedida. Não se assuste se parecer que está a afastar-se do seu corpo, como se estivesse a flutuar. Isto pode tornar-se uma tentação e depois um obstáculo intransponível. Conheci um homem que estava no bom caminho para uma meditação bem-sucedida quando o pensamento "Meu Deus, isto é assustador!" o dominou. Abandonou a sua busca e ainda não a retomou. Não tente imitar os outros. Não sobrecarregue a mente com encantamentos mágicos. Deixe que a respiração o conduza à meditação mais profunda. Pratique os exercícios em sua casa todos os dias. Em breve verá que não perdeu o controlo. Com este conhecimento, o seu medo da meditação profunda desaparecerá e a nova dimensão começará a abrir-se para si.

Não há apenas segurança nos números, mas também reforço e encorajamento espirituais. Se existir uma Spiritual Frontiers Fellowship na sua comunidade, junte-se a ela e, se leva estas questões a sério, torne-se ativo no seu grupo de desenvolvimento. Caso contrário, contacte um membro do clero local sobre a possibilidade de formar um grupo local da SFF. A sede da SFF, em 800 Custer Avenue, Evanston, Illinois, 60202, prestará assistência. Se isso se revelar impossível — se for a única pessoa na sua área seriamente interessada no desenvolvimento psíquico — frequente regularmente a igreja da sua escolha, mesmo que não partilhe todas as opiniões do clérigo responsável. A própria atmosfera religiosa possui potência espiritual, e a exposição regular a ela é protetora.

Se encontrar um grupo, entre nele de forma silenciosa e expectante. Evite conversas. Cada membro do grupo deve fazer exatamente o que tem feito em casa. Ao fim de meia hora, cada um deve relatar qualquer coisa que tenha visto ou sentido durante a meditação. A meditação deve incidir consistentemente sobre a única coisa que escolheu como objeto de

meditação no início. Está a estabelecer um contacto com um poder maior do que si próprio. Está a tornar-se consciente de acontecimentos noutra dimensão. Pode começar a ver de forma clarividente ou a ouvir de forma clariaudiente. Pode entrar em transe e dizer coisas que não terão significado para si, mas que alguém do grupo poderá, entusiasmadamente, considerar evidenciais. As reuniões de grupo devem terminar sempre com uma meditação de cura para alguém que se encontre claramente necessitado de cura.

A cura através da oração é, naturalmente, um dos dons espirituais clássicos. A oração, como vimos, é uma forma de telepatia. Pode tornar-se tão intensa — tão carregada de amor e preocupação — que pode ser transmutada em psicocinésia, o termo utilizado para descrever a ação da mente sobre a matéria. Pode assim afetar tecido vivo mesmo à distância. O segredo da cura espiritual é falar à condição daquele que está a ser curado, visualizar a sua condição tal como é e tal como deveria ser, libertar a energia telecinética para efetuar a mudança favorável. Não cria este poder, apenas o foca e dirige.

Uma palavra sobre o ascetismo. A antiga ideia do eremita santo, por vezes assumindo a forma de monaquismo, continua forte tanto nas tradições religiosas orientais como ocidentais. Defendo a posição de que estas práticas — por vezes traduzidas para a vida "civil" como negação extrema do apetite sexual ou gustativo — raramente são benéficas e, por vezes, são definitivamente destrutivas. São Jerónimo refugiou-se certa vez num mosteiro num esforço para alcançar a vida contemplativa. O vazio do modelo monástico e as inanidades dos eremitas profissionais destroçaram-lhe os nervos e perturbaram-lhe a mente. Depois de uma boa tentativa, regressou às rotinas da vida comum.

Existem, claro, exceções brilhantes, mas em geral a vida monástica ascética não se revelou uma abordagem bem-sucedida ao desenvolvimento espiritual. Por vezes, quando monges e freiras alternam a rotina do mosteiro com um ministério ativo às necessidades do mundo exterior — como pregadores, professores, enfermeiros ou administradores — os piores males do sistema são atenuados. Passei bastante tempo — por vezes permanecendo muitas semanas na rotina monástica — em mosteiros ocidentais e ashrams orientais. Houve pouca indicação de progresso

espiritual e muita evidência de retardamento espiritual. Houve sexualidade desenfreada, disfarçada de forma ténue, como ejaculações espontâneas durante as devoções. No esforço de sublimar ou eliminar uma necessidade biológica perfeitamente normal, a pessoa pode tornar-se obcecada precisamente com aquilo que procura eliminar.

Vi, dentro das paredes dos mosteiros, hipocrisia, inveja, discussões, neuroticismo extremo e uma falta profundamente indecorosa daquele espírito fraterno que supostamente é o objetivo. Até a Igreja Católica Romana começa a questionar todo o princípio do celibato. Um inquérito amostral conduzido por um grupo católico denominado National Association for Pastoral Renewal relatou que mais de setecentos homens abandonaram o sacerdócio durante 1966 e 1967, metade deles para se casarem. A situação é tal, relatou a Associação, que exige "um estudo público, plenamente financiado, por parte dos bispos americanos".

Não encontro qualquer justificação para o ascetismo extremo, quer na experiência e observação pessoais, quer nas minhas leituras e reflexões, quer no preceito religioso. Jesus seguiu um ritmo que Arnold Toynbee denominou acertadamente de "retirada e retorno". Por vezes, dizem-nos, "retirava-se para si mesmo", em meditação. Noutras ocasiões, usando as suas próprias palavras, "vinha comendo e bebendo". Não há provas de que alguma vez se tenha casado, mas há provas abundantes de que apreciava a companhia das mulheres. Não só ordenou uma entrada ativa na azáfama do mercado para aqueles que o seguiam, como ele próprio percorreu as estradas poeirentas e se contentou com a multidão suada.

Não se pode, evidentemente, levar uma vida de crescimento espiritual e, ao mesmo tempo, satisfazer qualquer dos apetites naturais em excesso. Descobri isso de uma vez por todas nos meus encontros com drogas e álcool! Mas, se alguém conseguiu escapar à armadilha da dependência física, todos os impulsos e apetites normais encontram os seus lugares legítimos numa ordem de vida equilibrada. O mundo é o nosso mosteiro. O esforço para demonstrar princípios espirituais nesse mundo é a nossa disciplina monástica.

Demonstrar que tais manifestações são regularmente possíveis tem sido um dos aspetos mais satisfatórios do meu trabalho. Cito dois dos meus alunos mais dotados, Clem Tamburrino e Ted Swager, como exemplos. Na

primavera de 1963, Swager era aluno do terceiro ano no Wesley Theological Seminary, em Washington. O Dr. Edward W. Bauman, que recentemente tinha passado pela dramática "conversão" anteriormente descrita, era professor no seminário e também pastor de uma grande igreja. Bauman realizava reuniões de grupo para meditação. Swager participou numa delas numa noite e foi informado pelo médium visitante de que possuía capacidade psíquica. Bauman deu-lhe a minha autobiografia, Nothing So Strange. No ano seguinte, juntou-se a uma unidade da Spiritual Frontiers Fellowship em Baltimore e teve a sua primeira sessão comigo durante uma das minhas visitas a essa cidade. Fletcher reafirmou a capacidade psíquica de Swager e sugeriu que se concentrasse no seu dom de cura, que era muito grande.

Nessa altura, Swager já tinha começado a demonstrar os seus poderes. Um rapaz num hospital de Baltimore não podia ser submetido a uma amigdalectomia necessária devido a uma febre alta prolongada que a medicação não conseguira controlar. Após um serviço de cura, a febre diminuiu. Um cantor com um nódulo numa corda vocal antecipava uma operação para o remover. Após uma sessão de cura com Swager, a operação foi cancelada — o nódulo desaparecera. Swager também começara a produzir comunicações verificáveis enquanto estava em transe.

Em Outubro de 1967 visitei a igreja onde Swager era então pastor, a Calvary Methodist, em Waldorf, Maryland. "Essa noite", escreveu-me Swager, "foi o ponto de viragem no meu ministério e na minha vida." Começou então a fazer viagens regulares às sextas-feiras e sábados para me ver em Filadélfia, para instrução avançada. Numa dessas viagens conheceu outra das minhas descobertas recentes e mais promissoras, Clem Tamburrino.

Conheci Tamburrino pela primeira vez, um guarda de carro blindado que sofria constantemente de uma lesão nas costas considerada "incurável", em Outubro de 1964, quando veio ao meu apartamento na Filadélfia por marcação. Fletcher disse-lhe que tinha o dom da cura; eu assegurei-lhe que, uma vez que Fletcher tinha mais probabilidades de estar certo do que errado nestes assuntos, faria bem em desenvolver os seus poderes. Mas primeiro, sugeri, deveria conhecer os meus amigos Ambrose e Olga Worrall, os famosos curadores de Baltimore, para ver o que poderia ser feito em relação às suas costas.

"Uma nuvem de dor pareceu elevar-se de mim", escreveu-me Tamburrino. Com a saúde restaurada à normalidade, Tamburrino começou então a desenvolver seriamente as suas próprias capacidades de cura. Passou a trabalhar intensivamente comigo em técnicas meditativas e, em pouco tempo, tinha desenvolvido poderes fiáveis de clarividência e clarividência auditiva. Depois, numa noite, durante uma sessão comigo, Fletcher anunciou que Clem estava pronto para iniciar o seu trabalho de cura. Os seus três primeiros casos eram pessoas em situações desesperadas, mental ou fisicamente. Uma era suicida. O sucesso com estes três convenceu-o.

Tamburrino dedica todos os dias em que não está a conduzir o seu camião à cura, pela qual não aceita qualquer pagamento. Entre os seus sucessos documentados contam-se os seguintes: uma mulher, esposa de um colunista de jornal de circulação nacional, que sofrera de enfisema durante quinze anos e se tornara um caso avançado; a sua condição melhorou de forma dramática. Enviei-lhe um jovem brilhante de vinte e três anos cuja vida estava a ser arruinada por algo que os médicos tinham diagnosticado como paralisia cerebral. A sua mão tremia de tal forma que não conseguia segurar um lápis, quanto mais um emprego. Tamburrino reavaliou o problema como neurose e curou-o. O jovem passou num teste de emprego com classificações máximas e agora tem um bom trabalho.

Estes dois, Swager e Tamburrino, começaram a desenvolver as suas capacidades psíquicas pelos métodos sugeridos neste capítulo. São apenas dois entre muitos. Mas os seus dons naturais são grandes. Ainda se ouvirá falar deles.

NOTA AOS CIENTISTAS

A intenção deste livro é chamar a atenção do público para o facto de termos sido informados de forma incompleta e, por vezes, errónea acerca da natureza e da estrutura da vida humana e do universo. Sendo esta uma era da ciência, o público olha para os cientistas em busca de verificação de ideias novas e pouco familiares; para convencer o público é preciso primeiro convencer os cientistas.

O cientista médio não se deixa facilmente mover a considerar provas desconhecidas. Inovadores importantes (Galileu, Leeuwenhoek, Freud, Salk) por vezes encontram grandes dificuldades. Os acontecimentos psíquicos, ocorrendo como ocorrem segundo a sua própria vontade, negam ao cientista um dos seus rituais mais estimados, a experiência repetível à vontade. Por esta razão, muitos recusam confrontar-se com os acontecimentos e substituem a investigação pela retórica. Alguns, contudo, examinaram as provas, que já se acumularam a um ponto em que qualquer cientista que ainda se agarre ao materialismo ortodoxo é perigosamente não científico e desatualizado. Um número crescente de cientistas influentes que sabem isto está a tornar-se, dia após dia, mais preocupado em despertar aqueles que não sabem.

O Dr. Joseph Mayer deu o tom numa comunicação apresentada numa reunião da American Association for the Advancement of Science:

Não intimidaram já o mecanicismo e o materialismo o mundo académico durante tempo suficiente? Não será tempo de os académicos deixarem de usar a palavra "espírito" de forma apologética, furtiva ou em sussurro? Se alguém desejar afirmar a sua fé na "matéria", hoje considerada composta de forma algo indeterminada por espaço vazio intercalado com acontecimentos semelhantes a partículas em rotação, como uma "base firme para a exploração da realidade", é, naturalmente, livre de o fazer. Mas não deveria alguém sentir-se igualmente livre, hoje em dia, para afirmar a sua fé numa hipótese "mentalista" ou "espiritualista", quer em oposição, quer em conjunção com a visão materialista?

Pode-se facilmente perceber alguns aspetos em que a atividade humana corre paralelamente à nova física. Se os acontecimentos semelhantes a

partículas carecem de substância material, o mesmo sucede com as coisas da mente. Se a continuidade completa parece ausente no mundo subatómico, isso não é particularmente estranho, pois o fluxo da consciência humana é interrompido quando um homem dorme e é apenas a memória (outro enigma presente) que mantém unidas as suas experiências. A memória imediata do homem torna-o consciente da emoção, da perceção, do desejo, da antecipação, da decisão e da realização. Serão também discerníveis ou inferíveis os rudimentos destas coisas em níveis mais baixos de consciência, e nos próprios acontecimentos semelhantes a partículas?

Possivelmente a ciência encontrará respostas para estas questões à medida que amadurecer. Em todo o caso, a liberdade e a criação emergente que sentimos em nós próprios já não são estranhas à física atómica nem à cosmologia moderna. Não será possível que uma compreensão mais plena da nova perspetiva agora tornada necessária eleve homens e nações para fora do seu desespero e lhes dê uma fé e uma confiança renovadas? O materialismo nunca foi completamente científico. Foi um físico galardoado com o Prémio Nobel, o professor Percy W. Bridgman, de Harvard, quem disse: «Estamos no limiar de uma nova era do pensamento humano.» Um número impressionante de físicos laureados com o Prémio Nobel aceitou esta nova e mais liberal interpretação das suas obrigações profissionais.

O professor Arthur H. Compton falou frequentemente sobre intuições científicas que conferiam à crença na imortalidade uma posição forte enquanto possibilidade científica. O Dr. Wolfgang Pauli iniciou recentemente experiências na Europa para explorar a cada vez mais estreita terra de ninguém entre as coisas mentais e as coisas físicas. O Dr. Richard Feynman, do Instituto de Tecnologia da Califórnia, laureado com o Prémio Nobel da Física em 1965, foi citado como comparando o universo a «uma hierarquia, com níveis que vão desde a mais simples estrutura atómica até aos conceitos mais subtis da mente, avançando em direção à compreensão de Deus». Até a matemática, «rainha e serva da ciência», se inclina para o espiritual. Desde que o Teorema de Gödel, em 1933, demonstrou que nenhum sistema matemático pode provar a sua própria consistência, os matemáticos tornaram-se menos rigidamente materialistas. «A matemática», escreveu um ilustre praticante da arte, «baseia-se na fé».

«A ciência descobriu que nada pode desaparecer sem deixar rasto», escreve Wernher von Braun, recipiendário do Prémio Langley de 1967 da Smithsonian Institution. «A natureza não conhece a extinção; tudo o que conhece é a transformação. Tudo o que a ciência me ensinou, e continua a ensinar-me, reforça a minha crença na continuidade da nossa existência espiritual após a morte.» O professor que escreve sob o nome «N. Emorey» prevê uma eventual coligação de todas as especialidades interessadas em compreender o universo em que vivemos, e considera isso «não surpreendente, à luz da teoria evolutiva atual».

A religião e a ciência têm a mesma fonte — o fascínio do homem pelo cosmos em que está envolvido. Os primeiros sacerdotes, ao postularem uma mãe-terra e um pai-sol que davam a vida, estavam apenas a dizer em termos poéticos aquilo que o cientista moderno diz quando aponta que a subsistência do homem deriva de materiais fornecidos pela Terra e ativados pelo Sol. O zelo extático que possui o santo consagrado e o cientista dedicado cresce de uma mesma raiz: a consciência ardente e reverente de fazer parte de poderes que transcendem o eu e que dão forma e significado a um cosmos.

Um esforço consciente da comunidade intelectual para mostrar a ligação produtiva entre ciência e religião libertaria grandes quantidades de energia psíquica para um uso evolutivo criativo. Poderia pôr termo a algumas das frustrações de milhões de alunos que ouvem, à segunda-feira, ridicularizar aquilo que aprenderam no domingo. Poderia dissipar a confusão de milhões de adultos, assegurando-lhes que todos aqueles que se esforçam criativamente por evoluir a sua própria consciência estão a participar num acontecimento cósmico significativo. Houve épocas na história em que a contribuição mais importante do intelectual foi enfatizar diferenças e defini-las com precisão. O presente não é uma dessas épocas. A necessidade atual é curar um mundo fragmentado pela tecnologia, apontando aquelas coisas, dentro das atitudes culturais de homens informados, que são comuns.

À luz da rivalidade entre cientistas dos Estados Unidos e da União Soviética, é interessante notar que a ciência oficial russa tomou conhecimento deste campo vital. Em 1932, o Instituto para a Investigação do Cérebro foi incumbido de estudar a telepatia, de modo algo semelhante ao do americano J. B. Rhine. Em 1963, o livro de L. L. Vasiliev *Experiências em*

Sugestão Mental foi traduzido do russo para o inglês. Ao discutir a telepatia, Vasiliev afirma: «Deverão os fenómenos telepáticos ser aceites como definitivamente verdadeiros? Uma coisa é óbvia: já não podem ser ignorados, têm de ser estudados.»

Até agora discuti sobretudo os cientistas físicos. Uma influência igual, ou talvez ainda maior, sobre a credulidade popular é exercida pelas ciências comportamentais. Atualmente, a mais influente destas é a psicologia, e o maior nome da psicologia é Freud. Aqui devemos distinguir claramente entre Freud e os freudianos ortodoxos. É praticamente certo que o Freud desencarnado não se identifica com este grupo. O psiquiatra suíço Carl Jung, que ao longo de toda a sua vida prestou cuidadosa atenção aos fenómenos psíquicos, foi um próximo associado profissional de Freud.

Após a sua rutura profissional formal em 1911, uma relação cordial foi retomada e mantida por correspondência. Numa carta escrita por Freud a Jung na primavera de 1909, Freud descartou levianamente as «investigações do complexo do sobrenatural» de Jung como uma «bela ilusão» e expressou a esperança de que Jung regressasse em breve aos caminhos sólidos trilhados por homens mais sensatos. Algum tempo durante os dois anos seguintes, Freud passou por algum tipo de experiência profunda, transformadora da alma. Em 15 de Junho de 1911, escreveu a Jung o seguinte:

«… Em matérias do oculto tornei-me humilde desde a grande lição que recebi das experiências de Ferenczi. Prometo acreditar em tudo o que puder parecer minimamente razoável. Como sabes, não o faço com agrado. Mas a minha arrogância foi despedaçada. Gostaria que tu e F. atuassem em consonância quando um de vós estiver pronto a dar o passo perigoso da publicação, e imagino que isso seria perfeitamente compatível com uma completa independência durante o progresso do trabalho…
Com cordiais saudações,
Teu fiel,
Freud»

A referência de Freud à publicação como um «passo perigoso» indica uma hostilidade à inovação, manifestada pelos membros comuns do establishment intelectual, que faz lembrar a experiência de Galileu com as suas sugestões acerca do sistema solar. Um grande número de cientistas

atuais, que não só estão plenamente conscientes das falhas da hipótese materialista, como possuem eles próprios dons psíquicos, relutam em tornar publicamente conhecidos esses talentos porque fazê-lo seria profissionalmente «perigoso». A Dra. Karagulla encontrou esta atitude mental como um impedimento constante aos seus estudos. Ela própria membro da comunidade científica, tornou-se uma espécie de centro oficioso de recolha de informação sobre cientistas dotados psiquicamente. Muitos destes são cuidadosos, escreve a Dra. Karagulla, «em não deixar que os seus dons sejam conhecidos».

A cura para a obstinação científica é, naturalmente, a experiência direta. O Dr. Robert A. Bradley, médico, contou recentemente a sua própria «experiência de conversão» nestes termos:

Levantando-me antes de qualquer outra pessoa numa manhã, desci as escadas da nossa grande casa antiga e entrei na sala de jantar vazia para usar o isqueiro pesado que repousava sobre a mesa de tampo de mármore. À medida que a minha mão se aproximava, fiquei espantado ao ver o isqueiro elevar-se suavemente e flutuar cerca de trinta centímetros, vindo a pousar silenciosamente de lado. Atónito, examinei-o minuciosamente. Não havia fios ligados e todos os outros ocupantes da casa ainda dormiam no andar de cima. Notei que, quando deliberadamente inclinado, por mais lentamente que fosse empurrado para fora do equilíbrio, o isqueiro caía ruidosamente com um tilintar metálico, não em silêncio.

Muitas vezes se lê sobre acontecimentos físicos semelhantes e inexplicados ocorridos com outros e descartam-se com um encolher de ombros cético. Certamente, diz-se, estes acontecimentos podem ser atribuídos a alucinações, partidas, truques, fraude, etc. Mas que te aconteça a ti. Que te aconteça uma vez que seja!

O episódio do isqueiro foi apenas o início de uma série de acontecimentos que convenceram o Dr. Bradley de que o universo contém poderes não apreendidos nem pelos nossos cinco sentidos convencionais nem por qualquer instrumentação atualmente conhecida.

A maioria dos exemplos de fenómenos psíquicos até agora mencionados neste livro descreve tipos de manifestações do poder psíquico

conhecidas há muitos séculos e frequentemente observadas sob as mais rigorosas condições científicas. O facto de estas manifestações se adaptarem prontamente a novas condições acrescenta uma faceta adicional a toda a questão. A fotografia, em termos de tempo histórico, é um desenvolvimento relativamente recente. Há alguns anos, durante uma visita a Chicago, alguns amigos meus interessados em todo o tipo de fenómeno psíquico apresentaram-me um jovem chamado Ted Serios, empregado de hotel. Dizia-se que Serios conseguia «pensar» imagens para filme fotográfico não exposto com tal força que, quando revelado, o filme apresentava a imagem mentalmente transmitida como se tivesse sido exposto de forma normal.

Testemunhei vários dias de demonstrações de Serios, durante os quais foram tomadas todas as precauções imagináveis contra fraude — compra de filmes e câmaras em lojas escolhidas aleatoriamente, permitir-lhe manusear a câmara apenas por breves instantes, vigilância atenta, e assim por diante. Após muitos meses de demonstrações para a imprensa, para investigadores qualificados e para curiosos, Serios ficou sob a responsabilidade do Dr. Jules Eisenbud, psicanalista e investigador psíquico, para uma série metódica de testes que acabaria por resultar num livro.

Serios limita-se a segurar a câmara com a lente apontada para si próprio, entra num ligeiro transe e «projeta» a sua imagem. Produziu uma grande variedade de imagens, algumas das quais foram reproduzidas na imprensa. Estas incluem vistas da Torre Eiffel, do Presidente Kennedy, de um Faraó egípcio e numerosos efeitos arquitetónicos, alguns deles feitos em resposta a pedidos específicos. Embora não o soubesse na altura, outros médiuns estavam a realizar psicofotografia noutras partes do mundo.

Quantos possuem este dom? A Eastman Kodak Company tem, há algum tempo, exposições de «fotografia do pensamento». A descoberta repetida, através do trabalho rotineiro de pessoal em locais onde o filme é fabricado e processado, de pessoas que têm de ser excluídas deste tipo de trabalho porque velam o filme ao manuseá-lo, é tomada como indicação de que muitos possuem uma capacidade psicofotográfica potencial. A Dra. Karagulla relata um médium que consegue impressionar imagens diretamente em filme selado, sem a ajuda de uma câmara ou de qualquer outro dispositivo.

A radiestesia, uma das mais antigas artes mediúnicas ainda praticadas rotineiramente, é comum em zonas rurais. Recentemente, contudo, surgiu numa das comunidades mais eruditas de uma das maiores cidades do mundo. Durante a seca de 1966 no Leste, as restrições municipais ao uso da água colocaram os campos desportivos da Universidade de Columbia em risco de se transformarem em terrenos poeirentos. A menos que se encontrasse outra fonte de água, não seria possível manter relva nesses campos. Foi chamado um hidrólogo governamental e uma empresa de perfuração de poços, e foram realizadas oito perfurações de teste.

Todas estavam secas. Nessa altura, um dos doutorados da universidade já estava farto de tais disparates e, «perigoso» ou não, revelou-se. Era um radiestesista; o seu nome, Dr. George J. Halasi-Kun. Pegou numa vareta de latão, percorreu o campo seco de um lado para o outro observando onde a vareta descia, indicou dois locais e disse «perfurem aqui». Ambos produziram água abundante.

Em Fevereiro de 1968 (sob os auspícios da *Spiritual Frontiers Fellowship*), o reverendo Norman Evans, de Camden, Nova Jérsia, um radiestesista bem conhecido que consegue orientar pesquisas de água sem estar presente no local, deu uma palestra com participação do público na Riverside Church, em Nova Iorque. Usando diversos instrumentos de madeira, nylon e metal, incluindo cabides de arame, os membros da audiência passaram sobre uma conduta de água cuja existência Evans tinha corretamente previsto sob o salão. Vários membros do público descobriram pela primeira vez que possuíam o dom. O romancista Kenneth Roberts descreveu o trabalho de outro radiestesista famoso.

Uma das passagens mais debatidas do Novo Testamento é a que descreve o definhamento telecinético da figueira por Jesus. Lembrando sempre que qualquer avaliação teológica de Jesus não depende da sua inquestionável e preeminente capacidade psíquica, podemos perguntar se algum efeito psíquico comparável está a ser demonstrado hoje. Está. John Kobler relatou um desses casos no seu artigo, já citado, na *Saturday Evening Post* de 9 de Março de 1968. O «psíquico», neste caso, é um perito em deteção de mentiras chamado Cleve Backster. Kobler cita Backster da seguinte forma:

Estava a regar uma planta no meu escritório quando comecei a perguntar-me quanto tempo demoraria a humidade a subir das raízes até às folhas. O reflexo galvânico psíquico numa máquina de polígrafo mede alterações na condutividade do corpo. Porque não experimentá-lo na planta? Fixei os elétrodos em ambos os lados de uma folha, esperando que a linha no gráfico subisse à medida que a água ascendia. Em vez disso, desceu. Nunca tinha visto esse tipo de reação em pessoas, a menos que estivesse envolvido algum tipo de emoção.

Quando os seres humanos são ameaçados, o polígrafo dá uma reação brusca. Decidi ameaçar o bem-estar da planta. Mergulhei uma folha numa chávena de café. Nada aconteceu. Experimentei música. Nem um tremor. Por fim pensei: «Vou queimar a maldita coisa.» Era apenas um pensamento, mas a caneta do polígrafo saltou. Peguei em fósforos e fiz gestos na direção da planta. Entusiasmo descontrolado. Durante meses observei plantas diferentes. Reagiam a todo o tipo de atividade estranha. Quando trouxe o meu cão, a caneta do polígrafo disparou.

Backster especulou então sobre o modo como os problemas de outras espécies afetariam as plantas. Arranjou alguns camarões vivos e matou-os atirando-os para água a ferver. A caneta registadora saltou freneticamente. Seria possível que, quando a vida celular morre, emite um sinal captado por outras células?

Reparei que, se algo mais interessante do que camarões distraísse as plantas, elas não reagiam; por isso, dei-lhes muito com que se preocupar. Introduzi condicionamento por choque, à maneira de Pavlov. Depois ajustei o meu aparelho de modo a que, quando o primeiro camarão caísse na água a ferver, as plantas recebessem uma descarga elétrica, mas que não houvesse descarga com o camarão seguinte. Ainda assim, reagiam como se tivessem sido eletrizadas. Ao fim de algum tempo, bastava eu pensar em eletrizá-las e elas entravam em coma, como uma pessoa a desmaiar.

Será irrazoável sugerir que este tipo de coisa contém uma possibilidade de descoberta ainda mais abrangente do que a de Einstein, cuja curiosidade foi provocada por perturbações «insignificantes», mas persistentes, na órbita de Mercúrio? O trabalho do Sr. Backster sugere algo à nossa ciência estabelecida da biologia? Não é legítimo esperar da ciência uma tentativa

conscienciosa de interpretar fenómenos de tal modo que nos dê algo como um mundo coerente? Será, de facto, inteiramente honroso negligenciar, década após década, dados que estabeleceram a sua autenticidade e aguardam interpretação? No entanto, o mundo psíquico está repleto de exemplos dessa negligência. Permitam-me mencionar apenas mais um exemplo: o fenómeno da psicometria, ou «leitura de objetivos». Cito um caso do meu próprio trabalho: uma sessão que teve lugar a 10 de Março de 1967. A transcrição do que aconteceu enquanto eu estava em transe é da responsabilidade do assistente, V. Roth, que eu não conhecia anteriormente.

A minha sessão teve lugar em Filadélfia. Nunca tinha tido uma sessão com qualquer outro médium. Eu tinha sido encaminhado para o Sr. Ford pelo Dr. W. G. Roll, da Psychical Research Foundation, Durham, Carolina do Norte.

Depois de entregar a Fletcher, por intermédio do Sr. Ford, um dedal que eu julgava ter pertencido à minha falecida avó, ele descreveu o seu passado e deu uma das suas iniciais — tudo incorretamente. Mais tarde, a minha mãe confirmou que o dedal tinha sido enviado por uma mulher, já falecida, que fora uma grande amiga da minha avó. O meu pai e a minha mãe confirmaram ambos a completa exatidão da descrição que Fletcher fez dessa mulher.

Entreguei a Fletcher, por intermédio do Sr. Ford, um objeto que tinha pertencido ao meu tio. Fletcher identificou corretamente o nosso grau de parentesco, o local de residência e a causa da morte do meu tio. . . .

De repente, uma voz falou através do Sr. Ford com o mesmo sotaque e a mesma inflexão da fala do meu tio. Senti como se tivesse levado um pontapé no estômago! As palavras concretas que foram ditas tinham sido sempre uma piada privada entre nós.

«É o James?», perguntou Fletcher. Eu chamava sempre ao meu tio «Jim», mas ele referia-se sempre a si próprio como «James». Se Fletcher tivesse «tirado» o nome da minha mente, teria sido «Jim», mas se o tivesse tirado da mente do meu tio, teria sido «James», que foi, naturalmente, o que aconteceu. Quando pedi provas de que era mesmo o Jim, Fletcher perguntou se o nome «Raymond» significava alguma coisa para mim, em ligação com trabalho em rádio ou televisão. Na altura não significava, mas mais tarde

cinco pessoas diferentes confirmaram o facto de que, anos antes, sem eu o saber, o Jim tinha vivido na Raymond Avenue e trabalhado para a RCA.

A psicometria é um fenómeno antigo, ainda sem explicação por parte dos cientistas ou de qualquer outra pessoa, para além dos factos de que os objetivos transportam as suas próprias histórias consigo, de certo modo como as pessoas transportam as suas memórias, e de que certas pessoas, em determinadas condições, são capazes de perceber essas histórias. Ruth Montgomery relata outro caso.

Embora Ford seja sobretudo um médium de transe e não um psicometrista, certa vez entreguei-lhe um relógio de bolso e perguntei-lhe se podia dizer-me alguma coisa sobre a sua pertença. Ele segurou-o entre as palmas das mãos durante alguns minutos e depois começou a massajar os braços como se lhe doessem. «O relógio pertenceu ao teu pai», disse ele. «Ele sofria de dores que lhe desciam pelos braços desde os ombros até às mãos. Eu sei; estou a captar a sua agonia.» Nos seus últimos anos, o meu pai levantava-se muitas vezes de noite e deixava correr água quente sobre os braços e as mãos para aliviar a dor terrível para a qual os médicos não tinham cura. Como só a nossa família imediata sabia disto, Ford não poderia tê-lo sabido por meios normais.

Este livro não completou, de modo nenhum, o inventário dos tipos de acontecimentos que se repetiram década após década, século após século, sem que os cientistas após o «Iluminismo» lhes tenham dado atenção séria e coletiva. Há Therese Neumann, uma mulher fisicamente substancial que viveu uma vida inteira sem ingerir quantidades significativas de comida, água ou substitutos físicos de nutrientes. Há o Padre Pio, que tanto levitou como apareceu em pontos muito distantes do seu corpo físico. Há a prática, que desafia a gravidade, de inclinar mesas, um passatempo de salão para muitas famílias americanas e europeias.

Há o facto de Fletcher ter transmitido mensagens em línguas, incluindo chinês, hindi e árabe, que nem ele nem eu alguma vez tínhamos conhecido. Existe, de facto, uma acumulação esmagadora de provas de que coisas que, segundo qualquer teoria padrão da estrutura do universo físico, não poderiam acontecer, estão, na realidade, a acontecer regularmente. Serei

demasiado ousado ao sugerir que talvez já seja há muito tempo necessária uma nova e mais imaginativa conceção do universo?

Naturalmente, não sou o único a colocar esta questão. Um dos outros questionadores foi-me trazido à atenção com particular força pela pura circunstância. Quando publiquei a minha autobiografia Nothing So Strange em 1958, ela foi entregue, pela Saturday Review, a Siegfried Mandel para recensão. Mandel, perturbado pelo que tinha lido, assistiu primeiro a uma das minhas sessões espíritas e depois escreveu a sua recensão, que concluía:

Foi uma troca em dois sentidos que produziu sinais de reconhecimento, perplexidade e espanto nos dezassete ouvintes, entre os quais médicos, o presidente da câmara de uma grande cidade, jornalistas, uma estrela de cinema e um ministro. Quando Fletcher se dirigiu a mim, cumprimentei-o educadamente e, em seguida, uma série de pessoas que eu tinha conhecido fez comentários e observações tão pessoais que o meu cabelo se eriçou.

Tentei explicar esta estranha demonstração de várias maneiras, mas tive de rejeitar hipnose, telepatia, adivinhação psicológica, truques, pesquisa e memória fotográfica. Preenchi um caderno com reações e relatos dos outros participantes depois de a sessão terminar e não consegui encontrar inconsistências ou indícios que lançassem dúvida. . . . Podemos ter, no campo psíquico, elementos que venham a encontrar interpretação científica. Até lá, estas experiências exploratórias dão-nos matéria para reflexão.

O equinócio vernal desloca-se através de um signo zodiacal completo em aproximadamente dois mil anos. Assim, o «primeiro ponto de Carneiro» passou para Peixes, onde tem estado durante quase dois milénios, e está prestes a entrar em Aquário. Isto é tomado astrologicamente como indicação de grandes épocas históricas, e aqui até historiadores não astrológicos apoiam a tese. A civilização babilónica nasceu por volta de 4000 a.C.; a sequência greco-romana começou por volta de 2000 a.C.; a cristandade ocidental nasceu por volta de 0 a.C. ou d.C. Em cada caso, o ponto vernal estava a entrar num novo signo do zodíaco.

Peixes, o signo dos peixes, regeu a Era Cristã, e o peixe tem sido um símbolo cristão desde o início do Cristianismo. O signo seguinte, Aquário, é definido como «característico de um esforço persistente para estabilizar os

valores do viver por uma adequada realização do sentido da vida». Isto pode ser tomado, astrologicamente falando, como uma declaração da principal tarefa do mundo pós-ano-2000 agora em processo de nascimento. Não é preciso ser astrólogo (o que eu não sou) para ver que tal programa faria bastante sentido.

«Uma adequada realização do sentido da vida.» Dificilmente podemos interpretar mal os sinais dos tempos. A física moderna, quando levada às suas fronteiras, tende sempre a transbordar para a metafísica. Na busca da verdade não há nada a esconder, nada a evitar, ignorar ou disfarçar. A nossa era oferece oportunidades para as mentes esplêndidas, a formação soberba e as intuições profundas da ciência descobrirem e verificarem os universos desconhecidos ao alcance. Os cientistas têm, como nunca antes, o ouvido do público; podem ajudar a inaugurar uma nova era, mais variada, mais interessante, mais excitante do que tudo o que alguma vez foi conhecido. Que a mente científica, portanto, seja verdadeiramente científica. Que explore. Que ajude a humanidade a compreender e a viver o seu destino.

NOTAS

CAPÍTULO 1

Nothing So Strange (Nova Iorque, 1958).

CAPÍTULO 2

2. St. Clair Stobart, Torchbearers of Spiritualism (Londres, 1925).

3. Anónimo, Alcoholics Anonymous (Nova Iorque, 1939).

4. Fabre d'Olivet, Hermeneutic Interpretation (Paris, 1820).

5. G. Maurice Elliott, The Psychic Life of Jesus (Londres, 1964).

6. G. Maurice Elliott, The Bible as Psychic History (Londres, 1959); Gertrude Ogden Tubby, Psychics and Mediums (Boston, 1935).

7. Jean Burton, Heyday of a Wizard (Nova Iorque, 1944); Hereward Carrington, The Psychic World (Londres, 1937).

8. John Kobler, «ESP», Saturday Evening Post, 9 de Março de 1968.

9. Ruth Montgomery, A Search for the Truth (Nova Iorque, 1967).

10. J. B. Rhine e J. G. Pratt, Parapsychology (Springfield, Illinois, e Oxford, Inglaterra, 1957).

11. New York Times, 22 de Maio de 1968.

12. John Sherrill, They Speak with Other Tongues (Nova Iorque, 1964).

CAPÍTULO 3

13. Leslie D. Weatherhead, After Death (Nova Iorque, 1936).

14. Casper S. Yost, «The Coming of Patience Worth», em The Psychic Source Book, Alson J. Smith (org.) (Nova Iorque, 1951).

15. Carrington, op. cit.

16. In You Will Survive After Death (Nova Iorque, 1950).

CAPÍTULO 4

17. «Sittings with Arthur Ford», compilação da Spiritual Frontiers Fellowship.

18. Sugrue, op. cit.

19. Eddy, op. cit. (cap. 3, n. 4).

20. Carrington, op. cit.

21. The Psychic Source Book.

22. Tomorrow (Outono de 1957).

23. Shafica Karagulla, M.D., Breakthrough to Creativity (Los Angeles, 1967).

CAPÍTULO 5

24. Robert Crookall, Intimations of Immortality (Londres, 1965).

25. Ibid.

26. Ibid.

27. 2 Cor 12:2; 1 Cor 15:44.

28. Crookall, op. cit.

29. Karagulla, op. cit.

30. G. N. M. Tyrrell, Grades of Significance (Londres, 1931).

CAPÍTULO 6

31. Tyrrell, op. cit.

CAPÍTULO 7

32. George Lawton, The Drama of Life After Death (Nova Iorque, 1932).

CAPÍTULO 8

33. Louis K. Anspacher, The Challenge of the Unknown (Nova Iorque, 1947).

34. Ibid.

35. Montgomery, op. cit.

CAPÍTULO 9

36. Comunicação privada ao autor.

37. Stewart Edward White, The Unobstructed Universe (Nova Iorque, 1940).

CAPÍTULO 10

38. Kobler, op. cit.

39. «Why Is Astrology So Popular?», Christian Herald (Maio, 1966).

40. Uma versão mais extensa das sessões de Sun Myung Moon, contendo esclarecimentos especiais sobre pontos da fé cristã, pode ser obtida escrevendo a Walter Voelker, 950 Wellington Road, Elkins Park, Pa. 19117.

CAPÍTULO 11

41. Sermão, Catedral de Southwark, 3 de Novembro de 1963.

42. De 1 Cor 12, 13, New English Bible.

CAPÍTULO 12

43. Secção L, AAAS, 28 de Dezembro de 1954, Berkeley, Califórnia.

44. N. Emorey, A Serious Call to an American (R)Evolution (New Haven, 1967).

45. Wernher von Braun, «Immortality», This Week, 24 de Janeiro de 1960.

46. Emorey, op. cit.

47. Citado por Karagulla, op. cit.

48. C. G. Jung, Memories, Dreams, Reflections (Nova Iorque, 1961).

49. Op. cit.

50. Dorothy Bomar Bradley e Robert A. Bradley, M.D., Psychic Phenomena: Revelations and Experiences (West Nyack, 1967).

51. Jules Eisenbud, The World of Ted Serios (Nova Iorque, 1967).

52. Ver Bradley e Bradley, op. cit., e Karagulla, op. cit.

53. New York Times, 26 de Setembro de 1966.

54. Henry Gross and His Dowsing Rod (Nova Iorque, 1951).

55. Nandor Fodor, Encyclopaedia of Psychic Science (Londres, 1933).

56. Siegfried Mandel, «His Man Fletcher», Saturday Review, 11 de Novembro de 1958.

57. Marc Edmond Jones, citado em «Why Is Astrology So Popular», op. cit. (cap. 10, n. 2).